



SÉRIE
WHISKEY MEN

Sempre
SEU

AUTORA BEST-SELLER DO *USA TODAY*

HOPE FORD

HOPE FORD

Sempre SEU

Tradução: Michele Noce Camilo

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2025
Porto Alegre

Sempre Seu
Copyright © 2023 Hope Ford
Copyright da Tradução © 2025 Editora Five

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: Graziela Lancellotti

Tradução: Michele Noce Camilo

Preparação e Revisão: EN Serviços Editoriais

Diagramação: Carol Dias

Ícones de diagramação: Freepik

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F699

Ford, Hope.

Sempre Seu [livro eletrônico] / Hope Ford ; tradução
Michele Noce Camilo -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS : Grupo
Editorial Five, 2025. -- (Série Whiskey Men ; 5)
epub

Título original: Always Yours

ISBN 978-65-5214-134-7

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Sumário

[Início](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a Five](#)

Capítulo 1



ALLY



Coloco a mão sobre a barriga e olho ao redor do local mal iluminado. A música está alta, as pessoas estão relaxando, tentando aliviar o estresse da semana, e estou sentada aqui completamente tensa. Eu não deveria estar aqui, mas quando olho para Natalie, me sinto melhor por não ser a única aqui nessa condição.

Ela se inclina para gritar no meu ouvido:

— Estamos com os bebês... em um bar.

Ela se afasta, rindo e esfregando sua barriga expansiva. Sei que estamos pensando naquele filme popular de anos atrás, em que a mulher segurava seu bebê em um bar. No entanto, nem Natalie nem eu tivemos nossos bebês ainda. Não, para mim ainda falta três meses e para Natalie quatro.

Pego em seu pulso e me movo no banco.

— Não acredito que deixei você me convencer a fazer isso. Eu não deveria estar aqui. Deveria estar em casa com meus pés inchados para cima e tentando descansar. Não é isso que as pessoas dizem? Durma antes do bebê nascer?

Ela dá de ombros e franze o nariz.

— Não, acho que o ditado é dormir quando o bebê está dormindo. E eu a convenci a fazer isso porque não pode continuar se escondendo. Ninguém se importa com suas circunstâncias. Pelo menos não como pensa.

E nesse momento, meu corpo estremece fisicamente com o chute do bebê. Uau, esse foi forte. Passo a mão na barriga ternamente.

— Não estou me escondendo.

Mas assim que as palavras saem, sei que estou mentindo.

— Tudo bem, você queria eu sáísse e estou aqui, mas não pensei

que nos encontraríamos no meu antigo ponto de encontro.

O Whistler é um ponto de encontro popular e venho aqui desde o dia em que fiz vinte e um anos. Basicamente, todo mundo de Whiskey Run quando quer relaxar vem aqui.

Natalie coloca sua mão na minha. Seu toque me acalma e tenho certeza de que é porque estamos na mesma situação. Bem, mais ou menos. Estamos grávidas, mas enquanto ela é casada e em um relacionamento seguro, sou solteira e não tenho ninguém. Bem, eu tenho Austin. Ele é meu melhor amigo que literalmente faria qualquer coisa por mim, mas não é exatamente a mesma coisa. O marido de Natalie, Beau, é um dos irmãos mais velhos de Austin, e tenho certeza de que Austin convenceu Natalie a me arrastar para fora de casa esta noite. Contenho um suspiro, não cedendo à crise de autopiedade que estou sentindo.

— Ok, então como isso funciona?

Olivia, Chloe, Abby e Natalie olham para mim. Olivia está sorrindo de orelha a orelha enquanto tira o livro da bolsa e o segura com um grande sorriso no rosto.

— Já leu este aqui?

Estou prestes a responder quando Abby ofega, pega o livro de suas mãos e o joga com a capa para baixo na mesa entre nós. Ela está olhando ao redor do bar para ver se alguém o viu antes de olhar brava para Olivia.

— Por que fez isso? Por quê? Juro que acho que você faz essas coisas só para me envergonhar. — Ela acena com a mão para o resto de nós. — Sim, todas nós o lemos. Não precisamos pegar o livro para falar sobre ele. Não precisamos que a cidade inteira saiba o que lemos.

Inclino-me e tento ouvir acima dos sons do bar. Pelo menos não é uma noite em que está tendo música ao vivo, pois o lugar estaria lotado e não conseguiríamos ouvir nada. Mas mesmo às seis da tarde, está mais alto do que o normal.

Olivia revira os olhos e arranca o livro das mãos de Abby.

— Você é tão puritana. Este livro é bom. Fiquei impressionada.

Abby balança a cabeça.

— Teve muito sexo e pouco enredo.

Natalie se vira para mim.

— O que achou, Ally? Gostou dele?

Meu rosto esquenta, mas não pelo mesmo motivo que o de Abby. Não, eu achei o livro bom, e sim, tem muito sexo, mas achei que

acrescentou à história. Não, o motivo pelo qual sinto vergonha de falar sobre isso é porque enquanto lia a história, era impossível não me lembrar da minha melhor amiga.

— Achei bom, amo a trope *friends to lovers*. É um dos meus favoritos.

Chloe entra na conversa pela primeira vez:

— Dã! Todas nós poderíamos ter adivinhado isso.

Eu me mexo no assento novamente. Juro que minha bunda dobrou de tamanho porque este assento parece muito menor do que o normal. Tiro o limão do meu copo e o espremo na minha água. Estou tentando pensar em uma resposta, mas tudo o que consigo fazer é mostrar a língua para ela.

Todas as minhas amigas riem e, felizmente, Olivia começa a falar sobre o livro, me livrando da responsabilidade. Só entrei para o clube do livro há algumas semanas, mas já estou amando. Nos últimos meses, passei muito tempo em casa no sofá. Só depois de meses fazendo a mesma coisa noite após noite, com Natalie e Austin me enchendo o saco, é que decidi que precisava me recompor.

Eu estava me escondendo. Moro em uma cidade pequena, estou grávida e não sou casada. Tenho esperado as pessoas da cidade falarem sobre mim. Esperado os olhares ou as pessoas justas me dizerem tudo o que estou fazendo de errado, mas isso ainda não aconteceu. Na verdade, todos na cidade têm me apoiado muito. Claro que é bom ser a melhor amiga de Austin Blaze. Ninguém vai contra um Blaze. Pelo menos ninguém por aqui.

A garçonete chega e começa a servir os aperitivos. Cada lugar vazio na mesa logo é preenchido com batatas fritas, palitos de mussarela, asas de frango e cascas de batata. Ela pega o último item da bandeja e o coloca na minha frente.

— E por último, mas não menos importante, uma salada de frango grelhado com molho ranch separado.

Natalie resmunga e aponta seu garfo para minha comida.

— Bom para você, mas eu vou aproveitar toda essa delícia frita e com queijo.

Olho para o pratinho que ela está enchendo com os aperitivos e fico com inveja na hora. Adoraria comer isso, mas meu médico já me avisou que preciso me controlar porque minha pressão arterial está alta. Na minha última consulta, tive uma conversa de dez minutos sobre a importância da nutrição, então, para evitar repouso na cama e outros problemas, estou me

esforçando para comer o que ele me recomendou. Principalmente porque tenho uma consulta de acompanhamento amanhã.

— Parabéns, a propósito.

Meu garfo está no ar e tento não ficar tensa com as palavras da garçonete. Olho para o crachá dela e leio seu nome. Eu a vejo por aqui sempre. Caramba, tenho certeza de que ela já me ajudou uma ou duas vezes, até mesmo segurando meu cabelo na noite em que fiz vinte e um anos há tanto tempo. Está sorrindo para mim, e me parece um sorriso sincero. Passo a mão pela minha barriga.

— Obrigada, Megan.

Ela franze a testa.

— Ah, parabéns pelo bebê também, mas eu a parabenizei pelo seu noivado. Ouvi dizer que vai se casar com Austin.

Sento-me um pouco mais ereta. Posso sentir todas na mesa me encarando, esperando pela minha resposta. Nunca falo sobre meu relacionamento com Austin, mas obviamente isso está na mente de todos.

— Ah, ahm, obrigada, mas...

Natalie se inclina para mim, apoiando a cabeça no meu ombro.

— Nós vamos ser irmãs e nossos filhos vão ser primos. Tipo, isso é muito legal, não é?

Forço uma risada, embora o que eu realmente queira fazer seja revirar os olhos. Natalie sabe que Austin e eu não vamos nos casar. Ela é casada com o irmão mais velho de Austin e sabe que somos apenas amigos. Bem, eu não deveria dizer apenas amigos. A verdade é que somos melhores amigos desde que estávamos no ensino fundamental, então sim, mais da metade de nossas vidas. Agradeço à garçonete novamente e, quando ela se afasta e está fora do alcance da audição, me viro para Natalie. Todos os olhos ainda estão em mim, mas me dirijo somente à minha amiga:

— Sabe muito bem que Austin e eu não vamos nos casar. — Coloco a mão na minha barriga. — Assim como sabe que este bebê não é do Austin.

Ela ofega como se eu tivesse dito algo horrível quando estou apenas falando a verdade.

— Ally, não diga isso.

Inclino-me em direção a ela.

— Por que não? É a verdade. Não vou me casar com Austin e este bebê não é dele. Não sei por que ele insiste...

Eu me interrompo porque nem sei mais o que pensar. Engravidei e o pai não quer mais nada comigo ou com o bebê. Esperei um pouco para contar a Austin porque sei como ele é. Toda vez que estou com algum problema, ele o resolve. Na minha mente, esse ele não iria conseguir resolver. Ou pelo menos era o que eu pensava. Quando mal acabei de lhe contar, ele me disse: “*Você e eu vamos nos casar*”. E então apontou para minha barriga lisa e continuou: “*E esse bebê é nosso agora*”.

Discuti com ele e, honestamente, sempre consegui o que queria com Austin. É uma piada comum na família dele que se algum deles quer algo dele, eles me usam para conseguir, mas isso era algo que eu não conseguiria convencê-lo a desistir. Desde o dia em que lhe contei, ele continua dizendo que vamos nos casar e ter um bebê.

É só quando balanço a cabeça por estar perdida em pensamentos que percebo que todas as minhas amigas estão olhando para mim. Olivia é a primeira a falar:

— Ok, então está dizendo que o pai não quer nada com você ou com o bebê?

Natalie dá um tapinha no braço da amiga e a repreende:

— Olivia!

Pouso o garfo no guardanapo ao lado da minha salada. Sei que ela não quis dizer nada com isso. Conheço Olivia o suficiente para saber que ela simplesmente diz as coisas como elas são. Trabalhamos no mesmo salão e, embora nunca tenhamos saído juntas fora do trabalho até recentemente, eu a conheço bem.

— Não, está tudo bem. Sim, Olivia, é isso mesmo. Gregory, o pai biológico, não quer nada comigo nem com o bebê.

Ela assente e se inclina para frente.

— Então, esse seu melhor amigo, e nem vou mencionar o fato de que ele é um Blaze e um dos homens mais ricos do estado agora, esse seu melhor amigo quer se casar com você e quer reivindicar seu filho como dele. É isso mesmo? Os rumores são verdadeiros?

Engulo em seco, encarando Olivia com os olhos arregalados enquanto ergo o queixo para ela.

— Sim, são verdadeiros.

Ela franze a testa, olhando para mim. O lugar pode estar cheio de gente, mas agora, estou focado apenas nas mulheres na minha mesa, olhando para mim como se eu tivesse perdido a cabeça. Sei que acham que

estou louca. Tenho certeza de que todas sabem que não tenho família para depender e que moro do outro lado da cidade em um parque de trailers. Tenho certeza de que sabem que não me encaixo com Natalie ou qualquer outro membro da família Blaze. Sob o intenso escrutínio, tudo o que posso fazer é divagar:

— Olha, é claro que ele se ofereceu para me ajudar. É isso que Austin faz. Ele me ajuda. Desde o dia em que nos conhecemos no ensino fundamental, ele está do meu lado, então é claro que ele acha que tem que ser o único a consertar isso, mas não vou puni-lo pelo resto de nossas vidas forçando-o a ficar comigo. Ele não quer se casar comigo... Ele definitivamente não quer ser o pai do filho de outro homem. Não, eu não vou fazer isso. Não vou.

Quando meu discurso termina, estou enxugando a lágrima na minha bochecha, meio enojada comigo mesma. Sou mais forte do que isso. Não sou de chorar, mas esses hormônios estúpidos da gravidez me fazem fazer todo tipo de coisas malucas.

Nat envolve sua mão na minha, me oferecendo conforto, e Olivia levanta a dela com a palma virada para mim.

— Sinto muito, Ally. Sei que isso não é da minha conta e eu deveria ficar fora disso, mas posso perguntar uma coisa?

Dou de ombros, ainda na defensiva. Seja lá o que ela está prestes a me perguntar, isso não vai me fazer sentir pior.

Ela respira fundo.

— Isso é tudo que eu vou dizer e depois vou ficar fora disso. Primeiro de tudo, estamos todas do seu lado. Sei que é nova no grupo, mas você é uma de nós, e infelizmente isso significa que vai ter que ouvir minha opinião mesmo que não seja o que queira.

Concordo com a cabeça enquanto meu coração acelera um pouco. Sei que não sou realmente uma delas, mas é bom ouvir isso mesmo assim.

— A outra coisa é que já vi vocês dois juntos na loja e aqui. Nós sempre a vimos com Austin... e vimos o jeito que ele olha para você. Pode pensar que ele está fazendo isso por causa da necessidade de cuidar de você, mas há mais do que isso. — Ela se inclina para frente. — Tudo o que estou dizendo é para ouvi-lo. Escute o que ele tem a lhe dizer. Você deve isso a si mesma.

Fungo e concordo com a cabeça, sem acreditar em nada disso. Não há dúvida de que Austin e eu temos uma amizade ótima. A melhor de todas.

Mas não há mais nada nisso. Não importa o quanto eu deseje que tenha.

Capítulo 2



AUSTIN



Espaço. Sei que ela quer espaço, mas não vou dar isso a ela. Nos últimos seis meses, tentei ser paciente e lhe dar uma chance de tomar sua própria decisão. Tive que intensificar meus esforços e, pelo jeito que ela está me encarando, sabe muito bem o que eu fiz.

— É sério isso? — ela me pergunta.

Dou de ombros, sem revelar nada.

Ela olha ao redor do salão, e as mulheres sob os secadores de cabelo estão com os olhos grudados em nós. Tenho certeza de que, embora não consigam ouvir nada, estão tentando ler nossos lábios. Ally está varrendo o cabelo do chão de sua última cliente, e eu queria que ela estivesse olhando para mim, mas desde o momento em que entrei, tem evitado me olhar nos olhos.

Sento-me na cadeira mais próxima e espero ela sair. Sei que ela não vai me evitar para sempre, e estou disposto a esperar. Essa é uma das vantagens de ser amigo de Ally por tanto tempo: eu a conheço e, no momento, ela está sobrecarregada, e se a faz se sentir melhor ter um tempo para pensar nas coisas e formar um pensamento antes de conversarmos, por mim tudo bem.

Depois que termina de varrer, ela vai para os fundos. As mulheres sentadas sob os secadores olham para mim e uma delas coloca a cabeça para fora.

— Não vai atrás dela?

Olho para a porta pela qual Ally acabou de desaparecer.

— Não, ela vai demonstrar quando quiser falar comigo.

A mulher assente.

— Ela vai mudar de ideia. São os hormônios da gravidez. Você só

precisa ouvi-la e dar a ela o que ela precisa. Todo casal discute, mas vendo vocês dois... vão ficar bem.

Aceno com a cabeça, apreciando as palavras dessa mulher com quem nunca tinha falado.

— Obrigado, de verdade.

Ela assente e enfia a cabeça de volta no secador no momento em que Ally volta dos fundos. Ela não olha para mim, apenas para o chão na minha frente.

Aproveito a oportunidade para examiná-la. Seus olhos parecem cansados e sei que não está descansando como deveria. Estou feliz que saiu com Natalie e suas amigas ontem à noite, mas parece que está pagando o preço por isso hoje. Observo a extensão de sua barriga e minhas mãos coçam ao meu lado, querendo tocá-la. Os cachos de seu cabelo comprido ruivo estão soltos em suas costas e, mesmo agora, depois de todos esses anos, ela me tira o fôlego. Eu sempre a achei linda e odeio que sinta vergonha agora que engordou. Ela não percebe que é linda desse jeito também.

Ally finalmente se aproxima de mim depois de organizar sua área de trabalho.

— Oi, Austin, minha agenda está lotada hoje. Meu próximo cliente deve chegar a qualquer momento. Quer que eu veja se Olivia ou alguém está disponível?

Eu me levanto e fico de pé em minha altura máxima.

— Eu sou seu próximo cliente.

Ela olha para o telefone em sua mão e então para mim.

— Você é o Kennedy? — Ela balança a cabeça e gesticula em direção à sua área. — Por que agendou com seu nome do meio?

Espero até estar sentado para responder:

— Porque achei que você daria um jeito de cancelar ou algo parecido se soubesse que era eu. Você tem me evitado.

Suas bochechas ficam rosadas e ela parece culpada enquanto me olha no espelho.

— Não tenho evitado você.

Ela pega a capa, a coloca sobre mim e a prende no meu pescoço. Mantenho meu olhar fixo nela no espelho.

— Tem sim, e eu estou tentando não levar para o lado pessoal e lhe dar tempo...

Ally começa a falar, mas quando vê os olhares curiosos daquelas ao nosso redor, ela se inclina, de costas para elas, e diz o que tem a dizer tão baixo que tenho que me esforçar para ouvi-la.

— Poderia me dar um tempo? Está dizendo a todos que vamos nos casar e que este é bebê é seu...

Ela coloca a mão na barriga protetoramente e não luto mais contra a vontade de tocá-la. Cubro a mão dela com a minha, envolvendo meus dedos nos dela.

— Ally, sei que odeia quando tento lhe dizer o que fazer, então vou lhe perguntar: Você quer se casar comigo e me deixar ser o pai do seu bebê?

Ela ofega e morde o lábio inferior. Ela quer dizer sim, sei que quer, mas também sei que não vai ceder tão facilmente, pois já está balançando a cabeça.

— Não posso, Austin, sabe que não posso.

Odeio ouvir não, e não preciso ouvir isso com frequência, mas vindo de Ally, é ainda pior.

— Eu sei que você pode. Tudo o que precisa fazer é dizer sim.

Ela se endireita e se afasta do meu toque. Passa a mão pelo meu cabelo e então cutuca meu ombro.

— Vamos lavá-lo.

Ally se afasta e me levanto para segui-la. Ela cuida do meu cabelo a cada duas semanas nos últimos anos, então sei o que fazer. Sento-me na cadeira e me inclino para trás. Respiro fundo enquanto ela se inclina sobre mim, pressionando sua barriga de grávida contra meu ombro.

— Ainda não terminei essa conversa, Ally.

Ela sorri para mim, e é o primeiro sorriso verdadeiro que vejo em seu rosto em um tempo.

— Sei que não. Confie em mim, sei que provavelmente conversaremos sobre isso até a morte, mas podemos fazer isso em outro lugar?

Ela ergue os olhos e olha ao redor do salão, mas meus olhos nunca deixam seu rosto. Sei o que ela vê. Todo mundo está nos observando. É assim em todos os lugares que vamos, e sei que muito disso tem a ver com o fato de que me certifiquei de contar a todos que quisessem ouvir que Ally e eu vamos nos casar. Honestamente, não seria uma grande notícia, já que sempre fomos vistos juntos. Tenho certeza de que metade da cidade pensou que acabaríamos juntos de qualquer maneira. Não, a razão pela qual ficam

olhando é porque Ally ainda está sem um anel, e parece que vai continuar resistindo por um tempo.

— Tudo bem, podemos conversar sobre isso mais tarde. Que horas você sai?

Ela está lavando meu cabelo e tento ignorar a sensação das mãos dela em mim. Quando não responde, pergunto de novo:

— Que horas? Vou levar o jantar.

Ela balança a cabeça de novo.

— Na verdade, tenho planos para esta tarde.

Está cautelosa, olhando para tudo, menos para mim de novo.

— Planos? Que tipo de planos?

Ela dá de ombros.

— Só planos.

Aperto as laterais da minha cadeira com um pouco mais de força.

— Um encontro?

Finalmente, ela olha para mim e começa a rir. Juro que ela até bufa um pouco.

— É sério isso? Um encontro? Não tem olhado para mim ultimamente? Não, eu não tenho um encontro.

Fico quieto enquanto ela termina de lavar meu cabelo. Quero perguntar mais sobre seus planos, mas não pergunto. Antigamente, contávamos tudo um ao outro, mas agora ela está cada vez mais reservada. É uma droga, mas ultimamente, não tenho conseguido conversar com ela.

Ela termina de enxaguar meu cabelo e me inclina para secá-lo com uma toalha. Vou até sua área e me sento. Ela começa a penteá-lo e, como não consigo me conter, pego na sua mão para pará-la. Seus olhos se fixam nos meus e digo o que tenho pensado, o que provavelmente não deveria. Algo que tenho guardado para mim por muito tempo:

— Eu tenho sim olhado para você, Ally, e só porque está grávida, não a torna menos desejável. E outra... — Respiro fundo e solto o ar lentamente. — E outra, você sempre foi sexy, mas vê-la assim traz algo à tona em um homem. Então, sim, a ideia de você ter um encontro não é ultrajante. Só espero que caso planeje ter um encontro com alguém, esse alguém seja eu.

Ela arregala os olhos e, quando termino de dizer tudo, sua respiração sai em pequenos ofegos. Fica sem palavras e, quando continua apenas me encarando, meio que parece uma rejeição. Solto a mão dela, mas

mantenho meus olhos grudados nos dela.

— Austin... eu... — ela começa e para, e é óbvio que a deixei desconfortável. Talvez eu esteja fazendo tudo errado. Talvez ela não queira se amarrar a mim.

Forço meus olhos para o espelho na nossa frente.

— Está tudo bem, Ally. Podemos conversar mais tarde.

— Mas... — ela começa, e quando não diz mais nada, encontro seus olhos e forço um sorriso.

— Está tudo bem, sério. Sei que este não é o lugar para falarmos sobre tudo.

Ela inala profundamente e assente.

— Ok, claro, tem razão. Quer do mesmo jeito de sempre?

Sei que ela está falando sobre meu cabelo e concordo com a cabeça. Ela começa a trabalhar e me perco em pensamentos, refletindo em tudo que quero. A verdade é que não quero que continue tudo igual. Gostaria que fossemos diferentes. Quero mais do que a amizade dela. Quero ter o direito de tocá-la, abraçá-la e lhe dizer que vai ficar tudo bem. Quero ser aquele em quem ela depende. Quero ser aquele que ela ama. Mas agora, com o silêncio tenso entre nós, estou começando a me perguntar se nossa amizade vai sobreviver a isso.

Capítulo 3



ALLY



Isso não é nada bom.

Digo isso pela maneira como a enfermeira continua olhando para mim enquanto anota meus números. Juro que ela estalou a língua quando viu que eu tinha engordado cinco quilos no último mês. Acredite em mim, não preciso que ela estale a língua para mim. Eu sinto o peso de cada um desses quilos, e isso já é punição suficiente.

— E então? — pergunto a ela, depois que ela tira uma amostra de urina, verifica meu peso, oxigênio e pressão arterial.

Ela termina de escrever e estou começando a me perguntar se ela me ouviu quando finalmente pula da cadeira.

— Ok, o Dr. Parks está fora da cidade, mas o Dr. Reynolds está substituindo-o. Ele vai chegar em breve.

Levanto as mãos.

— Espere, mas eu quero me consultar com o Dr. Parks.

A enfermeira revira os olhos para mim com impaciência.

— Entendo, mas ele está fora da cidade. O Dr. Reynolds é um ótimo médico. Além disso, ele é bonito também.

Minha boca se abre. *Sério? Ela realmente disse isso?* Tenho certeza de que há algum código de ética ou algo assim dizendo que não se deve falar sobre seu médico ser atraente com uma paciente, mas obviamente a Enfermeira Malévola não sabe disso. E não, o nome dela não é realmente Enfermeira Malévola, mas esse é o nome que dei a ela, o que acho que ela merece. A última vez que estive aqui, ela fez um grande alarido sobre o fato de eu estar grávida e não casada. Pensei em trocar de médico na época, mas não consegui porque o Dr. Parks tem sido maravilhoso comigo.

— Não me importo se ele é bonito. Eu quero o Dr. Parks. — Pegó

minha bolsa, jogo-a no ombro e tento fazer uma cena saindo da cadeira, mesmo que isso acabe levando o que parecem ser cinco tentativas antes de finalmente ficar estável em meus pés. — Vou esperar até que ele volte para a cidade.

Estou com a mão na porta quando ela me para:

— Srta. Trevers, não a aconselho a ir embora. Sua pressão arterial está alta e sugiro que fique para ser atendida. — Paro, mas ainda estou determinada. Amo meu médico. Ele é um homem mais velho que já fez milhares de partos e é gentil. Estou prestes a dizer que vou marcar outra consulta quando ela continua: — E entendo que queira se consultar com o Dr. Parks, mas pela saúde do seu bebê, você deveria pelo menos ficar e deixar o Dr. Reynolds examiná-la.

Deixo minha cabeça cair. Não sou mais só eu. Não posso simplesmente fazer o que quero; preciso cuidar do meu filho agora, e mesmo que este bebê seja uma surpresa, eu já o amo. Cerro os dentes e volto para minha cadeira.

— Tudo bem.

Ela não se gaba nem nada, já que obviamente conseguiu o que queria. Ela apenas cantarola: “o médico chegará em breve” e sai da sala.

Cruzo as mãos sobre a barriga. Não sei quanto tempo fiquei sentada, mas quando acordo, tem um homem muito bonito com um jaleco branco em pé sobre mim.

— Oi, Srta. Trevers, desculpe-me por interromper seu sono.

Sento-me mais ereta na cadeira e limpo a boca porque sim, até tenho um pouco de baba acumulada no canto dos lábios.

— Não, está tudo bem. Desculpe-me por ter adormecido.

Ele puxa seu banquinho com rodinhas e se inclina para mim. Tenho que concordar com a enfermeira, pois ela realmente não estava mentindo. O Dr. Reynolds é muito bonito. Ele sorri para mim.

— É completamente compreensível. Vamos conversar um pouco.

Concordo com a cabeça e cruzo as mãos sobre a barriga.

Ele pega meu prontuário e começa a ler antes de fechá-lo e inclinar a cabeça para o lado.

— Você me parece familiar...

Tiro meu cabelo do rosto.

— Bem, moro em Whiskey Run desde que nasci.

Ele assente.

— Já a vi com Austin Blaze, você é a...

Antes que ele possa terminar a frase, completo para ele:

— Melhor amiga? Sim, somos amigos praticamente a vida inteira.

Ele franze a testa, mas assente.

— Ok, bem, tenho uma notícia boa e uma ruim. Qual você quer primeiro?

Suspiro.

— A boa.

Ele sorri novamente.

— Ótimo, ok, bem, a notícia boa é que se você fizer o que eu lhe disser, então você e o bebê terão melhores chances de ficarem saudáveis.

Sinto como se fosse um puxão no meu peito porque sei que não vou gostar da notícia ruim.

— Isso é bom. Então, qual é a notícia ruim?

Ele cruza os braços sobre o peito.

— Uhm, tem alguém que gostaria que estivesse aqui com você?

Pela primeira vez desde que descobri que estava grávida, o medo real toma conta. Fico nervosa com a mudança de tom dele. Agarro as laterais da minha cadeira.

— Doutor, sinceramente, você está me assustando. Por favor, me diga o que há de errado.

Ele ainda está com os braços cruzados e assente.

— Ok, bem, encontramos proteína na sua urina, e sua pressão arterial está alta. Alta demais.

Cruzo os pés na altura dos tornozelos, o que até parece ser um feito.

— Uhm, e o que significa proteína na urina?

Ele ignora minha pergunta, segura meu pé e o levanta.

— Você está com bastante inchaço.

Engulo em seco.

— Sim.

— Tem dores de cabeça?

Não sou de reclamar, e até mesmo ser sincera com o médico agora parece uma reclamação.

— Uhm, sim, geralmente tenho todos os dias, mas se eu dormir ou tomar um analgésico... — Levanto a mão. — O Dr. Parks disse que não tem problema tomá-los durante a gravidez.

O Dr. Reynolds assente. Ele está com meu prontuário aberto

novamente e está fazendo algumas anotações.

— Ok, sei que isso não é o que você quer ouvir.

Levanto a mão.

— Me diga logo, doutor, porque estou um pouco assustada.

Ele rola seu banquinho para mais perto de mim, e sua voz cai pelo menos uma oitava.

— Você tem que descansar, Srta. Trevers.

Eu literalmente solto um suspiro de alívio. *Graças a Deus*. Ok, eu posso fazer isso.

— Descansar, certo, isso eu posso fazer. E se eu descansar, o bebê vai ficar bem?

Ele balança a cabeça.

— Acho que não fui muito claro. Qual a sua profissão?

Franzo a testa, já não gostando do rumo disso.

— Sou cabeleireira.

Sua carranca se aprofunda.

— Então você fica de pé o dia todo?

Não quero, mas não há como evitar. Concordo com a cabeça.

— Sim.

Ele pega um bloco de receitas e escreve algo nele antes de arrancar a folha e entregá-la para mim.

— Aqui está. Dê isto ao seu chefe e avise que vai tirar as próximas duas semanas de folga. Mas só para constar, Srta. Trevers, pode ser que demore mais. No momento, não vou colocá-la em repouso na cama... ainda.

Minha boca bate no chão.

— Uhm, repouso na cama? Não preciso de atestado. Sou minha própria chefe, só alugo um espaço no salão e não posso tirar duas semanas...

Ele começa a me interromper, mas levanto minha mão.

— Não posso tirar *duas ou mais* semanas de folga. Sei que é importante para mim e meu bebê comer, então por isso, não posso me dar ao luxo de tirar folga. Não posso.

Ele se aproxima e coloca a mão no meu ombro.

— Eu entendo o que está dizendo, mas para sua saúde, e a do bebê, você realmente precisa repousar. Estou preocupado com a pré-eclâmpsia, e isso pode ser perigoso para vocês dois. Acho que precisa se preparar, pois o bebê pode precisar vir mais cedo do que o esperado.

Eu apenas o encaro, sem palavras. Tudo o que ele disse está girando

na minha cabeça, e estou me sentindo completamente sobrecarregada.

Ele parece sentir isso e me dá um tapinha no ombro.

— Diz aqui que da última vez que você fez um ultrassom, não conseguimos ver o sexo do bebê. O que acha de subir aqui para darmos uma olhada?

Concordo com a cabeça, ainda incapaz de formar qualquer frase. Parece que meu mundo inteiro está desmoronando ao meu redor.

Ele estende a mão para me ajudar a levantar e, quando estou acomodada na maca e me inclinando para trás, ele me pergunta novamente:

— Tem certeza de que não quer ninguém aqui com você...

Sua voz some e balanço a cabeça.

— Não, o, uhm, o pai não está envolvido.

Sua carranca se aprofunda ainda mais.

— Ah, ok. Então vamos focar aqui. Poderia abaixar um pouco a calça bem abaixo da barriga? Pode ser que seja um pouco gelado no começo... desculpe, é que o aquecedor desta sala quebrou. — Ele esguicha um pouco do gel gelado na minha barriga e começa a pressionar meu estômago. Acabei de esvaziar minha bexiga, mas tenho medo de que se ele continuar pressionando do jeito que está, vou passar vergonha e fazer xixi aqui mesmo na maca.

Ele vira uma tela para que nós dois possamos ver e continua movendo o transdutor na minha barriga. O som do batimento cardíaco do meu bebê enche a sala e solto um suspiro audível.

— Os batimentos cardíacos estão bons e constantes — ele diz.

Mordo meu lábio inferior e espero que algo apareça na tela. Agora, parece apenas uma transmissão de televisão granulada. O médico clica em alguns botões e a tela congela enquanto ele tira fotos.

— Quer saber o sexo do bebê?

— Sim! — respondo com muito mais entusiasmo do que deveria na sala pequena e silenciosa.

Ele ri e então balança a cabeça.

— Uma menina. Você vai ter uma menininha.

Não consigo evitar; lágrimas começam a rolar pelo meu rosto. Faço promessas a mim mesma e até rezo a Deus para amar e cuidar da minha bebê.

Que ela sempre seja amada.

O médico me entrega alguns lenços de papel, e quando os uso para

limpar meu rosto, ele me dá mais.

— Esses são para sua barriga.

Concordo com a cabeça, pegando todos. O Dr. Reynolds continua me dizendo sobre o que preciso fazer, uma receita que ele vai me dar e para eu ligar se precisar de alguma coisa. Honestamente, depois do ultrassom, tudo se torna um borrão. Tudo o que sei é que tenho que cuidar da minha bebê... não importa o que aconteça.

Capítulo 4



AUSTIN



A destilaria é como uma máquina bem lubrificada. De vez em quando, algo quebra ou algo na fórmula se altera, mas na maioria das vezes, tudo corre bem. E sim, sempre acontece algo com os funcionários. Alguém liga por causa de uma criança doente ou alguma emergência, mas na maioria das vezes, nossos funcionários são excepcionais. Não nos importamos em pagá-los bem.

Mas hoje não está sendo um dia tranquilo. Estamos terminando nosso maior pedido da semana, duas pessoas estão resfriadas e um dos dutos quebrou no meio do pedido. Chamamos o técnico e agora já está funcionando, e chamamos algumas pessoas que estariam de folga hoje. Estamos finalmente nos atualizando e vamos cumprir o prazo, mas por pouco não conseguimos.

Quando meu telefone toca, atendo-o automaticamente:

— Austin Blaze.

— *Oi, Austin, aqui é Brandon Reynolds.*

Estou andando pela destilaria observando tudo para ter certeza de que está tudo funcionando.

— O que houve, doutor?

Dividi o quarto com Brandon no meu primeiro e único ano de faculdade. Ele era uma espécie de prodígio, se formou no ensino médio mais cedo e estava no quarto ano de faculdade quando eu estava no primeiro. Não sei como acabamos no mesmo quarto. Tenho certeza de que meu pai esperava que a inteligência de Brandon me afetasse, mas isso não aconteceu. Na verdade, eu era uma má influência para ele. Muitas vezes brinquei que ele me devia uma por eu ter me mudado, porque se tivéssemos ficado juntos, ele teria curtido demais e provavelmente não teria conseguido

entrar na faculdade de medicina. No entanto, depois que larguei, mantivemos contato, mas geralmente em jantares planejados ou algo parecido. Não em ligações aleatórias.

O homem do outro lado da linha fica quieto e digo seu nome novamente:

— Brandon? Está aí?

— *Sim, estou. Como você está? Como vão os negócios?*

Franzo a testa porque conversamos ao telefone há pouco tempo e essa está se tornando uma conversa muito estranha.

— Uhm, estou bem, e os negócios estão indo bem. Você ligou para colocar o papo em dia? Estou meio que ocupado agora. Posso ligar mais tarde?

— *Uhm, sim, claro, eu ia lhe contar sobre a paciente que tive hoje, mas claro, podemos conversar mais tarde.*

Congelo porque conheço Brandon. Ele é médico e o tipo de homem que leva o juramento de Hipócrates a sério. Ele não fala sobre seus pacientes com ninguém. A menos que...

— Quem era sua paciente?

Em vez de responder, ele diz:

— *O que está acontecendo, Austin? Você e Ally são melhores amigos há muito tempo. Ela não se lembra de mim, mas não a culpo. Está passando por muita coisa agora.*

— O que está acontecendo, Brandon? Ela está bem?

Ele ainda não me responde, e isso está começando a me irritar.

— *Ouvi dizer que você é o pai. Ally não me disse isso, mas esse é o boato. Isso é verdade?*

Digo a ele o que digo a qualquer outra pessoa que me pergunte:

— Ally e o bebê são meus.

Ele suspira e há raiva em seu tom.

— *Ok, então explique essas coisas para mim: Por que ela me diria que não pode se dar ao luxo de tirar uma folga do trabalho? Por que ela veio ao meu consultório hoje esgotada, doente, sobrecarregada e cansada? Caramba, cara, ela adormeceu na sala esperando cinco minutos por mim. A pressão arterial dela está tão alta que sei que, a menos que ela faça grandes mudanças, o bebê vai ter que nascer antes da hora.*

— Porra! — grito bem alto. Todos param de trabalhar e olham para mim. Ignoro os funcionários e saio da usina em direção ao estacionamento.

Estou prestes a agradecer a Brandon pelo aviso, mas ele ainda não terminou:

— *E por que, se ela é sua mulher e o bebê é seu, ela está indo sozinha a essas consultas médicas? Por que ela está lidando com tudo isso sozinha?*

— Isso não vai mais acontecer. Olha, é complicado, mas estou prestes a descomplicar tudo. Ela vai repousar e, de agora em diante, será cuidada. Quer ela goste ou não.

— *Ótimo, mas não chegue gritando com ela para não piorar as coisas.*

Estou balançando a cabeça enquanto entro no meu SUV. A verdade é que não tenho certeza de como vou fazê-la me ouvir, mas vou ter que descobrir.

— Não vou fazer isso, prometo. Obrigado por me avisar, Brandon.

— *De nada.*

Encerro a ligação e imediatamente ligo para Ally. Toca cinco vezes e cai na caixa postal. Agarro o volante e sei que preciso de um plano. Primeiro, ligo para meu gerente assistente. Nunca delego minhas obrigações, geralmente escolho fazer tudo sozinho, mas vou começar agora mesmo. Dou a ele uma lista de coisas que preciso fazer e digo que nas próximas semanas estarei um pouco ocupado. E que ele pode ligar para mim se precisar de algo.

Segundo, saio do estacionamento e vou para minha casa. Ally não vai gostar disso, sei que não. Posso contar nos dedos as vezes que fui à casa dela, mas não tem outro jeito. Ela sempre esteve segura em nossa amizade. Pelo menos eu achava que estava. Ela conhece meus pais, meus irmãos, todos a amam e fariam qualquer coisa por ela, mas ainda há uma parte dela que acredita que ela não se encaixa conosco, o que é besteira. Não há nenhuma parte de mim que se importe com o lado da cidade em que ela mora, quem são seus pais ou qualquer outra coisa. Ela sempre foi a “minha pessoa”, e o fato de ela morar em um parque de trailers não vai ficar entre nós. Não tenho escolha. Se ela não quer vir para minha casa, então eu vou para a dela.

Posso fazer as malas, ir ao supermercado, comprar o jantar e chegar na casa dela na próxima hora ou duas. Sei que vou entrar numa briga, mas vou fazer o que Brandon sugeriu. Não vou aborrecê-la, mas vou conseguir o que eu quero. E o que eu quero é a Ally... e o nosso bebê.

Capítulo 5



ALLY



Toc. Toc.

Estou com a cabeça em uma almofada, olhando para o teto rebocado. Ignoro as manchas de água porque sei que meu telhado tem alguns vazamentos, mas não há nada que eu possa fazer agora. Fecho os olhos, ignorando a batida e esperando que quem quer que seja vá embora.

Por apenas um segundo, sinto a culpa de não atender a porta. Provavelmente é minha vizinha idosa, que provavelmente só quer se certificar de que estou bem, mas acabei de me sentar e realmente não quero me levantar.

Toc. Toc.

Desta vez soa mais alto e apenas alguns segundos depois, ouço a voz de Austin do outro lado:

— *Ally, sei que está aí. Abra a porta.*

Levanto a cabeça tão rápido que fico um pouco tonta. O que Austin está fazendo aqui? Ele nunca vem ao parque de trailers.

Quero ignorá-lo, mas sei que não adianta. Ele não vai embora até falar comigo.

— Estou indo! — grito.

Coloco os pés no chão e me esforço para me levantar no momento em que Austin bate novamente. Chego à porta e a abro.

— Sério? Espere, Austin. Estou muito mais lenta do que costumava ser, então se acalme. Quer dizer, sei que é pedir muito para Austin Blaze ter um pouco de paciência, mas você deveria tentar pelo menos uma vez.

Por um segundo, parece que eu o magoei, mas ele esconde o sentimento rápido o suficiente.

— Oi para você também. Posso entrar?

Ele está gesticulando para as sacolas de compras em seus braços e para minha casa, então empurro a porta um pouco para bloquear sua visão.

— Olha, agora não é uma boa hora. Acabei de chegar em casa e quero descansar.

Ele coloca a bota na soleira para me impedir de fechar a porta.

— Boa tentativa. Deixe-me entrar. Eu não vou embora, Ally.

Inclino minha cabeça para trás para olhá-lo no rosto.

— O que está fazendo aqui, Austin? Você nunca vem ao parque de trailers.

Ele cerra a mandíbula.

— Primeiro de tudo: você age como se eu evitasse este lugar, e eu não faço isso. Sabe muito bem que não me importo onde você mora, não como está insinuando. E segundo: a razão pela qual nunca venho é porque você não se sente confortável comigo aqui, mas isso vai mudar a partir de agora.

Quando não me mexo, ele levanta as sacolas nos braços um pouco mais alto.

— Deixe-me colocar isto na cozinha. Depois tenho que pegar o jantar no carro. E então podemos conversar e, se exigir que eu vá embora, eu vou.

Solto uma risada.

— Ah, claro, eu o conheço, Austin Blaze, você não vai embora só porque exige. E segundo: o que você trouxe para o jantar?

Ele ajeita as sacolas nos braços novamente, mas não sinto pena dele porque ele pode facilmente carregá-las enquanto corre cinco quilômetros sem nem perder o fôlego porque simplesmente está em forma. Ele balança a cabeça de um lado para o outro e sorri para mim.

— Sério que não sabe o que eu traria para você comer?

Tento esconder a empolgação no meu rosto, mas sei que não estou conseguindo.

— Você trouxe wrap de frango com molho ranch?

Ele assente.

— Com pickles extras separado.

Gemo e abro a porta, pegando as sacolas em seus braços.

— Eu as levo para dentro. Vá pegar minha comida.

Ele puxa as sacolas de volta.

— Sério? — diz com uma risada.

Eu me movo para o lado e gesticulo para ele entrar. Não sei o que eu estava pensando, mas conheço Austin, e não tem como ele me deixar carregar nada. Antes de eu engravidar, ele nunca me deixou levantar um dedo quando saíamos juntos. Desde que engravidei, tenho sorte que ele me deixa andar com meus próprios pés. Eu não deveria me incomodar com isso, mas me incomoda. Não consigo deixar de me sentir culpada porque sei que ele não tem que cuidar de mim, mas toda vez que tento lhe dizer isso, ele discorda.

Austin entra no meu trailer pequeno e mantenho os olhos focados nele. Ou é isso ou sei que vou olhar ao redor para a sala mal mobiliada, a tinta descascada nas paredes da cozinha ou as portas dos armários penduradas nas dobradiças.

Ele pousa as sacolas e vem na minha direção.

— Sente-se.

Ele coloca a mão na parte inferior das minhas costas e vai comigo até o sofá.

— Mas Austin, e a minha comida?

Ele ri.

— Vou acomodá-la primeiro antes de pegá-la.

Ele me ajuda a me acomodar no sofá e me movo para evitar a mola quebrada que está cutucando minhas costas. Ele coloca um travesseiro na mesa de centro e então tira meus pés do chão e os coloca gentilmente nele.

— Ok, fique aí que eu já volto.

Ele chega à porta antes que eu consiga me recompor.

— Não sou um cachorro. Você não pode simplesmente me dar ordens e esperar que eu o obedeça.

Ele está com uma mão na porta, para e olha para mim.

— Essa é uma das razões pelas quais estou aqui, Ally. De agora em diante, as coisas vão ser diferentes entre nós. Vou pegar a comida, guardar as compras enquanto você come e então vamos conversar.

Austin não espera que eu responda. Ele sai pela porta de tela, deixando-a bater atrás de si. Em menos de um minuto, ele volta com uma sacola familiar do Red's Diner. É grande e está cheia de embalagens de isopor, e sei que tem mais coisas nela do que apenas meu wrap.

Gemo e então pergunto:

— Por favor, não vá me dizer que você trouxe o bolo de canela Blaze?

Ele coloca a sacola na mesa de centro e começa a tirar a comida.

— Eu não trouxe o bolo de canela Blaze. Você disse que tinha que parar de comer doces, então eu não o peguei. Mas peguei algumas frutas, uma salada e sopa de legumes.

Ele pega o primeiro isopor com o wrap de frango e o coloca facilmente na minha barriga. Nem posso ficar ofendida porque no último mês, é exatamente assim que tenho comido todas as refeições. Dou uma mordida e mastigo-o lentamente. Austin está me encarando e lambo meus lábios para limpá-los.

— Uhm, não vai comer?

Ele balança a cabeça.

— Almocei tarde. Vou guardar as compras enquanto você come.

Austin move tudo para perto de mim para que eu não tenha problemas para alcançá-las e então se levanta e vai até a cozinha. Dou algumas mordidas antes de tirar um tempo para fazer a pergunta:

— Então, por que comprou o lanche e as compras? Sabe que posso comprar minha própria comida, não sabe?

Ele assente e continua guardando as coisas.

— Sei sim.

Quando ele não diz mais nada, como mais um pouco do wrap, observando-o trabalhar.

Quando ele termina, forço meus olhos para a embalagem vazia na minha frente.

— Quer uma fruta?

Ele a está segurando para mim, mas balanço a cabeça.

— Não, estou empanturrada. Obrigada, Austin, o wrap realmente caiu bem.

— Quer que eu coloque isto na geladeira para você comer depois?

Concordo com a cabeça e coloco a mão sobre minha barriga enquanto inclino minha cabeça para trás no sofá.

— Isso seria ótimo.

Quando termina de guardar tudo, ele se senta ao meu lado. Tento não ficar tensa, mas não há como lutar contra isso. As coisas nunca foram estranhas entre nós, mas não posso deixar de sentir que nosso relacionamento está tenso desde que engravidei, e não ajudou em nada o fato de eu ter recusado quando ele tentou me convencer a me casar com ele.

Puxo minha camisa mais para baixo sobre minha barriga e tento não

me mexer.

— Ok, então você vai me dizer o que está fazendo aqui?

Ele se move para a almofada do meio para se sentar bem ao meu lado. Tudo o que posso fazer é observá-lo se inclinar para frente, desamarrar os cadarços das botas, tirá-las e então apoiar os pés na mesa de centro ao lado da minha.

— Vou ficar aqui.

Eu rio porque acho que ele está brincando, mas quando tudo o que ele faz é me encarar com aquele olhar desafiador que ele tem dominado nos últimos seis meses, o sorriso desaparece do meu rosto.

— Você não vai ficar aqui.

Ele não reage. Apenas continua me encarando com aquele olhar de quem sabe o que está fazendo.

— Austin, você não vai ficar aqui.

Ele apenas ri.

— Vou sim. Fiz uma mala. Está no carro, mas vou tirá-la em um minuto. Quer assistir algo na TV?

Ele pega o controle remoto, mas eu o tiro de suas mãos.

— Austin, você não vai ficar aqui.

Ele assente.

— Vou sim.

Então gaguejo:

— Mas por quê?

Ele coloca os pés no chão e se vira para mim enquanto coloca uma mão no meu joelho.

— Porque eu vou cuidar de você.

Eu o interrompo:

— Eu posso cuidar de mim mesma.

Não sei se é o estresse do dia ou o quê, mas as emoções me atingem com força. Estou enxugando as lágrimas no meu rosto tão rápido quanto elas caem. Estou soluçando, e Austin provavelmente nem consegue entender o que estou dizendo, mas não consigo parar de divagar:

— Por que todo mundo acha que não consigo cuidar de mim mesma? Estou fazendo o melhor que posso. Sei que preciso melhorar, mas estou tentando. Estou tentando tanto, Austin, mas não nunca é bom o suficiente. Não sou boa o suficiente... droga, não consigo nem manter meu bebê saudável... eu mesma saudável...

Ele me puxa para seu colo e me abraça. Não luto contra e deito minha cabeça em seu ombro e deixo meu corpo amolecer no dele. Ele beija o topo da minha cabeça.

— Porra, por favor, Ally, pare de chorar. Eu posso lidar com qualquer coisa, menos com você chorando, sabe disso.

Mas choro ainda mais. Ele está esfregando minhas costas com ambas as mãos.

— Desculpe — soluço.

Ele me aperta ainda mais forte.

— Não, não se desculpe. Você nunca precisa se desculpar comigo. Por favor, Ally, vamos viver isso um dia de cada vez. Você é e sempre foi minha melhor amiga. Me conhece melhor do que ninguém e sabe que se eu não quisesse fazer algo, eu não faria. Eu quero fazer isso. Quero cuidar de você. Quero cuidar do nosso bebê.

— É uma menina — murmuro. — Descobri hoje que vou ter uma menina.

Ele ofega.

— Uma menina? Isso é incrível, baby! Você vai ser a melhor mãe de todas. E eu provavelmente vou acabar na cadeia na primeira vez que um garoto a chamar para sair, mas vamos lidar com isso... Você está feliz, Ally?

Dou de ombros e viro a cabeça para enterrar meu rosto em seu pescoço. Agarro sua cintura com as duas mãos e me aconchego nele.

— Sim, estou feliz, mas estou com medo, Austin. Estou com tanto medo.

Posso senti-lo respirar fundo e soltar o ar lentamente.

— Estou do seu lado, Ally. Sempre. Você só precisa permitir e me deixar ficar do seu lado. — Ele se inclina para trás no sofá, mas não me solta. — Descanse, baby. Sei que está cansada. Deixe-me abraçá-la.

Não consigo resistir a ele porque, pela primeira vez em muito tempo, é bom deixar meus problemas se dissiparem e ter outra pessoa suportando o peso de tudo isso. Fecho os olhos e a última coisa que me lembro de ter pensado antes de dormir é que eu poderia me acostumar com isso.

Capítulo 6



AUSTIN



Inclino-me para trás na cadeira e, para meus irmãos, provavelmente pareço calmo, tranquilo e controlado. Estou tentando ficar alerta durante toda a reunião, mesmo quando Beau falou sem parar sobre planilhas, mas quanto mais tempo fico sentado aqui, mais ansioso fico. Não ouvi falar de Ally a manhã toda e, assim que essa reunião acabar, vou sair daqui e ver como ela está.

Ontem à noite, dormir no sofá com ela nos braços me deu apenas um vislumbre de como nosso futuro poderia ser, e não vou desistir disso agora.

Perdido em pensamentos, dou um pulo quando Ford me chama. Ergo os olhos e todos os meus quatro irmãos estão me encarando com expectativa. Inclino-me para frente e coloco meus braços na mesa à minha frente. Estou balançando a perna sob a mesa, mas, fora isso, tento parecer calmo.

— Ok, minha vez. Desculpe. Sim, a destilaria está indo bem. Meu assistente entrou para ajudar um pouco mais, mas os pedidos estão indo bem e estamos no topo de tudo. Tive que consertar um duto ontem, então pedi outro. Vamos instalar o novo e usar o que foi consertado como reserva. Fora isso, está tudo bem.

Ford assente.

— Ok, parece bom.

Bato de leve o punho na mesa duas vezes, forço um sorriso no rosto e me levanto.

— Terminamos? Mesmo horário na semana que vem?

— Austin, o que está acontecendo? — meu irmão Huddy pergunta. Olho para ele e meus outros irmãos, e todos estão com uma expressão

preocupada. Não posso culpá-los. Sei que não tenho sido o mesmo ultimamente, e eles me deram um certo espaço para tentar resolver as coisas, mas sabia que isso não duraria para sempre.

— Não está acontecendo nada. Desculpe, pensei que tínhamos terminado, mas se não, tudo bem. O que mais falta? — Viro-me para meu irmão, que é o Diretor Financeiro e adora falar sobre dados, ROI e toda essa merda.

— Há outra planilha que quer analisar, Beau?

Huddy mal segura uma risada.

— Você é o nosso irmãozinho e estamos preocupados, só isso.

Aponto meu polegar para Lucas.

— Ele é o bebê da família. Preocupem-se com ele.

Huddy se inclina em minha direção, coloca a mão no meu ombro e o aperta.

— Fale conosco, Austin. O que está acontecendo? Como a Ally está?

Balanço a cabeça e passo os dedos pelas têmporas.

— A pressão dela está alta. Alta demais, e os médicos querem que ela faça repouso, mas é claro que ela não vai fazer isso. Ela prometeu que iria desacelerar, e está tentando, mas... — Paro frustrado.

— Mas, o quê? — Lucas pergunta.

Balanço a cabeça, sabendo da ironia do que estou prestes a dizer:

— Ela diz que não tem dinheiro para tirar uma folga do trabalho.

— Porra, Austin...

Levanto a mão antes que Huddy possa terminar seu pensamento:

— Sim, tentei oferecer dinheiro a ela. Tentei lhe dizer para não se preocupar com nada, mas ela é tão independente que acha que pode fazer tudo sem nenhuma ajuda. Estou praticamente forçando-a a depender de mim, e não tenho certeza se isso é o certo a fazer, mas não posso simplesmente ficar parado permitindo que ela machuque a si mesma ou ao bebê.

Huddy aperta sua mão em meu ombro e meus outros irmãos se levantam de suas cadeiras e circulam ao redor da mesa de conferência para vir em minha direção.

Beau é o primeiro a perguntar:

— O que podemos fazer, Austin?

Dou de ombros, sem saber o que dizer.

— Eu me mudei para a casa dela.

— Para o trailer?

Meus olhos brilham para Ford.

— Não seja esnobe.

Ele revira os olhos.

— Não sou. O que podemos fazer? Tem que haver alguma coisa.

— Nada. Não há nada que alguém possa fazer. No final das contas, cabe a ela fazer repouso. Não é como se eu pudesse forçá-la a largar o emprego ou se sentar e colocar os pés para cima.

Lucas se inclina contra a mesa.

— Não entendo. Todos nós amamos a Ally. Caramba, ela faz parte da nossa família desde que você estava no ensino fundamental. Sei que ela é sua melhor amiga, mas sempre foi como uma irmã mais nova para nós. Não podemos simplesmente ficar parados sem fazer nada.

Jogo as mãos para o ar.

— Eu sei disso.

Ford cruza os braços sobre o peito.

— Não entendo. Você a ama.

Nem tento negar. Amo a Ally e como mais do que apenas uma amiga. E então Ford olha para mim incisivamente.

— E ela o ama também.

— Ela não me ama — digo isso com firmeza, mas até eu consigo ouvir a esperança na minha voz.

Ford finca os pés no chão e inclina a cabeça.

— Ok, se acredita nisso, então o que está fazendo? Você disse a todos que vai se casar com ela e que o bebê é seu. Se acredita nisso, acredita que ela não o ama, então o que está fazendo?

Passo a mão pelo meu cabelo e balanço a cabeça.

— Vocês não entendem.

Huddy interrompe:

— Então explique para nós.

— Pensei que poderia deixá-la ficar com alguém. Pensei que poderia ficar na minha e deixá-la formar sua família com outra pessoa. Quero que ela seja feliz e tenha tudo o que desejar, mas não posso deixá-la fazer isso. Porra, não posso.

O berro de Beau surpreende a todos nós:

— Então não deixe isso acontecer! Não a deixe!

Todos nós nos voltamos para ele. Ele é o mais educado de todos nós, e esse tipo de reação dele me deixa de queixo caído. Ele não percebe ou parece se importar.

— Porra, Austin! Todos nós já vimos vocês juntos. Vocês se amam. Todo mundo sabe disso... você sabe disso. Ela provavelmente sente que essa sua mudança de atitude é porque está com pena dela ou algo do tipo. Ela não percebe que você foi um covarde durante todos esses anos. Não percebe que você sempre foi apaixonado por ela e manteve um relacionamento platônico porque você é um bundão.

Ford se coloca entre Beau e eu e levanta as mãos entre nós.

— Já chega, Beau. Austin, o que você precisar de nós, o que Ally precisar de nós, estamos aqui. Você pode consertar isso, irmão. — Ele coloca a mão em volta da minha nuca. — Confie em mim, faça o que for preciso para consertar isso porque o resultado final vale a pena. O amor vale a pena.

Quero ficar bravo. Eles me xingaram, mas mereci os xingamentos. Eu mereço tudo isso.

— Eu sei. Porra, eu sei que vale a pena. Ela vale a pena. Eu preciso ir. Preciso verificar as remessas que estão saindo hoje antes de ir para casa. E preciso ver como a Ally está.

Cada um dos meus irmãos se reveza para me abraçar antes de eu sair. Eles são os únicos que podem me xingar em um segundo e me abraçar no outro, mas não trocaria nenhum deles por nada.

E sei que eles estão certos. Não posso foder com tudo. Preciso consertar as coisas porque sei que Ally e eu fomos feitos um para o outro. Pode ter demorado um pouco para me recompor, mas consigo enxergar o quão bons podemos ser juntos. Só tenho que convencê-la a me dar uma chance... e então garantir que ela nunca se arrependa.

Capítulo 7



ALLY



Cheguei do trabalho e estou exausta. Sinto como se mal conseguisse levantar a cabeça do sofá. Austin preparou o jantar e me encheu de proteína e vegetais.

Ele fez tudo por mim e recusou minha ajuda para lavar a louça já que ele cozinhou, e insistiu para que eu me sentasse e descansasse. Eu deveria estar de bom humor. Minha pressão arterial está dentro do normal, me alimentei e não tenho nada para fazer até ter que estar no trabalho amanhã, mas não consigo sair dessa depressão.

Tenho certeza de que não tem nada a ver com o fato de Austin estar andando pela minha casa sem camisa. Ele sempre foi tão bonito assim? Aceno minha mão na frente do meu rosto porque parece que ficou pelo menos dez graus mais quente aqui nos últimos minutos.

Por que é tão sexy vê-lo encher a máquina de lavar louça? Os músculos de suas costas flexionam enquanto ele se move e mordo meu lábio para conter um gemido. Ele fecha a porta da máquina e forço meus olhos para o teto de pipoca.

Enquanto ele entra na sala de estar mantenho meus olhos longe dele. Austin me conhece melhor do que ninguém, e eu definitivamente não quero que ele descubra o que estou pensando agora.

Ele para ao lado do sofá e ainda estou focada no teto como se estivesse encantada com a mancha de água que está lá desde sempre.

— O que há de errado, Ally?

— Nada — murmuro.

— Ally — ele cantarola meu nome, e me forço a olhar para ele.

— O quê?

Ele está de pé sobre mim com as mãos na cintura. Droga, ele é lindo

e está me fazendo sentir coisas que eu não sentia há muito tempo.

— Fale comigo. O que há de errado?

Fecho os olhos porque ele é bonito demais. É isso. Pelos próximos meses até que esses hormônios da gravidez estejam sob controle, vou simplesmente me abster de olhar para ele.

— Não há nada de errado.

Ele se inclina para mim e tira o cabelo do meu rosto.

— Fale comigo, Ally. Algo está te incomodando.

Quando eu o ignoro, ele pergunta novamente.

— Ally...

Com meus olhos fechados, pergunto:

— Sabia que todo mundo na cidade acha que vamos nos casar?

— Sabia.

Aperto meus olhos.

— E que todo mundo acha que esse bebê é seu?

Ele é extremamente rápido para responder, sem nenhuma hesitação:

— Sim.

Deixo escapar um longo suspiro.

— Não vamos nos casar, Austin.

Ele apenas ri.

— Vamos sim.

— Não vamos não.

Dou de ombros, recusando-me a brigar com ele sobre isso. Sinto sua perna roçar meu braço e presumo que esteja indo embora. Fico surpresa quando o sinto colocar as mãos em volta dos meus tornozelos. Abro os olhos e me apoio nos cotovelos.

— O que está fazendo?

Ele levanta minhas pernas e se senta, então descansa meus pés em seu colo.

— Relaxe, vou só massagear seus pés.

Estou prestes a protestar até que ele pressiona seus dedos no arco do meu pé e, em vez de pará-lo, deixa minha cabeça cair para trás com um gemido alto e gutural.

Ele para e levanto a cabeça para olhar para ele.

— Deus, não pare.

Ele ri e agarra meu pé.

— Não vou. — Ele pressiona meus pés, movendo-se de um para o

outro. Não consigo parar os sons que saem da minha boca, e nem tento. O que quer que ele esteja fazendo comigo, é bom.

Ele move as mãos para cima e começa a massagear minha panturrilha.

— Porra, Austin, isso é bom.

Não consigo resistir agora. Abro os olhos e o observo enquanto ele move suas mãos para cima e para baixo em minhas pernas. Ele está sorrindo enquanto acalma meus músculos doloridos.

Seu toque fica mais profundo e eu gemo novamente.

— Sério, se essa coisa toda de uísque não der certo, você definitivamente poderia conseguir um emprego como massagista.

— Ha! Bom saber, mas não pretendo sair por aí fazendo massagens em pessoas que não conheço.

Reviro os olhos e tento agir como se a ideia de ele fazendo massagens em outra pessoa não me incomodasse, quando na verdade, isso me deixa louca. Fico vermelha na hora. Só de imaginá-lo tocando em outra mulher me deixa tensa.

Ele dá um tapinha na minha perna.

— Que foi? Deveria estar relaxando. Por que está tensa? O que está acontecendo nessa sua linda cabecinha?

— Nada.

Ele dá um tapinha na minha perna novamente e começa na outra. Estico meus pés e ofego quando os sinto cutucando algo duro e ereto. Congelo. Eu deveria me afastar e agir como se nada tivesse acontecido, mas não sou assim. Flexiono meu pé novamente e ainda está lá. Não estou imaginando.

— Uhm, Austin?

Ele ajusta meus pés para longe de sua protuberância e sua voz soa baixa e tensa:

— Sim, baby?

Juro que sinto um puxão na minha barriga quando ele me chama de baby.

— Uhm, o que está acontecendo aí embaixo?

— Se você vai gemer desse jeito, eu vou reagir.

Jogo um braço sobre meus olhos.

— Bom saber que é preciso apenas um som.

Ele para de massagear meus pés e envolve ambas as mãos em volta

dos meus tornozelos.

— Não sou um perverso. É preciso mais do que um som.

Cerro os dentes.

— Ainda bem que você pode cuidar disso mais tarde.

Não quero pensar nele com outra mulher, e a ideia de que ele pode sair daqui e ir para os braços de alguma mulher para se satisfazer me deixa mal.

Suas mãos apertam meus tornozelos.

— Ally...

— O quê? — pergunto, incapaz de esconder minha raiva.

— Você me parece brava.

Suavizo minha voz, embora meu punhos ainda estejam cerrados.

— Não estou brava. Quer dizer, não há razão para que qualquer um de nós não esteja satisfazendo nossas vontades. Vá viver, Austin, vá se divertir.

Ele passa os polegares em círculos sobre meus tornozelos e estou fazendo de tudo para não deixar meu corpo reagir. Ele começa a acariciar seu dedo para cima e para baixo.

— Então acha que eu vou sair para fazer o quê? Encontrar uma mulher aleatória para cuidar do meu pau duro?

Ofego e levanto o braço dos meus olhos para poder vê-lo. Não acredito que ele acabou de me dizer isso. Austin e eu somos próximos, mas ele nunca falou comigo sobre essas coisas. No entanto, minha surpresa não o impede, pois ele continua:

— Quer dizer, isso não parece justo, certo? Você é a razão de eu estar nesta condição. Você é a razão de eu estar prestes a gozar no meu short... e acha que eu deveria deixar outra mulher cuidar disto?

Ergo o pé e chuto sua perna.

— Que engraçado, Austin. Você sabe que eu não causei isso.

Ele se mexe no sofá e se senta um pouco mais ereto.

— Acredite em mim, Ally, você é a única razão de eu estar assim.

Austin solta essa bomba e tudo o que consigo fazer é encará-lo, boquiaberta, em choque. Ele está falando sério agora? Há quanto tempo desejei algo mais com Austin? Só por mais da metade da minha vida. Depois do ensino médio, soube que não adiantava ter esperanças. Ele tinha uma namorada atrás da outra, e não tinha como eu me comparar a elas. Desisti de qualquer esperança de pensar que poderia haver algo entre nós.

Aceitei que nunca seríamos nada mais do que amigos. Então por que ele está agindo assim?

Capítulo 8



AUSTIN



— Você só está com tesão, Austin. Tem estado muito ocupado tentando cuidar da sua melhor amiga grávida em vez de cuidar — ela aponta para minhas regiões inferiores — disso. Você precisa transar.

Eu a encaro, completamente em conflito. Sempre agi com cuidado com ela. Nunca me permiti flertar com ela ou dizer algo inapropriado, embora eu definitivamente tenha tido esses pensamentos. Dou de ombros quando chego à conclusão de que estou cansado de me conter. Se eu quero a Ally, terei que demonstrar isso.

— Estou com tesão. Não transo há alguns anos.

Isso cai como uma bomba para ela. Disso eu tenho certeza. Ela acha que tenho uma vida sexual ativa, mas a verdade é que não tenho. Ela luta para se mexer no sofá, mas pego sua mão e a puxo para cima enquanto ela praticamente grita comigo:

— O quê? Alguns anos? Mentiroso.

Eu a encaro com um olhar bravo.

— Sim, porque eu sempre minto para você.

Ela começa a gaguejar e balança a cabeça.

— Merda, você está falando a verdade.

Sei que é mais uma pergunta retórica, mas ainda assim aceno com a cabeça.

— Sim, estou falando a verdade.

Sua boca está aberta.

— Mas, por quê? Isso não faz sentido. As mulheres se jogam em cima de você.

Reviro os olhos para ela.

— Não durmo com qualquer uma que demonstre interesse em mim.

Ela assente.

— Eu sei, mas isso ainda não explica o porquê você não transa há... anos.

Levanto uma perna no sofá e me viro para encará-la. Ela está sentada do mesmo jeito, e nossas pernas estão se tocando.

— Tem certeza de que quer saber?

Ela olha para mim preocupada por um segundo.

— Meu Deus, Austin. — Ela coloca a mão na boca e sussurra: — Você tem alguma coisa?

Recuo surpreso.

— O quê? Não, claro que não. Caramba, já que quer saber de tudo, dormi com três mulheres e me protegi todas as vezes.

Ela empurra uma mão contra meu peito.

— Mentira, Austin. Não tem como você ter dormido apenas com três mulheres. Estamos na casa dos trinta.

Respiro fundo e solto o ar.

— A primeira foi na faculdade e, uhm, eu fui um idiota. Não significou nada. A segunda foi...

Ela me interrompe, levantando a mão com uma expressão de nojo.

— Não quero ouvir sobre as mulheres com quem você dormiu.

Concordo com a cabeça, entendendo. Toda vez que penso nela com o pai do bebê, quero socar alguma coisa.

— Eu entendo. Também não quero falar sobre os homens com quem você dormiu.

Ela assente e então inclina a cabeça.

— Ok, tenho que perguntar... Por quê? Por que você não dorme com uma mulher há tanto tempo?

Esfrego minha mão suada na coxa coberta com o short.

— Não vou falar sobre isso com você.

Ela ri.

— Inferno, você não pode soltar uma bomba dessas e não me contar a história. Por que você não...

Não quero ouvi-la dizer sobre sexo novamente porque isso evoca todos os tipos de imagens na minha mente.

— Porque eu não consigo... você sabe...

Ela torce o nariz para cima.

— Não consegue... O quê... levantar? — Como se isso já não fosse

ruim o suficiente, ela aponta o dedo e o deixa mole.

Agarro a mão dela.

— É, isso resume tudo.

Ela balança a cabeça antes mesmo de eu terminar e começa a rir.

— Mas isso não é verdade... funciona... eu senti. Quer dizer, eu senti contra meu pé. Você definitivamente consegue ficar duro.

Não a solto, mas deixo nossas mãos caírem na minha perna entre nós.

— Tem razão, Ally. Eu definitivamente consigo ficar duro... com você.

Ela aponta para si mesma enquanto arregala os olhos.

— Comigo?

Não consigo evitar rir. Ela realmente não tem ideia?

— Sim, quando penso em você, quando a vejo, quando a toco... eu fico duro.

Ela se afasta da minha mão e tenta se afastar, mas agarro sua cintura para mantê-la parada.

— Aonde pensa que está indo? Você queria falar sobre isso e tem razão, já passou da hora. Acho que precisamos falar sobre isso. Já está na hora de deixar isso claro, não acha?

Ela soa como se estivesse prestes a chorar:

— Está mentindo para mim, Austin.

Nego imediatamente:

— Eu não estou mentindo para você.

Ela cruza os braços sobre o peito amplo. Seu cabelo ruivo está todo bagunçado ao redor da cabeça, seus lábios estão franzidos e seus olhos marejados.

— Não preciso que sinta pena de mim.

— Sentir pena de você? Mas eu não sinto pena de você. Do que está falando?

Ela aponta para sua barriga e então a gesticula com a mão para cima e para baixo em seu corpo.

— Então devo acreditar que você está atraído por tudo isto?

— Sim, porque estou.

Ela inclina a cabeça para o lado e examina meu rosto.

— Você tem algum tipo de fetiche por gravidez ou algo parecido? Porque antes de eu engravidar, você nunca olhou para mim com segundas

intenções.

— Eu não conseguiria... Eu não me permitiria — tento explicar, mas sei que não estou fazendo um bom trabalho.

Ela respira fundo e solta o ar lentamente.

— Não posso falar sobre isso agora. Não estou pensando direito. Tenho todos esses hormônios idiotas enlouquecendo dentro de mim. Estou pensando em coisas, querendo coisas, que não deveria querer. E quer saber de uma coisa? Você andando de um lado para o outro seminu não está ajudando em nada. Esqueça, Austin. Não precisamos fazer isso. Nem sei bem o que estamos fazendo, mas não preciso que resolva todos os meus problemas para mim.

Chego mais perto dela, envolvendo meus braços em volta de seus cotovelos para mantê-la no lugar.

— Mas e se eu quiser cuidar dos seus problemas? Deste, especialmente?

Ela está examinando meus olhos. Vejo o medo nos dela e sei que é o mesmo olhar refletido nos meus. Não seria honesto se não dissesse que uma parte de mim está com medo. Claro que estou preocupado em mudar nossa amizade. Quero que as coisas continuem do mesmo jeito... mas também quero mais.

Afasto seu cabelo, colocando-o atrás das orelhas.

— Deite-se, Ally.

Ela treme e morde o lábio inferior. Seus olhos estão dilatados e sei que ela está sentindo tudo o que estou sentindo agora. Eu sabia que estar perto dela, vivendo sob o mesmo teto, seria um teste para mim, e nunca fiquei tão feliz em falhar em um teste na minha vida. Quando ela não se move, digo novamente enquanto a empurro gentilmente para trás:

— Deite-se, Ally.

Ela se inclina para trás e coloco seus pés no meu colo. Nem tento mais mantê-la longe da minha masculinidade dura.

— Mas... — ela começa.

Balanço a cabeça lentamente.

— Sem mas. Apenas deixe-me fazer isso por você.

Ela esfrega a mão em sua barriga grande.

— O que exatamente você vai fazer por mim?

Não hesito:

— Vou fazê-la se sentir bem... talvez aliviar um pouco do seu

estresse.

Ela olha para mim e vejo o desejo brilhar em seu rosto. Ela quer isso, mas não confio que ela vá ceder facilmente. Sei que ela está com medo. Caramba, eu estou com medo, mas estou com mais medo ainda de perdê-la.

— Confia em mim, Ally?

Ela revira os olhos.

— Sabe que sim.

Concordo com a cabeça e deixo meus olhos percorrerem seu corpo. De onde estou sentado, com seus pés no meu colo, tenho uma visão perfeita. Agora, se ela não estivesse tão tensa, eu poderia aproveitar ao máximo essa situação.

— Ok. — Eu deveria me sentir mal sobre isso, mas não me sinto. Seguro minha masculinidade dura em meus shorts e dou um leve puxão antes de colocar minha mão novamente em volta de seu pé. — Já que confia em mim, preciso que me deixe fazer algo.

Tento impedi-la de ficar tensa massageando seus pés e então seus tornozelos. Ela está inquieta enquanto estica as pernas, mas não paro meus movimentos. Sua voz soa rouca quando ela finalmente me faz a pergunta:

— O que você quer que eu o deixe fazer?

Sorrio porque todas as imagens estão na minha mente. Ela na cama, enrolada contra meu corpo. Ela cavalcando em mim, esfregando-se em meu pau. Eu quero tudo isso, mas sei que preciso ir devagar.

— Eu só quero fazê-la se sentir bem.

Ela está interessada. Isso está nítido pela forma como seus olhos se iluminam.

— Só isso? Você só quer me fazer sentir bem? Mas, e você?

Embora eu aprecie sua preocupação, tudo isso só prova que ela realmente não tem ideia.

— Confie em mim, fazê-la se sentir bem vai me fazer sentir bem.

Ela cutuca meu pau com o pé e resmungo enquanto o agarro. Eu gemo enquanto ela ri.

— Tem certeza disso?

— Tenho. — Dou um tapa em sua coxa e então puxo seu short. — Tire isto.

Seus olhos quase saltam das órbitas.

— Você quer que eu tire meu short?

Ela está enrolando e eu estou cansado de esperar.

— Deite-se e feche os olhos.

Ela olha para mim com insegurança nos olhos.

— Austin... Eu estou muito... — Ela bufa e acena com a mão pelo corpo. — Você não quer ver tudo isto.

— Ah, quero sim.

Ela está tentando se afastar, mas sei que é só porque ela está constrangida. Agarro as bordas do short dela e puxo-as para baixo.

— Levante-se.

Ela se levanta um pouco e puxo seu short para baixo de suas pernas. O pedaço de tecido entre suas coxas está de um tom mais escuro do que o resto, me dizendo que ela já está molhada. Não consigo resistir. Coloco meu dedo no tecido encharcado.

— Quer isso, Ally? Quer que eu a faça se sentir bem?

Ela levanta seus quadris um pouco e pressiona minha mão.

— Quero, Austin, mas não se isso for nos atrapalhar. Não posso perdê-lo... não agora.

Corro meu dedo ao longo do tecido sedoso cobrindo sua fenda.

— Você nunca vai me perder... e nada vai atrapalhar isso entre nós.

Finalmente ela assente e solto a respiração em um suspiro. Como se eu estivesse com medo de que ela fosse mudar de ideia, alcanço cada lado de sua calcinha, prendo os dedos no cóis e a puxo para baixo. Ela levanta os quadris o suficiente para eu passar o tecido por seus quadris e então o passo por seus pés.

Ela junta os joelhos, me impedindo de vê-la. Inclino-me para frente, beijo seu joelho e então inclino meu queixo nele.

— Sabe que manter os joelhos juntos não vai me impedir, não sabe?

Ela olha para mim desafiadoramente.

— Se eu dissesse não, que não quero isso, você pararia, Austin.

Estou com as duas mãos nos joelhos dela agora, pronto para separar suas pernas, mas congelo com suas palavras.

— Você não quis dizer isso. Você quer isso, Ally. Quer que eu a faça se sentir bem.

A expressão vazia em seu rosto me preocupa, mas sei que estou certo. Sei que ela quer isso.

— Vai me deixar tocar em você?

Prendo a respiração, esperando pela resposta. Ela está certa. Se ela

me dissesse não, eu pararia, não importa o quanto doesse em mim fazer isso. Quando ela não me responde, inclino meu peito nu contra suas pernas e enlaço meus braços em volta de seus joelhos dobrados.

— Seja honesta consigo mesma, seja honesta comigo. Você me quer... anseia pelo meu toque, Ally. Tudo o que importa agora é eu e você e o que queremos. Eu quero tocá-la, quero prová-la. É isso que eu quero, mas preciso saber o que está pensando. E você? Me diga o que você quer.

Ela inala profundamente e eu estou completamente nervoso enquanto espero por sua resposta. É só quando sinto suas pernas começarem a se abrir que afrouxo meu aperto. Ela inclina a cabeça para trás no sofá.

— Você. Quero que você me faça sentir bem, Austin. Quero esquecer tudo por alguns minutos.

Vou rapidamente até a beirada do sofá, levantando o pé dela e colocando-o atrás de mim para que eu fique sentado entre suas pernas. A mudança abrupta de posição faz com que ela respire ofegante. Suas pernas estão abertas e tenho uma visão perfeita dela. Devo estar sentado aqui por muito tempo porque ela desce as mãos pela barriga e tenta se cobrir de mim.

No entanto, eu a paro, agarrando suas duas mãos e colocando-as acima de sua barriga.

— Tudo o que preciso que você faça é se inclinar para trás e aproveitar. Não pense em nada. Não se preocupe com o que eu possa estar pensando...

Ela ri e um bufo acaba saindo, o que me faz sorrir.

— Ok, mas não consigo relaxar. Não com você me encarando como...

É a minha vez de interrompê-la:

— Como o quê? Encarando-a como se eu não comesse há dias? Como se eu tivesse a mulher mais linda de todas disposta e toda aberta para mim e eu pudesse me banquetear? Porque é assim que estou encarando-a.

Não consigo tirar minhas mãos dela. Deixo minhas mãos empurrarem suas coxas abertas e acaricio sua pele macia para cima e para baixo. Ela está praticamente vibrando sob meu toque. Acaricio meus dedos em sua fenda inchada e ela praticamente pula do sofá. Pressiono meu braço sobre seus quadris, tomando cuidado para não pressionar a bebê. Quando a toco novamente, pressiono meu dedo em seu nódulo inchado, circulando-o

com mais pressão a cada segundo. Ela fica tensa, mas não por insegurança ou por tentar se esconder de mim. Não, ela já está tão perto que não vai demorar muito para se desfazer.

Ela está pronta e rosa. Sou implacável enquanto me concentro em dar a ela exatamente o que ela precisa enquanto ela gira os quadris lentamente para cima e para baixo. Sua excitação está cobrindo meu dedo. Ela está obviamente se sentindo bem e sei que posso fazê-la gozar assim, mas meu próximo movimento é completamente egoísta. Beijo seu joelho novamente.

— Ally, olhe para mim.

Ela olha para mim com os olhos semicerrados. Ela já está muito perto.

— Sim, Austin?

— Quero prová-la.

Ela arregala os olhos.

— Mas você não precisa... fazer isso.

— Eu quero. De verdade, quero mesmo. Posso colocar minha boca em você?

Minha pergunta a afeta e juro que ela encharca meu dedo. Gemo enquanto desliza-o por suas dobras sedosas.

— Quero prová-la, Ally.

Ela assente e beijo seu joelho antes de descer pela parte interna de sua coxa. Deslizo para o chão, colocando suas pernas sobre meus ombros. Inalo, permitindo que seu perfume doce encha minhas narinas. Quando finalmente chego ao V de suas pernas, não consigo parar. Pressiono minha língua nela e passo-a por sua fenda. Eu a beijo e a lambo até que ela esteja gemendo meu nome repetidamente. Ela está com a mão pressionada na parte de trás do meu pescoço, e posso sentir suas unhas cravando na minha pele, mas não paro. Quando coloco os lábios em volta do seu clitóris, ela se desfaz, mas não paro. Preciso ter certeza de que ela não tenha dúvidas do quanto eu posso lhe dar prazer. Preciso que ela queira mais disso... de nós.

Capítulo 9



ALLY



Meu corpo inteiro está esticado. Agora, não consigo nem tentar formar uma frase coerente. Tudo o que posso fazer é tentar regular minha respiração e sair do meu êxtase. Não deveria ter sido tão bom. Austin é meu melhor amigo. Nunca cruzamos a linha assim e espero que a dúvida e a insegurança tomem conta, mas isso não acontece. É impossível sentir qualquer coisa, exceto coisas boas agora.

Austin se levanta e tudo o que posso fazer é encará-lo. Sua boca está coberta com minha excitação e ele está lambendo os lábios. O olhar dele em mim me causa um puxão na barriga e começo a gaguejar:

— Então, uhm, você, uhm...

Ele lambe os lábios novamente, limpa a boca com a mão e chupa seu dedo... o que estava dentro de mim.

— Você está bem? A bebê está bem?

Concordo com a cabeça, cobrindo minha barriga com a mão.

— Sim... Estou bem. Na verdade, estou muito bem.

— Muito bem, hein? Esperava que dissesse excelente, extremamente satisfeita, ou algo assim. — Ele me examina. — Tudo bem, assim mal posso esperar para fazer de novo.

Eu me sento, e não deveria ter feito isso porque isso me deixa ainda mais perto de Austin, e estar tão perto dele já está mexendo comigo.

— Estou extremamente satisfeita e isso não vai...

Ele me interrompe antes que eu possa dizer que não haverá uma próxima vez e se vira para que eu possa ver sua nuca:

— Está vendo isso?

Ele aponta para as marcas vermelhas em seu pescoço e estico a mão na direção dele.

— Eu fiz isso?

Ele pega minha mão e a segura entre nós.

— Sim, fez. Sei que foi mais do que bom, Ally, e sim, definitivamente haverá uma próxima vez. Uma vez não é o suficiente.

Estamos perto, perto demais. Posso ver o fogo em seus olhos e sentir seu peito se expandir contra meu braço a cada respiração que ele dá. Estou prestes a discutir com ele e lhe dizer todas as razões pelas quais isso é uma má ideia, mas não consigo fazer isso agora. Retiro minha mão dele e me recosto.

— Obrigada. Quero dizer, pelo... uhm... o que você fez. Obrigada.

Ele balança a cabeça.

— Não precisa me agradecer. Eu queria fazer isso.

Concordo com a cabeça.

— Ok, mas isso não muda nada, Austin.

Ele apenas abre um sorriso malicioso para mim.

— Isso muda tudo. Você realmente acha que eu vou ficar bem em prová-la só uma vez? Como eu disse, uma vez não é o suficiente.

Estendo a mão para bater em seu peito enquanto o calor percorre meu corpo. Estou tentando manter a calma, mas é quase impossível. Estou sentada aqui, nua da cintura para baixo e tentando me convencer de que isso foi apenas uma vez.

— Somos amigos, Austin. — Aponto para meu short no chão. — Poderia pegar minha calcinha e meu short?

Ele os pega, mas não os entrega para mim. Ele se inclina e coloca meus pés nas pernas da minha calcinha. Enquanto me ajuda a colocar meu short até os tornozelos, ele me responde.

— Sim, somos amigos.

— Estou grávida.

Ele se inclina para frente e beija minha barriga. É como se meu coração desse uma cambalhota no peito ao mesmo tempo em que ele diz:

— Sei disso.

Prendendo a respiração e digo:

— De outro homem.

Ele me ajuda a levantar e então puxa minha calcinha e shorts para cima dos meus quadris.

— Ela é a nossa bebê, Ally. E nada que me disser vai me convencer do contrário.

Balanço a cabeça, me sentindo sobrecarregada.

— Austin...

Ele dá um passo em minha direção e nossos rostos ficam a poucos centímetros de distância. Respiro fundo, me perguntando se ele vai me beijar. Tudo o que eu teria que fazer é me inclinar um pouco e nossos lábios poderiam se tocar. Ele está olhando para minha boca.

— Você mesma disse, baby. Disse que o doador não quer ter um relacionamento com a bebê.

Concordo com a cabeça porque já aceitei tudo isso. Quero rir porque é assim que Austin chama o pai desde que contei a ele sobre a bebê. Ele o chama de doador.

— Eu sei, mas isso não significa...

Ele me interrompe:

— Você e a bebê são minhas. Quanto mais cedo embarcar nisso, mais cedo poderemos seguir com nossas vidas.

Ele não percebe quanto tempo esperei para ouvir isso dele. Por anos, desejei que houvesse algo mais do que amizade entre nós, mas não tinha esperanças. Ele nunca me deu nenhuma indicação de que sentia algo mais por mim. Ninguém pode me culpar por me perguntar se isso é apenas um sentimento de pena da parte dele.

— Austin — começo, mas paro quando um alarme de carro estridente dispara do lado de fora. Estou prestes a contornar Austin quando ele me para com as mãos nos meus ombros.

— Aonde pensa que está indo?

Tento me mover ao redor dele, mas ele me para.

— Austin, tenho certeza de que provavelmente é o alarme do seu carro. Eu vou...

Ele bloqueia meu caminho.

— Você vai ficar sentada aqui. Me escute, não posso me preocupar com você e a bebê. Fique aqui. Ligue para Huddy; ele mora mais perto. Já volto.

Ele se vira para sair e sei que ele deve duvidar que eu vá obedecê-lo porque se vira para mim.

— Fique aqui. Pense na bebê.

Em um gesto protetor, coloco a mão sobre minha barriga e aceno com a cabeça, embora deixá-lo sair no escuro seja a última coisa que eu queira fazer. Ele tranca a porta antes de fechá-la atrás de si. Assim que ele

sai, entro em ação.

Pego meu telefone e ligo para Huddy.

— Alguém está arrombando o carro de Austin e ele saiu sozinho no escuro. Ele me disse para ligar para você.

— *Onde vocês estão?*

Merda. Ok, essa informação seria útil.

— Na minha casa.

— *Estou a caminho. Fique dentro de casa, Ally.*

Assim que ele me dá a ordem, ouço o clique do telefone. Pouso meu telefone e olho para fora. Mesmo com os refletores, é difícil enxergar o que está acontecendo. Até que os vejo na esquina da garagem. Conto o número de pessoas e, quando chego a três e vejo que Austin está em menor número, sei que não posso ficar parada assistindo.

Abro meu closet perto da porta da frente, pego o taco de baseball e saio na ponta dos pés pela porta dos fundos. Contorno o trailer e realmente há dois deles contra Austin. Um o segura enquanto o outro o soca. Não penso duas vezes. Puxo o taco para trás e então atinjo o cara que está batendo em Austin o mais forte que consigo. Eu o acerto nas costas e ele cai esparramado no cascalho com um gemido.

O cara que está segurando Austin o solta e vem na minha direção. Corro para o outro lado do carro de Austin. O homem está me seguindo, mas quando tenta me alcançar, ele é puxado para trás enquanto Austin berra:

— Não toque nela, porra!

Eles lutam, e o som de punhos batendo na carne me deixa enjoada. Não consigo ver nada de onde estou, mas estou com muito medo de me mover. Quando os socos param, não me contenho:

— Austin! Austin, por favor, me diga que você está bem.

Ele dá a volta no carro, curvado, segurando suas costelas e corro até ele.

— Austin, ah, meu Deus, você está bem?

— Eu disse para você ficar dentro de casa — sua voz soa estrangulada.

— Eu não ia ficar lá dentro e permitir que o matassem — retruco preocupada e indignada.

Ele me puxa contra seu peito.

— Se alguma coisa acontecesse com você, não me importaria de

morrer.

Estou tentando analisar esse pensamento quando uma caminhonete para bruscamente na rua em frente à minha casa. Austin me coloca atrás dele, pronto para me defender do desconhecido quando Huddy entra na luz.

— Porra, Austin! Você está bem?

Antes que ele possa responder, mais carros entram no parque de trailers, e o último tem luzes vermelhas e azuis piscando no topo.

Austin me solta em nenhum momento. Ele conversa com a polícia e o irmão com um braço em volta de mim. Todos os vizinhos estão do lado de fora, tentando ver o que está acontecendo. A polícia pega os caras do chão e os coloca na parte de trás da viatura. Só quando eles vão embora é que a exaustão parece tomar conta. Estou me inclinando para Austin enquanto subimos os degraus para minha casa.

Huddy e Austin parecem se comunicar além das palavras porque ouço Huddy dizer: “Vou ficar aqui” enquanto se senta na minha varanda da frente quando Austin me leva para dentro.

Aponto meu polegar para fora.

— O que ele vai fazer? Ficar sentado lá fora a noite toda?

Austin me puxa e paro na sala. Ele coloca as mãos em cada lado do meu rosto. Ele está bravo. Eu o conheço há tempo suficiente para saber que agora, ele mal está contendo sua raiva.

— Você poderia ter se machucado. Nossa bebê poderia ter se machucado.

Levanto minhas mãos para quebrar o controle que ele tem sobre mim, mas ele não se move, então, em vez disso, seguro seus braços.

— Austin, eu não poderia simplesmente ter ficado aqui e permitido que eles o matassem.

Ele está balançando a cabeça.

— Eu não me importo comigo. Você é tudo o que importa.

— Você importa para mim, e sei que está bravo, mas eu não poderia ficar aqui. Não poderia simplesmente deixar que eles o machucassem. — Solto um soluço e tento não chorar, mas não consigo. — Pode ficar bravo comigo o quanto quiser, mas eu nunca vou permitir que o machuquem.

Ele arregala os olhos e balança a cabeça antes de me puxar contra seu peito em um abraço apertado.

— Você me deixa louco, mulher, sério.

Tento não deixar que suas palavras me machuquem. Passo os braços

ao seu redor e ele ainda está sem camisa. Eu o abraço, tentando não apertar muito forte porque sei que ele está machucado.

— Talvez devesse ir para casa, Austin. Talvez seja melhor fazer isso. Esta noite foi uma loucura, para dizer o mínimo.

Ele assente.

— Ah, eu vou para casa, mas vou levá-la comigo.

Ofego e me afasto dele.

— Eu não vou com você.

Ele ri.

— Ally, eu não pedi, você vai comigo. Aqueles caras eram traficantes de drogas. Estavam chapados e não vamos ficar aqui para ver o que eles ou seus amigos devam estar planejando.

Quero discutir, mas sei que ele está certo. O bairro costumava ser cheio de famílias da classe trabalhadora apenas tentando ganhar a vida. Nos últimos anos, piorou bem rápido. Drogas e prostituição são problemas aqui agora. Sempre tento ficar na minha, mas sabia que chegaria o dia em que eu chamaria a atenção deles. E claro que o SUV brilhante na minha garagem os atraiu.

Sinto uma leve pontada e a sensação me pega de surpresa. Instintivamente, minha mão vai para minha barriga e a sinto de novo.

— Ally, você está bem?

Capítulo 10



AUSTIN



Quando ela não me responde, cubro sua mão com a minha.

— Ally, você está bem? Fale comigo.

Ela respira fundo.

— Sim, hm, estou bem.

— Sente-se.

Quando ela não se move, eu me inclino e a levanto em meus braços e vou até o sofá.

— Sente-se. Vou fazer uma mala para você.

Ela balança a cabeça.

— Austin...

Não consigo me segurar mais. Inclino-me e pressiono meus lábios nos dela. Beijo-a até ficarmos sem fôlego. Nunca nos beijamos, não desse jeito, e assim que nossos lábios se encontram, é viciante. Envolver minha mão na parte de trás de sua cabeça e a seguro contra mim. Ela abre os lábios e aproveito ao máximo deslizando minha língua próximo a dela. Ela choraminga e me afasto, olhando-a nos olhos. Ela está me olhando com curiosidade, e sei que temos muito o que conversar, mas agora não é o momento. Preciso tirá-la daqui, mas não vou me mover até que ela entenda algumas coisas. Nós dois estamos sem fôlego. Seguro suas bochechas e olho em seus olhos.

— Faria isso por mim, por favor? Preciso de você comigo, Ally. Poderia, por favor, ir comigo?

Ela está atordoada e pisca para mim com seus olhos arregalados.

— Ok.

Ela mal consegue falar e eu a beijo de novo, mas só um selinho dessa vez, e então vou para o quarto dela. Pegue suas roupas do closet e as

jogo no meu braço. Vou até a varanda da frente e paro ao lado de Huddy.

— Poderia colocar estas roupas no meu carro?

Ele as tira dos meus braços.

— Vou trocar de carro com você esta noite. Há vidro por toda parte no seu. Vou mandar limpá-lo amanhã e então destruímos.

Concordo com a cabeça.

— Obrigado, Huddy. E obrigado por vir tão rápido.

Ele assente com um grunhido. Ele amoleceu um pouco desde que ficou com Elle, mas ainda tem problemas para processar emoções às vezes.

— De nada, irmão.

Ele sai da varanda e volto para dentro. Faço várias viagens com as coisas de Ally. Espero que ela se oponha ou tente me impedir, mas toda vez que passo por ela, ela está me encarando com os dedos pressionados contra os lábios ainda inchados.

Depois de limpar suas gavetas e o banheiro, volto para ela enquanto visto uma camiseta. Pego meu telefone, mando uma mensagem para o médico e ajudo Ally a se levantar do sofá.

— Podemos ir?

Ela assente, visivelmente abalada agora.

— Sim, vou ficar apenas alguns dias, Austin. Só o suficiente para as coisas se acalmarem e então voltarei para casa.

Estou balançando a cabeça enquanto a levo para fora da porta. Ela não deve ter prestado atenção porque peguei todas as roupas dela. Huddy está esperando por nós e levo Ally até sua caminhonete.

— Minha janela está quebrada e Huddy vai nos deixar usar sua caminhonete para que você não se sente em vidros quebrados ou algo parecido.

Ela suspira preocupada.

— Sua família inteira vai me odiar antes que isso acabe.

Huddy abre a porta do passageiro de sua caminhonete.

— Não mesmo. A família inteira dele já a ama. Tenho certeza de que a maioria de nós escolheria você em vez de Austin em qualquer situação.

Ally ri. Sempre amei o som de sua risada, mas agora preciso ouvi-la, então me permito senti-la.

Agradeço a Huddy novamente e, quando estamos saindo do bairro, revelo:

— Estamos indo ver seu médico.

Ally se vira no assento.

— Está tarde. Vou amanhã para ter certeza de que está tudo bem.

O fato de ela não estar me dizendo nada diretamente me preocupa ainda mais.

— Já liguei e ele vai nos encontrar lá.

Ela coloca a mão no painel e percebo que estou dirigindo rápido demais. Tiro o pé do pedal enquanto ela me diz:

— Meu médico está viajando.

Não respondo. Não sei bem como responder, então, em vez disso, mudo de assunto:

— Como está se sentindo?

— Estou bem, Austin. Foi só uma pontada.

Aperto o volante com ainda mais força. A viagem até o Hospital Jasper leva normalmente trinta minutos, mas chego em vinte. No trajeto até aqui, Ally fica quieta, e no resto da viagem, ela adormece.

Estaciono no estacionamento e dou a volta para acordá-la. Quando abro a porta, ela nem se move. Desafivelo o cinto de segurança dela e me inclino, incapaz de resistir e pressiono meus lábios nos dela.

— Ally, baby.

Ela pisca para mim e então olha para o estacionamento escuro.

— Austin, o consultório médico está fechado a essa hora. Se insiste que eu seja atendida, então provavelmente teremos que ir ao pronto-socorro.

Assim que ela termina, Brandon estaciona ao nosso lado. Ele se aproxima da caminhonete e olha para Ally antes de levantar as chaves.

— Vamos, vou destrancar a porta.

Ajudo Ally a descer da caminhonete e entramos. Durante todo o caminho, ela está me repreendendo por ter feito seu médico vir tão tarde da noite:

— Você tem noção de quanto isso vai custar? — Ela franze a testa enquanto tenta processar tudo. — Espera, como sabia que ele era um dos meus médicos?

Eu a puxo para o meu lado e passo um braço ao seu redor.

— Não se preocupe com isso.

Ela balança a cabeça e começa a resmungar:

— *Não se preocupe com isso.* Claro, vamos chamar um médico

depois do expediente. Não é nada demais.

Eu me inclino e a beijo, e quando me afasto, ela fica quieta olhando para mim. Finalmente, descobri uma maneira de impedi-la de discutir comigo.

Seguimos Brandon enquanto ele aciona os interruptores em cada cômodo que passamos. Quando passamos pelo saguão e pelo corredor, ele para na primeira sala de exames. Ele acende a luz e abre a porta.

— Ok, vamos acomodá-la para examiná-la.

Ally assente e sobe na maca. Fico de lado, ainda segurando sua mão enquanto ela se deita. Brandon puxa uma bandeja para suas pernas, e ela está deitada de costas, olhando para o teto.

— Você está bem? — pergunto a ela.

Ela assente sem tirar os olhos do teto.

Brandon está fazendo algo do outro lado da sala, então me inclino para sussurrar para ela:

— Está brava comigo?

Ela me olha brava, mas finalmente cede:

— Sabe que não consigo ficar brava com você, além disso, sim, estou preocupada, então sou grata por isso... mesmo que seja um pouco extravagante. Poderíamos ter ido ao pronto-socorro...

Eu a interrompo:

— É, para ficarmos sentados lá metade da noite. Prefiro ir a alguém que conheço e confio.

— Você conhece o Dr. Reynolds?

Antes que eu possa responder, Brandon vem até nós:

— Ok, me diga o que está acontecendo. Você não disse muita coisa na mensagem, exceto exigir que eu o encontrasse aqui.

Ally ofega.

— Austin, você não contou a ele!

Ignorando-a, olho bravo para meu antigo colega de quarto da faculdade.

— Então, houve um incidente esta noite e...

Ele me interrompe:

— Foi daí que saiu o sangue e o hematoma?

Ally se levanta.

— Você está ferido? Ah, meu Deus, é claro que está. Você está bem, Austin? Olhe para mim.

Eu a ignoro. Sei que meu ouvido está sangrando, mas até que eu saiba que Ally e a bebê estão bem, não vou tirar o foco delas.

— Estou bem. Você poderia, por favor, focar aqui? Entrei em uma briga. Dois contra um e Ally decidiu ajudar, acertando um taco em um. E então ela teve que correr para fugir.

Abaixo minha cabeça enquanto a vergonha me consome.

— E mais cedo esta noite, ela teve um orgasmo.

— Austin! — Ally grita comigo. Obviamente, não tinha planejado compartilhar essa informação.

Agarro sua mão e finalmente olho para ela.

— Ele precisa saber de tudo, baby. Ele é médico.

Brandon está segurando o que parece ser uma varinha.

— Vamos dar uma olhada.

Ally alcança o cós do short e tento ajudá-la.

— Vai precisar tirá-lo?

Ela balança a cabeça.

— Não, só puxá-lo abaixo da minha barriga.

Puxo o short e a calcinha dela para baixo e depois puxo a blusa dela para cima. Brandon coloca um pouco de gel na barriga dela e pressiona a varinha nela. Ele vira uma tela para nós, e não consigo entender o que estou vendo até que ele mostre tudo para mim. Sei que ele está fazendo isso para meu benefício.

— Aqui está a cabeça e o corpo dela. — Ele aperta um interruptor, e a sala começa a se encher com um som de batida. Olho em volta, surpreso, e Brandon diz: — O batimento cardíaco está forte e estável. Ela está um pouco agitada, mas depois da noite que teve, quem poderia culpá-la?

Ally está visivelmente aliviada e me permito relaxar um pouco. Levo a mão dela até minha boca e pressiono um beijo rapidamente.

— Que bom, então está tudo bem?

Brandon limpa a varinha e entrega lenços a Ally. Ela limpa a barriga e, finalmente, pela primeira vez nas últimas horas, ela está sorrindo.

Ela começa a se sentar, mas Brandon a impede:

— A bebê está bem, mas deixe-me dar uma olhada em você agora.

Ele coloca uma braçadeira em volta do braço dela e esperamos enquanto ele começa a inflar. Estou prendendo a respiração. Não tenho certeza do que é um bom intervalo, então, mesmo quando os números aparecerem, não vou saber. E assim que eles aparecem, Brandon balança a

cabeça. Seu olhar bravo está fixo em mim.

— Eu te disse que ela tinha que fazer repouso. Disse que ela não podia se estressar e o que você faz? Você a envolve em uma briga de rua.

Ally vem em minha defesa, embora eu não mereça:

— A culpa não foi dele. Ele me disse para ficar dentro de casa e eu... — Ela para e olha entre Brandon e eu. — Espera, você contou a ele? Como assim? Vocês dois se conhecem?

Aponto para Brandon.

— Lembra do meu primeiro ano de faculdade? Ele era meu colega de quarto.

— Mas... — Ela balança a cabeça, sem entender a conexão.

Brandon estende a mão para ela e tento não deixar que isso me afete quando ele a ajuda a se sentar, mesmo que eu queira dar um soco nele por fazer isso.

— É, ele era uma má influência naquela época e parece que não mudou nada.

— Ele não é uma má influência — Ally rebate brava.

Brandon dá de ombros.

— Sua pressão arterial está muito alta. Preciso que fique no hospital esta noite para que possamos monitorar você e a bebê.

Ally está balançando a cabeça.

— Não, eu não vou ficar.

— Vai sim — digo a ela.

Seus olhos se fixam nos meus com raiva.

— Eu não vou ficar aqui. E você não pode continuar mandando em mim. — Ela levanta a mão quando me inclino em sua direção. — E você não vai me beijar para conseguir o que quer dessa vez. — Ela se vira para Brandon. — Vou para casa e dessa vez, prometo que vou repousar.

Mas ele está balançando a cabeça.

— Não quero assustá-la, mas você realmente precisa ser monitorada durante a noite. Precisamos lhe dar alguns remédios para baixar sua pressão e para manter a bebê seguro, é melhor ficarem aqui para que possamos monitorar vocês duas.

Ela arregala os olhos e parece que finalmente entendeu a situação. Ela não discute mais. Apenas balança a cabeça em derrota.

— Fique aqui. Vou verificar um quarto. Você ficará no andar da maternidade, mas vamos pegar uma cadeira de rodas para levá-la até lá. Já

volto. — Ele chega até a porta e se vira para mim. — E tente não brigar com ninguém enquanto eu estiver fora.

Normalmente, eu mostraria o dedo médio para ele, mas estou muito focado em Ally. Em vez da mulher atrevida e teimosa que aprendi a amar, ela parece pequena, sobrecarregada e insegura.

— Ally, baby, você vai ficar bem. Você e a bebê, não vou deixar nada acontecer com nenhuma das duas.

Ela agarra a frente da minha camisa.

— Você vai ficar aqui comigo?

Eu a seguro e coloco um dedo sob seu queixo, trazendo seu rosto para cima para que ela olhe para mim.

— Baby, eu vou aonde quer que você vá. Não vou embora.

Ela se inclina para mim, mas mal descansa a cabeça no meu peito e logo a levanta.

— Austin, meu Deus, você está ferido!

Ela toca no meu rosto e vira minha cabeça de um lado para o outro e ofega quando vê o corte na lateral da minha bochecha.

— Austin, meu Deus, como não percebi isso? Como...

— Bati com a cabeça no espelho retrovisor do meu carro, mas estou bem.

— Não está não. Você estava segurando suas costelas. Precisa ser examinado.

Brandon volta ao quarto, empurrando uma cadeira de rodas.

— Ok, vamos, os dois. Coloquei vocês em um quarto com duas camas. Vamos acomodar a Ally na cama e depois vamos dar alguns pontos e talvez um raio-X.

Não vou discutir com ele agora. Não estou preocupado comigo, mas antes de discutir qualquer coisa, vou me certificar de que Ally tome sua medicação e descanse. Então, vou me limpar, mas não importa o que eu faça, não vou sair do lado dela.

Capítulo 11



ALLY



Acordo com o braço de Austin sob minha cabeça. Estou pressionada contra seu corpo, e sua outra mão está enrolada em meu quadril. Há uma cama bem ao lado da minha, mas Austin ficou na cama comigo a noite toda. Sei que ele não está confortável, seria impossível.

Eu me afasto para olhar para ele. Levantando minha mão, corro meus dedos suavemente por seu cabelo e mal resisto a traçá-los em sua testa franzida.

Austin tem sido meu melhor amigo pelo que parece uma eternidade. Se há alguém em quem posso confiar, esse alguém é ele.

Minha vida está desmoronando, mas ele não saiu do meu lado. Sempre soube que posso contar com ele. Na adolescência, ele me buscava quando um encontro dava errado. Sempre cuidou de mim nas festas. Fazia questão de me incluir, embora eu não me encaixasse muito bem com todos os seus amigos. Sempre saía comigo em vez de ir aos eventos esportivos e festas nos campos nos limites da cidade. Mesmo depois de nos tornarmos adultos, ele continua do meu lado. Eu o vejo o tempo todo. Sei que metade dos meus clientes são porque ele os enviou para mim. Está sempre faz pequenas coisas por mim, como comprar comida, consertar meu carro e coisas do tipo.

Mas o que ele está tentando fazer por mim agora não é algo pequeno. O que está me oferecendo pode mudar sua vida inteira e não posso permitir que ele faça isso. Tudo está ficando confuso, e seria tão fácil para mim ceder e deixá-lo cuidar de tudo. Os beijos que compartilhamos, a maneira como ele me fez sentir ontem à noite, tudo isso parece um sonho, mas só porque sou apaixonada pelo meu melhor amigo a maior parte da minha vida, isso não significa que posso simplesmente deixá-lo jogar sua

vida fora porque tem essa necessidade de cuidar de mim.

Seu corpo fica tenso por apenas um segundo, e então ele esfrega sua mão para cima e para baixo no meu quadril. Meu corpo inteiro reage, mas tento mantê-lo contido.

— Bom dia, Gata de Rua.

Reviro os olhos para o apelido que ele me deu quando estávamos no ensino fundamental. Você salva alguns gatos de rua e ninguém deixa você esquecer isso. Ele beija minha testa e então tira seus braços e pernas dos meus antes de se levantar. Sinto falta dele assim que ele se afasta. Ele está esticando os braços sobre a cabeça e boceja.

— Prometi à enfermeira que a deixaria dormir, e ela me disse que eu precisava ficar na minha própria cama, mas não consegui deixá-la ontem à noite.

Rolo de costas e esfrego minha mão para cima e para baixo na minha barriga. Não sei bem o que pensar sobre esse novo lado de Austin. Ele sempre foi protetor comigo, mas parece que ele levou isso a um novo nível.

Quando estou prestes a agradecer, a porta se abre e o Dr. Reynolds entra.

— Então você me ouviu. Eu tinha certeza de que você daria uma festa aqui ou algo parecido.

Austin revira os olhos para ele.

— Tanto faz, doutor. Eu a deixei dormir.

Eu os interrompo pigarreando.

— Sim, na verdade, acho que foi a melhor noite em que dormi desde sempre.

Posso sentir os olhos de Austin me perfurando, mas mantenho meus olhos focados no médico.

— Podemos ir para casa agora?

Dr. Reynolds pega uma prancheta e a lê. Tenho certeza de que ele está verificando minha pressão arterial e outras leituras que a enfermeira documentou durante a noite.

— Ok, mantivemos você e a bebê estáveis. Vou lhe dar uma receita com um medicamento que vai ajudá-la com a pressão...

Eu o interrompo:

— Mas a bebê...

Ele me interrompe:

— O medicamento é perfeitamente seguro para tomar durante a gravidez. E você precisa tomá-lo.

Aceno com a cabeça, pronta para prometer qualquer coisa a ele se isso significar que posso sair daqui.

— Ok, vou tomá-lo. Agora podemos ir?

Ele balança a cabeça e segura a prancheta contra o peito.

— Tem que ficar de repouso por duas semanas. Isso significa ficar deitada por duas semanas. Só sair da cama para tomar banho e ir ao banheiro. É isso.

Já estou balançando a cabeça em negação. Agarro a grade que está no meu lado direito e a uso para me sentar.

— Não posso tirar uma folga do trabalho por duas semanas.

Dr. Reynolds lança um olhar bravo a Austin e um de tédio para mim. Tenho certeza de que ele nunca presencia uma boa reação quando diz a um paciente para ficar na cama por duas semanas, e eu definitivamente não estou aceitando isso bem.

Ele coloca a mão em cima da minha.

— Olha, Ally, eu entendo. Você é independente. É...

Ele é interrompido quando Austin rosna. *Ele literalmente rosna.* O som enche o quarto, e tanto o Dr. Reynolds quanto eu olhamos para ele. Austin está olhando bravo para o médico e o Dr. Reynolds levanta sua mão da minha. Finalmente, quando ele não está mais me tocando, Austin assente.

— Agora pode continuar.

Quando me viro para o Dr. Reynolds, ele está com os braços cruzados sobre o peito e sorrindo.

— Ok, me escute, não quero assustá-la, Ally, mas precisa manter a bebê aí dentro o máximo de tempo que puder. Já tenho certeza de que não vai segurá-la até o fim da gestação.

Alarmada, recuo.

— Não vou?

Ele assente.

— Não, com sua pressão arterial e saúde atual, acho que podemos ter que adiantar o parto, mas precisamos tentar mantê-la aí dentro o máximo de tempo possível. — Ele bufa. — O que significa que você tem que repousar. Pelo menos por duas semanas. Então vamos examiná-la novamente.

Estou chocada e me inclino para trás na cama. Minha mente está a mil por hora enquanto tento descobrir todas as coisas que preciso fazer. Preciso remarcar todos os meus compromissos para as próximas duas semanas. Droga, preciso descobrir o que vou fazer com dinheiro. Tenho economias, mas não queria realmente mexer nelas com a bebê chegando e tudo mais. E há pelo menos uma centena de outras coisas que preciso considerar, mas Austin me traz de volta ao presente.

— Depois das duas semanas vou poder voltar a trabalhar?

Ele está balançando a cabeça antes mesmo de eu terminar a frase.

— Vamos examiná-la novamente, mas, sinceramente, sua profissão é muito ativa. Você fica de pé o dia todo. Talvez precise tirar um tempo até a bebê nascer.

— Mas... eu não posso... não tem como — gaguejo.

Austin se inclina sobre a cama e puxa meu queixo para cima, então tenho que olhar para ele.

— Ally, vai ficar tudo bem. Você quer essa bebê?

Solto a respiração enquanto uma lágrima desce pelo meu rosto.

— Você sabe que sim.

Ele assente.

— Eu sei, e vocês duas vão ficar bem. — Ele se endireita completamente e olha para o médico. — Ok, ela vai ficar de repouso por duas semanas... talvez até mais. Ela tem como fazer isso.

Eu o encaro brava, mas conheço Austin, ele está com aquela expressão no rosto de que nada que eu disser irá convencê-lo a ceder.

Ele continua:

— Mais alguma coisa que precisamos saber?

O Dr. Reynolds olha para Austin.

— Não, ela precisa comer comida saudável. A enfermeira vai lhe dar uma folha de informações com todas as suas necessidades nutricionais. Nada de estresse. Isso significa sem brigas de rua e sem discussões, nada disso. — Ele vem até mim e coloca a prancheta na mesa ao lado da cama. Aperta a intravenosa no meu braço, a fecha e coloca as luvas. — Vou removê-la. Isso pode ajudá-la a sair um pouco mais cedo.

Austin dá um passo à frente com a mão levantada.

— Tem certeza de que não quer que uma enfermeira faça isso?

— Austin! — eu o repreendo.

E o Dr. Reynolds apenas ri.

— Eu consigo remover uma intravenosa, afinal, sou médico. Tive o treinamento para isso.

Austin aperta minha mão e envolve a outra em volta dos nossos dedos entrelaçados. Dr. Reynolds remove o soro, coloca uma bola de algodão e um esparadrapo sobre o furo no meu braço. Austin o observa o tempo todo como se ele fosse fazer algo errado. Quando o médico termina, ele lança um olhar a Austin que diz: *Viu só como consigo?!*

Austin não se impressiona.

— Ok, então ela precisa ficar de repouso por duas semanas e então voltamos para ela fazer mais exames. Entendemos. Mas tenho uma pergunta.

Ele assente.

— Qual pergunta?

— E quanto aos orgasmos? São ruins para ela ou para a bebê?

Ofego, e mesmo que Austin não esteja olhando para mim, ele aperta sua mão na minha.

Dr. Reynolds assente.

— Orgasmos são bons. Contanto que ela esteja confortável, mas gostaria que evitassem sexo com penetração até a próxima avaliação dela.

O médico começa a divagar sobre o que fazer e o que não fazer e então finalmente diz:

— Ok, a enfermeira vai chegar com sua receita e os papéis da alta.

Assim que ele sai pela porta, me viro para Austin.

— Não posso tirar duas semanas de folga. Caramba, mal posso me dar ao luxo de tirar um dia de folga. E o que foi tudo isso sobre orgasmos? Nós não vamos fazer... isso!

Ele se inclina até que ficamos no nível dos olhos. Ele está me examinando com um olhar aquecido que contém todos os tipos de promessas, mas são suas palavras que fazem meus mamilos endurecerem e meu corpo tremer. Ele coloca a mão em volta da minha nuca, enredando os dedos em meu cabelo.

— Você se lembra de ontem à noite?

Sei exatamente do que ele está falando, mas não vou dizer nada a ele, nem pensar.

Dou de ombros.

— O que é que tem?

Seu olhar se intensifica.

— Eu me banqueteei com você, Ally. Você gozou na minha língua enquanto dizia meu nome. Tenho sonhado com isso há um bom tempo, mas minha imaginação nem chegou perto da coisa real.

Deixo escapar um ofego.

— Austin...

Estou prestes a lhe dizer que isso é loucura, que essa coisa toda é uma loucura. Que nós fomos pegos no momento e que as coisas saíram do controle, mas ele não me permite dizer nada.

Ele pressiona seus lábios nos meus e me beija até que eu mal consigo recuperar o fôlego antes de ele se afastar e continuar:

— Gostou, Ally? Gosta da minha boca em você?

Lambo meus lábios, pronta para negar, mas quando ele vê minha língua, ele geme.

— Gostou, Ally? Gosta da minha boca em você? — sua voz soa mais dura e exigente.

Tento desviar o olhar, sabendo que não posso mentir enquanto olho em seus olhos.

— Meus hormônios estão enlouquecendo...

Ele ri.

— Mentirosa. Quer dizer, sim, eu acredito nisso sobre os hormônios, mas você gostou. Você gosta que eu a toque.

Coloco a mão na frente de sua camisa.

— Austin, o que estamos fazendo? O que está acontecendo?

Capítulo 12



AUSTIN



Passo a mão pelos cabelos dela, lutando contra a vontade de me inclinar e beijá-la novamente. Ally está assustada, isso é nítido, e não quero piorar. Gostaria que ela me deixasse cuidar dela, mas com sua independência, sei que ela não vai simplesmente abrir mão de todo o controle. Ainda não.

Quero dizer a ela que a amo. Quero dizer que fomos feitos um para o outro, mas ela não vai acreditar em mim. Suspiro e levanto meu quadril para me sentar na beirada da cama.

— Gostaria que enxergasse a razão. Esta é a melhor coisa a ser...

— Austin, estou grávida de seis meses.

— Quase sete — interrompo-a, e dou de ombros. — Qual é o seu ponto?

Ela cruza os braços sobre o peito.

— Você é o solteiro mais cobiçado de Whiskey Run. Vou ser uma espécie de estraga-prazeres para todas as mulheres que esperam andar no trem dos Blaze.

Meus olhos saltam das órbitas.

— Trem dos Blaze? É sério isso? Acho que nunca ouvi isso antes.

Ela dá de ombros.

— Confie em mim, esse termo existe. Ainda mais quando você e seus irmãos eram solteiros, mas agora que é o último, todos os olhos estão em você. E morar com uma grávida só vai atrapalhar sua vida de solteiro.

Eu apenas a encaro. Ela vai ter mil desculpas, mas nenhuma delas importa para mim.

— Você não entendeu. Se morarmos juntos, as mulheres da cidade vão pensar...

A voz dela falha e inclino a cabeça.

— Elas vão pensar o quê? Que estamos juntos? Pois deveriam, já que eu disse a todos que estamos. Caramba, Ally, está falando besteira. A maioria da cidade já acha que a bebê é minha. Já acham que estamos juntos.

Ela balança a cabeça.

— Mas não estamos... juntos, quero dizer.

Passo a mão pelo meu cabelo e suspiro.

— Nós ficaremos.

Ela agarra minha camisa e me puxa para baixo.

— Austin, escute aqui: vou ficar com você até que seja seguro para mim ir para casa e ficar sozinha. Mas assim que eu tiver alta do médico, eu vou voltar para minha casa.

Estou balançando a cabeça.

— Ally, você vai se mudar, vai largar seu emprego e vai se casar comigo.

A voz dela fica alta no cômodo pequeno:

— Eu não vou largar meu emprego e nós não vamos nos casar. Austin, pare de falar essas bobagens. Não pode se casar com sua melhor amiga porque ela engravidou de um babaca que a abandonou. Tudo o que você precisa fazer é estar do meu lado, só isso. Apenas como amigo. Não precisa mudar todo o curso da sua vida porque estraguei tudo. Eu não vou me casar com você só porque engravidei.

Tento não reagir. Tento não deixar que as palavras dela me afetem. Sei que estou sendo insistente, mas eu esperava que houvesse uma parte dela que quisesse se casar comigo. Não achava que ela seria completamente contra a ideia. Quero dizer a ela que não quero me casar com ela só por causa da bebê, mas sei que ela não vai me ouvir nem mesmo querer.

Coloco a mão em seu ombro.

— Não diga isso. Não pense dessa maneira. Você não estragou tudo... — Paro porque conheço a expressão que ela está fazendo agora. Ally é uma das mulheres mais teimosas que conheço e, no momento, ela não está ouvindo nada. Aos seus olhos, ela estragou tudo. Ela pode não perceber agora, mas para mim, engravidar foi a melhor coisa que aconteceu. Isso me forçou a agir.

Inclino-me em sua direção.

— É isso que vamos fazer.

Pelo seu olhar, sei que não vai gostar nada que eu apenas diga a ela

o que fazer, então mudo de tática:

— Se concordar, é isso que eu gostaria que acontecesse...

Seu rosto se suaviza e me apresso antes que ele se feche novamente:

— Você fica comigo pelas próximas duas semanas. Deixe-me cuidar de você. Não terá que levantar um dedo.

Ela parece tão preocupada como se tivesse o fardo do mundo em seus ombros.

— Por duas semanas?

Claro que quero convencê-la de que ficará comigo para sempre, mas ela está exausta. Está preocupada e assustada, e agora não é o melhor momento para tentar convencê-la de que ela nunca vai me deixar.

— Duas semanas para você repousar. — Quando ela não concorda rápido o suficiente, tento convencê-la: — Ally, você é minha melhor amiga. Não posso ficar parado assistindo-a passar por tudo isso sozinha. Quero estar do seu lado, da bebê. Por favor, deixe-me fazer isso.

Ela examina meu rosto e deve ver a sinceridade refletida em meus olhos.

— Ok, mas me diga se quiser que eu vá embora. Posso ir para casa a qualquer momento.

Balanço a cabeça.

— Não vou querer que vá.

Ela dá de ombros.

— Vai que isso acontece. E não quero interferir na sua vida mais do que já estou interferindo. Não precisa cuidar de mim ou esperar por mim ou qualquer coisa do tipo. E sei que poderia ficar em casa, mas estou com medo e agradeceria se pudesse ficar com você por apenas duas semanas. Então ficarei melhor e ficarei bem sozinha.

Não vou discutir com ela. Ela não precisa saber que já providenciei alguém para cozinhar todas as suas refeições favoritas ou que me organizei para trabalhar em casa, ou que alguém está trabalhando em um dos meus quartos de hóspedes nos últimos meses. Eu me levanto e pego a bolsa que trouxe da caminhonete de Huddy ontem à noite.

— Ok, peguei uma roupa para você. Posso ajudá-la a se vestir?

Ela esfrega a mão na barriga.

— Acho que consigo me vestir sozinha.

Pego as roupas da bolsa e as coloco no fim da cama.

— Vamos, eu quero ajudá-la.

Ela não luta comigo. Pega minha mão e a ajudo a ir para o lado da cama. Coloco meus braços em volta dela e desamarro a fita em volta do seu pescoço. Ela coloca a mão no tecido sobre o peito para segurar o vestido no lugar. Ela está praticamente ofegante quando pergunta:

— O que você está fazendo?

— Estou a ajudando a se vestir.

Ela balança a cabeça.

— Mas eu disse que consigo sozinha.

Puxo o vestido para baixo dos braços dela, e ela coloca a outra mão na frente dele para segurá-lo.

Coloco a mão em seu ombro.

— Sei disso, mas eu quero ajudá-la.

Ela não solta o vestido, então sorrio para ela.

— Eu já vi você nua.

Ela revira os olhos e me empurra no peito com uma mão.

— Não, você já me viu de maiô. Você nunca me viu nua.

Agarro sua mão e a seguro contra meu peito. Eu me inclino até nossos rostos ficarem a centímetros de distância.

— Sinto muito que não se lembre da noite passada porque eu com certeza me lembro. Está se repetindo na minha mente desde então.

Ela ergue os olhos para os meus.

— Lembro sim, mas quis dizer que você não me viu completamente nua. Tenho estrias, meus seios estão...

Quando ela para de falar, não consigo conter a pergunta:

— Seus seios estão, o quê?

— Maiores — ela gagueja.

— Ha ha, se está tentando me fazer não querer vê-los, está indo pelo caminho errado.

Ela ri e balança a cabeça.

— Austin...

Pego na frente do vestido dela.

— Deixe-me ajudá-la. Vamos, vou cuidar de você nas próximas duas semanas. Vou vê-la...

Ela respira fundo, senta-se um pouco mais ereta e endireita os ombros.

— Tudo bem. Vamos fazer isso.

Quero puxar o vestido, mas mais do que isso, quero que ela faça

isso por mim. Solto a mão dela e gesticulo para ela. Ela a deixa cair e olha para todos os lugares, menos para mim.

Gostaria de poder dizer que sou um homem melhor, mas não sou. Meus olhos se voltam para os seios dela e respiro fundo. Ela tem razão. Já a vi de sutiã esportivo e maiô. Ela sempre teve seios perfeitos e agora, como se fosse possível, está ainda mais desejável. Pego a blusa da cama e a desdobro, odiando estar prestes a cobri-la. Suspiro e estou prestes a cobri-la quando percebo que ela ainda não está olhando para mim. Seu rosto está vermelho e ela está obviamente envergonhada e insegura com toda a situação.

— Ally — digo o nome dela, mas ela só pisca os olhos. — Ally — digo novamente e pergunto: — Posso tocar em você, Ally?

Finalmente, seus olhos se voltam para os meus.

— Você quer me tocar?

Ela parece tão surpresa, e eu mal consigo conter tudo o que estou sentindo agora.

— Porra, Ally! Não faz ideia do quanto eu quero tocá-la agora.

Levanto a mão, mas não a toco. Espero que ela me dê sinal verde, e o tempo todo, estou prendendo a respiração, esperando que ela responda. Finalmente, quando parecem minutos em vez de segundos, ela me dá a resposta que estou ansioso para ouvir:

— Pode me tocar.

Levanto a mão e pressiono o dedo em seu mamilo duro. Ela ofega enquanto arqueia as costas, pressionando-se contra minha mão. O poder que sinto agora é como nada que já senti antes.

— Porra, você é linda, Ally!

Antes que ela possa dizer qualquer coisa, eu me inclino e coloco os lábios em torno de seu mamilo enrugado. Ela leva as mãos à minha cabeça, me segurando para ela enquanto seu gemido enche o quarto.

Eu a chupo enquanto sinto o peso de seu outro seio em minha mão. Eu quero mais, mas aqui e agora não é o lugar. Eu me afasto, e ela está me encarando com os olhos arregalados. Tenho que cobri-la enquanto ainda consigo me conter. Abro a blusa e a passo por sua cabeça. Eu a ajudo a colocar os braços nas mangas e então a puxo para baixo de seu corpo, sobre sua barriga de grávida.

Pego sua calça, coloco seus pés nas pernas e as puxo até suas coxas. Com ela sentada, é o máximo que consigo ir. Coloco minhas mãos em cada

lado de sua bunda na cama. Estou ofegante sem nenhuma outra razão além de mal conseguir me segurar. A necessidade de consumi-la completamente, de envolver meu corpo em volta dela e segurá-la até que ela prometa nunca me deixar é insuportável.

— Depois que descansar um pouco, você e eu vamos ter uma conversa.

Ela abre e fecha a boca, então finalmente assente. Eu a ajudo a se levantar e puxo sua calça até a cintura. Assim que estamos de pé, a porta se abre.

— O Dr. Reynolds assinou sua alta. Só preciso de sua assinatura em alguns papéis e então poderá ir embora.

A mulher está alheia à tensão do quarto. Levanto-me em toda a minha altura e dou espaço para Ally assinar seus papéis. Ansioso, balanço de um lado para o outro, pronto para tirá-la daqui. Pronto para levá-la para minha casa... onde ela pertence.

Capítulo 13



ALLY



Mal entramos na casa de Austin, tiro os sapatos e ele está me ajudando a subir as escadas em direção aos quartos.

— Não acho que preciso ir direto para a cama.

Sua mão está na parte inferior das minhas costas e ele está me seguindo escada acima. Ele ri.

— Estava me perguntando quanto tempo levaria até você tentar se esquivar disso, mas pensei que pelo menos chegaria na cama primeiro.

Suspiro.

— Não posso simplesmente ir direto para a cama, Austin. Tenho que cancelar todos os meus compromissos das próximas duas semanas. Tenho que descobrir o que vou fazer para ganhar dinheiro nos próximos dias e...

Eu me interrompo quando ele me leva para seu quarto em vez de um dos quartos de hóspedes.

— Espera, o que você está fazendo? Não vou expulsá-lo do seu quarto. Vou ficar em um dos quartos de hóspedes.

Ele está puxando as cobertas e tudo o que posso fazer é ficar com a boca aberta. Sempre frequentei a casa de Austin, e sei que ele tem outros dois quartos. Imaginei que dormiria em um deles. Ele se endireita e vem até mim.

— Austin, sério, eu não vou ficar na sua cama.

Ele para na minha frente se abaixa, coloca uma mão atrás das minhas costas e a outra atrás dos meus joelhos. Ele me levanta facilmente e não tenho escolha a não ser apenas envolver meus braços em volta do seu pescoço.

— Austin, você não está me ouvindo.

Ele está me observando enquanto vai em direção à cama.

— Estou ouvindo sim.

Deixo minha mão deslizar pelo seu peito e dou um tapinha nele.

— Não está não, porque se estivesse, eu estaria em um dos seus quartos de hóspedes. Ou até mesmo no seu escritório lá embaixo. Tem uma cama retrátil lá. Posso dormir nela.

Bem nesse momento, há um estrondo vindo do outro quarto e Austin franze a testa. Ele me deita na cama e me encara. O jeito que ele olha para mim faz meu corpo inteiro formigar. Eu me levanto nos cotovelos no momento em que alguém bate à porta aberta.

— Me desculpe por isso, chefe. Estamos quase terminando. Vamos encerrar...

A voz continua e me sento para tentar ver quem é. Austin se move, me bloqueando.

— Ótimo, Patrick. Eu o aviso quando puderem voltar para pintar o quarto.

O homem responde sem jeito e vai embora. Austin está tenso quando se vira para mim. Não consigo resistir a revirar os olhos.

— Austin, sério, quem era?

— Patrick.

— Tá, ok, mas o que ele está fazendo aqui?

— Reformando o quarto de hóspedes.

Absorvo o que ele disse. Então ele está reformando o quarto de hóspedes. Ele não está apenas tentando me colocar na cama dele ou algo assim. Tem uma desculpa legítima.

— Ok, tudo bem, mas se não quer que as pessoas saibam que estou na sua cama, então eu provavelmente não deveria estar aqui. Patrick provavelmente vai contar à namorada ou esposa ou um dos caras com quem trabalha, e antes que você perceba, todo mundo na cidade vai pensar que estamos morando juntos.

Ele dá de ombros e eu deveria deixar isso para lá, mas não deixo.

— Não aja como se não se importasse, Austin. Você entrou na minha frente para me esconder.

Ele se senta na lateral da cama.

— Acha que eu estava tentando escondê-la... como se eu tivesse vergonha de você estar aqui ou algo assim?

Dou de ombros, mas não concordo, embora seja exatamente isso

que eu pense.

Ele coloca uma mão na cama de cada lado da minha cabeça. Ele está se inclinando sobre mim, e há uma parte de mim que quer puxá-lo para baixo para que eu possa sentir o peso do seu corpo contra o meu. Ele se inclina até que nossos lábios estejam a centímetros de distância.

— Eu estava te escondendo porque você é sexy pra caralho. Eu a imagino na minha cama há tanto tempo que agora que está aqui, não quero que outro homem tenha essa imagem na cabeça. — Ele pressiona seus lábios nos meus, coloca uma mão no meu pescoço e então se afasta. — Não quero dividir você, Ally.

Mordo meu lábio e olho para ele desamparadamente.

— O vamos fazer? Nós dois vamos dormir aqui?

Ele sorri.

— Primeiro, vou deixá-la tirar um cochilo. Vou pegar algumas coisas, como um laptop e uma mesa de colo. Vou trazer suas roupas e guardá-las, assim com suas coisas de higiene pessoal. Então, quando acordar do cochilo, vou trazer seu almoço. Então você poderá colocar algumas coisas em dia; da nossa cama.

Meus olhos se voltam para os dele.

— Nossa cama?

Ele assente.

— Sim, nossa cama.

Tenho tantas perguntas, mas não consigo fazer nenhuma. Abro a boca e tudo o que sai é um bocejo largo e alto.

Ele não se ofende. Apenas ri, se levanta e puxa as cobertas até meus ombros.

— Descanse. Estarei por perto.

Balanço a cabeça.

— Sei que precisa trabalhar. Estou bem aqui. Vou ficar na cama.

Ele assente e se inclina para beijar minha testa.

— Ah, eu sei que vai. Grite ou ligue se precisar de mim — diz, enquanto aponta para o meu telefone que está na mesa de cabeceira.

Aceno com a cabeça e me aconchego na cama quentinha. O lençol é macio e a coberta é fácil de se aconchegar. Austin beija minha cabeça, sai do quarto e fecha a porta.

Tento limpar minha mente. Sei que preciso descansar, mas não importa o que eu faça ou quanto tempo eu fique deitada, sei que não vou

conseguir dormir de novo. O burrito de ovo que Austin me deu no café da manhã hoje encheu minha barriga, então presumi que o sono viria facilmente, mas não veio. Sento-me na cama e pego meu telefone na mesa de cabeceira. Dou uma olhada na minha agenda e vejo os compromissos das próximas duas semanas. Faço uma mensagem de texto genérica e começo a enviá-la. Sinto-me mal com cada mensagem que envio porque não consigo dar a eles uma data de remarcação. Não tenho certeza de quando poderei voltar ao trabalho e, embora não queira perder meus clientes, sei que será uma atitude idiota remarcar para daqui a duas semanas e, possivelmente, ter que cancelar novamente.

Quando já enviei todas as mensagens e meu telefone está tocando com todas as respostas, tento não deixar que tudo isso me afete. No geral, as pessoas são compreensivas e me desejam o melhor. Mas há algumas que estão bravas e sentem que as deixei na mão.

Eventualmente, coloco meu telefone no silencioso e o coloco de volta na mesa de cabeceira. Depois de ficar sentada aqui pelo que parece uma eternidade, saio da cama com cuidado e vou até o banheiro. O assento do vaso sanitário está abaixado e tento puxar a tampa para cima, mas ela não se move. Há algum tipo de enghenoca que a trancou. Eu a puxo várias vezes, mas nada.

O fato de não poder fazer xixi me faz querer fazer ainda mais. Fico tentando sem parar e é depois de fazer xixi na metade da minha perna que consigo quebrar a trava e levantar a tampa. A essa altura, não importa. Droga.

Tiro minhas roupas e entro no chuveiro. Planejo tomar um banho rápido só para me limpar, mas quando o jato de água quente me atinge nas costas, ele acalma músculos que nem tinha percebido que estavam tensos. Preparada para lavar meu cabelo com algum tipo de combinação de shampoo/condicionador masculino, fico surpresa quando alcanço a prateleira do box e vejo a marca de shampoo, condicionador e sabonete corporal que uso. Ainda mais perguntas surgem na minha mente. Coisas que quero perguntar a ele, mas não sei se terei coragem de fazer isso.

Termino meu banho e, quando saio, pego uma toalha no armário. Parece quase luxuoso quando enrolo uma em volta do meu cabelo e pego outra para enrolar em volta do meu corpo. Só quando a toalha não cabe completamente é que me olho no espelho. Viro de um lado para o outro, mas não importa como eu me olhe, me acho ridícula. Minha barriga está

essencialmente pendurada, mostrando todas as minhas partes íntimas. As lágrimas começam a rolar, e não importa o quanto eu tente segurá-las e enxugá-las com a mão e depois com a toalha, elas continuam caindo.

Vou até a porta e encosto minha cabeça nela. Bem, tenho duas opções. Posso pegar outra toalha e tentar me cobrir dessa forma, ou posso correr e pegar algumas roupas da gaveta de Austin no quarto. Olho para as roupas que tirei, mas sei que não quero vesti-las de novo.

Respiro fundo e sei o que preciso fazer.

Abro a porta e saio para o quarto. A porta ainda está fechada, então atravesso o quarto na ponta dos pés. Estou quase na cômoda quando a porta do quarto se abre e pulo com um grito. Austin para no meio do caminho enquanto olha do meu cabelo enrolado na toalha para o meu corpo até os dedos dos pés. Estou praticamente ofegante quando ele levanta os olhos de volta para minha barriga exposta.

Seus braços estão cheios de roupas, ele se vira e as deixa cair na cadeira antes de se virar para mim.

— Você estava chorando.

Puxo a toalha para enxugar meu rosto e então me esforço para me cobrir novamente.

— Estou bem.

Ele vem até mim e pressiona seu corpo contra o meu.

— Você não está bem. Está chorando. O que há de errado? O que aconteceu? Você deveria estar dormindo.

Balanço a cabeça e enterro meu rosto em seu peito.

— Não consegui dormir. E... e você tem algum tipo de trava no seu vaso sanitário. Eu fiz xixi na minha perna antes que eu pudesse tirá-la completamente e então tomei banho e essa toalha idiota nem me cobre por inteira. Estou enorme. — Soluço, respirando fundo. — Estou prestes a ser mãe e não consigo nem cuidar de mim mesma.

Antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, ele me levanta em seus braços e caminha até me colocar na cama.

— Espera. Eu já volto.

Eu o vejo entrar e sair do banheiro rapidamente. Austin tem uma escova na mão e se posiciona de forma que fique sentado atrás de mim. Ele desenrola a toalha em volta do meu cabelo e a joga no chão. A toalha em volta do meu corpo é inútil agora. Ela mal cobria alguma coisa quando eu estava de pé, e sentada, não faz nada para esconder tudo o que está exposto.

Austin me puxa para ele e começa a escovar meu cabelo.

— Austin, o que você está fazendo?

Sua respiração roça minha orelha.

— Estou escovando seu cabelo. Você não dormiu nada?

Suspiro.

— Não, não consegui, mas cancelei meus compromissos.

Ficamos em silêncio enquanto ele continua a desembaraçar meu cabelo. Eu deveria tentar me cobrir, mas nem me importo agora. Não consegui dormir antes, mas de repente me sinto exausta. Deixo meu corpo balançar para trás até me acomodar em seu peito. Ele se inclina para trás na cama, me puxando com ele. Desse ângulo, minha barriga aponta ainda mais. Pego a coberta e a puxo para cima de nós.

Ele para de escovar meu cabelo por apenas um segundo e então começa de novo.

— Você vai ser uma ótima mãe. Sabe disso, certo?

Dou de ombros. Tenho grandes esperanças de que consiga descobrir tudo isso, mas definitivamente tenho minhas dúvidas.

— E a coisa no vaso sanitário foi algo que coloquei para protegê-lo de crianças. Eu protegi a casa inteira.

Ofego.

— Você fez isso?

Sinto-o assentir.

— Fiz.

— Austin, você sabe que vai levar meses até a bebê nascer, certo? E depois um ou dois anos para ela conseguir entrar em armários, vasos sanitários ou latas de lixo.

Ele pausa a escova e envolve seus braços em volta de mim, apoiando as duas mãos na minha barriga.

— Sei disso, mas eu já queria estar pronto.

Fecho os olhos enquanto me afundo mais nele. Cada parte de mim quer apenas concordar com tudo isso, mas sei que assim que as coisas piorarem, corro o risco de perder meu melhor amigo. E sei que não vou sobreviver nos próximos meses, inferno, nos próximos anos sem ele ao meu lado. Não, preciso proteger meu coração. Tenho que fazer isso.

Ele se vira para beijar minha testa.

— Além disso, você não está enorme. Eu a acho absolutamente linda e perfeita do jeito que é.

Abro minha boca para refutá-lo, mas fecho-a rapidamente. Ele se move atrás de mim e paro bruscamente quando sinto. Bem devagar, digo seu nome:

— Austin.

Sua voz está mais profunda.

— Sim, baby?

— Você está duro... de novo — falo sem rodeios.

Ele nem tenta mais se conter. Ele nos move até que estejamos deitados um ao lado do outro. Austin envolve seus braços e pernas em volta de mim, me colocando ao lado dele.

— Você precisa descansar um pouco.

Concordo com a cabeça enquanto sinto sua dureza pressionada contra minha barriga.

— Mas, e você? Vai conseguir dormir assim?

Eu o sinto assentir.

— Sim, já estou me acostumando. Se você estiver por perto, fico duro. Estou aprendendo a viver com isso.

Enterro meu rosto em seu peito. *Fique quieta, Ally. Não diga isso.* Mas assim que o pensamento vem, abro a boca:

— Eu poderia, uhm, ajudá-lo com isso.

Ele geme.

— Porra, Ally! Você não tem ideia do quanto eu quero isso.

Começo a alcançá-lo, mas ele pega minha mão e pressiona minha palma aberta em seu peito.

— Mas não importa o quanto eu queira isso, você é a minha primeira prioridade, e sei que precisa descansar. Vamos tentar isso. Vamos ver se você consegue dormir enquanto está em meus braços.

Bocejo e minhas palavras ficam um pouco arrastadas enquanto posso sentir que estou caindo no sono.

— Nós sabemos que consigo. Eu te disse que nunca dormi tão bem quanto ontem à noite.

— Pensei que estivesse brincando.

Dou de ombros e me afundo ainda mais nele. Levanto sua coxa com a minha perna até que eu possa sentir sua dureza contra ela.

— Não, eu não estava brincando. — Esfrego minha mão suavemente contra seu peito. — Obrigada, Austin... por tudo.

Sua voz soa rouca, como se ele não gostasse que eu lhe mostrasse

gratidão:

— Não precisa me agradecer. Eu faria qualquer coisa por você.

Eu me agarro em sua camisa, mas não digo uma palavra. O que eu poderia dizer? *Sim, Austin, sei que você faria qualquer coisa por mim. Até mesmo se casar comigo sem me amar.* Fecho os olhos e forço todos os pensamentos a saírem da minha mente. Eu me sinto um pouco culpada, permitindo que Austin faça tudo o que ele está fazendo por mim, mas é só por duas semanas. Então estarei fora do seu caminho e ele poderá continuar com sua vida de solteiro... não importa o quanto isso me machuque.

Capítulo 14



AUSTIN



Por quase duas semanas, passei meus dias com Ally. Assistimos televisão, conversamos, rimos e saímos. Fiz o meu melhor para mantê-la nesta cama, e tem sido uma tortura absoluta para mim. Noite após noite, seguro-a em meus braços, apertada contra meu corpo. Vou dormir com uma ereção e acordo com uma também.

Quantas vezes quis prová-la novamente, mas não fiz isso. Ela está obviamente preocupada com tudo, e não quero adicionar ainda mais pressão a ela. Porra, ainda bem que ela não chorou mais desde o dia em que se mudou para cá.

— Você tem que ir trabalhar hoje, não tem?

Não percebi que ela estava acordada. Fiquei aqui com meus braços ao redor dela, apreciando esse momento em que ela está dormindo e seu corpo derrete no meu. Não há hesitação, insegurança ou qualquer outra coisa quando ela está assim. Somos só nós dois. Pigarreio.

— Sim, só por um tempinho, mas não se preocupe, a Elle vai vir ficar com você por um tempo.

Sei que ela está revirando os olhos para mim sem nem precisar olhar para ela.

— Não preciso de uma babá.

Esfrego a mão em suas costas.

— Faça isso por mim, Ally. Só preciso trabalhar um pouco e não quero me preocupar com você enquanto estiver lá.

Ela vai discutir. Tenho certeza disso, então fico surpreso quando ela diz:

— Ok.

Eu me afasto para poder olhar para o rosto dela.

— Ok? Então você espera que eu acredite que você está cedendo desse jeito?

Ela desliza a mão pela minha barriga.

— Depois de tudo que você fez por mim na última semana e meia, acho que estou te devendo.

Beijo o cabelo dela.

— Você não me deve nada, mas aprecio você ter dado ouvidos ao que o Dr. Reynolds disse. Sua pressão arterial tem estado ótima e está sem dores de cabeça. Além disso, sou um homem de sorte — deixo minha voz sumir. Há uma centena de razões que posso listar pelas quais sou um homem de sorte, e todas elas têm a ver com ter Ally na minha vida, nos meus braços e na minha cama.

— Ando me sentindo uma desleixada.

Uso meu corpo para gentilmente empurrá-la de costas. Pairando sobre ela, examino seu rosto.

— Desleixada? Você não é nada disso.

Ela ri, mas isso não esconde a verdade de seus sentimentos. Ela realmente acredita nisso.

— Eu só fico aqui... sem fazer nada. Provavelmente ganhei pelo menos uns dez quilos na última semana. Você provavelmente vai ter que...

— Bobagem. Você é perfeita.

Espero que ela ria ou bata no meu peito do jeito brincalhão que ela faz, mas em vez disso seu rosto está completamente sério quando ela diz:

— Você acha? — Ela começa a gaguejar: — Quer dizer, eu sei que não sou perfeita, mas você acha... droga, eu nem sei o que estou perguntando.

— Pergunte — exijo.

Ela respira fundo e solta o ar lentamente.

— Quer dizer, você acha que eu estou... bem?

Concordo com a cabeça, ainda sem ter certeza se entendi o que ela quis dizer.

— Eu disse que você e a bebê vão ficar bem.

Ela balança a cabeça.

— Esqueça.

Eu me inclino para ela, até que sua barriga me impede de chegar mais perto.

— Não, eu não vou esquecer. O que você quer me perguntar?

Ela pisca para mim e seus olhos que normalmente são de um verde penetrante estão mais para um jade mais escuro agora. Eles sempre ficam mais escuros quando ela olha para mim do jeito que está me olhando agora.

— Fale comigo, Ally.

Ela deixa escapar como se não conseguisse dizer rápido o suficiente:

— Não é nada. Eu só me sinto gorda e indesejável. É um problema pessoal e vou superá-lo. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar do que com a minha aparência.

Eu tinha certeza de que ela sabia. Como é que ela não percebeu o jeito que meu pau cava nela toda vez que ela está perto? Sim, tentei esconder isso dela, não querendo tirar vantagem, mas devo ter feito um trabalho de merda escondendo isso dela.

— Você não é indesejável...

Ela ri e balança a cabeça. Faço o que estava morrendo de vontade de fazer desde que a empurrei de costas. Abaixo minha pélvis até que meu pau esteja aninhado entre suas coxas. Suas pernas estão separadas, mas quando ela me sente deslizar ao longo de suas coxas internas, ela junta as pernas e resmungo enquanto empurro ainda mais para dentro dela.

— Parece que eu a acho indesejável?

Ela levanta os quadris, me fazendo entrar em agonia.

— Deixe-me mostrar a você, Ally. Deixe-me mostrar o quanto eu a quero.

— Sim, por favor... — Ela hesita por apenas um segundo. — Mas e a bebê?

Seguro seu rosto.

— Baby, você sabe que eu não faria nada para machucar você ou a bebê.

Ela ofega.

— Mas...

Balanço a cabeça.

— Chega de *mas*.

Eu me inclino para trás em meus quadris e coloco as mãos no cóx em cada lado de seus quadris. Ela se levanta sem que eu diga nada. Puxo o tecido sedoso para baixo de suas pernas e depois o jogo no chão. Deslizo minhas mãos por suas pernas, ao longo de suas coxas internas e ela me para. Ela junta os joelhos.

— Austin, espera.

Deixo minha cabeça cair gentilmente em sua barriga. Respiro fundo e conto até dez. Se ela me empurrar agora, não tenho escolha a não ser dar-lhe algum espaço. Levanto-me para poder olhar em seu rosto.

— O médico disse sem sexo... orgasmos são ok.

Ela sorri.

— Eu sei, mas eu estava pensando se você... uhm... me beijaria.

Não consigo tirar o sorriso do meu rosto.

— Eu pretendo.

Ela coloca a mão no meu braço.

— Não, quero dizer, me beijar... na boca.

Rastejo para cima da cama e deito ao lado dela até que nossos rostos estejam a centímetros de distância.

— Você quer que eu te beije?

Ela revira os olhos.

— Sim, bem, semana passada não conseguia fazê-lo parar de me beijar. Claro, você estava tentando me calar.

Examino seu rosto, tentando não encarar seus lindos lábios curvados.

— Você me disse para parar de beijá-la.

Ela acaricia minha bochecha.

— Desde quando você me escuta?

— Ok, então de agora em diante, vou beijá-la quando eu quiser. — Quando ela não diz não ou tenta me dissuadir, pressiono ainda mais: — Quando eu quiser.

Quando ela ainda não discorda, eu me inclino e pressiono meus lábios nos dela. O beijo começa lento e simples, mas preciso de mais. E pelo jeito que ela choraminga ao meu toque, acho que ela também. Envolver minha mão em volta de seu cabelo comprido e macio e seguro sua bochecha com a outra. Inclino minha cabeça para poder beijá-la mais profundamente. Quando sua língua desliza ao longo da minha, saboreio seu gosto.

Seguro seu seio através de sua blusa.

— Quero que tire isto.

Eu me afasto até poder ajudá-la a tirá-la. Ela puxa o lençol sobre nossos corpos, mas isso não me impede. Minhas mãos estão em todos os lugares, e sei que quanto mais longe formos, quanto mais eu a tiver perto, mais eu não serei capaz de deixá-la.

Capítulo 15



ALLY



Estou ofegante e meu corpo inteiro parece ter mil volts de eletricidade passando por ele. Sempre gostei das mãos de Austin. Quando éramos mais jovens, elas me faziam sentir segura, seja me segurando quando eu estava machucada ou apenas quando ele as colocava em mim para me levar a algum lugar. Mas isso é diferente. Ainda me sinto segura com seu toque, mas agora me sinto querida, adorada e ousa dizer amada.

Quando ele circula seus lábios em volta do meu mamilo duro, minhas costas arqueiam com seu toque. Ele está evocando todos esses sentimentos, e são avassaladores para dizer o mínimo. Gemo seu nome:

— Austin, por favor.

Seus lábios saltam do meu peito com um estalo, mas nem dá tempo de sentir sua ausência porque ele desliza pelo meu corpo, beijando ao longo do caminho. É como se meu coração desse cambalhotas no peito quando ele beija minha barriga, mas não consigo ficar extasiada com isso por muito tempo porque, antes que eu perceba, ele já abriu minhas pernas e está se acomodando entre minhas coxas.

A expectativa está me matando. Seu hálito quente na minha pele é bom demais. Melhor do que qualquer coisa que já senti antes. Quando ele desliza o dedo pela minha fenda inchada e molhada, levanto meus quadris para encontrar seu toque. Meu corpo parece estar pegando fogo, mas ele não cede. Repetidamente, ele me acaricia e, a cada passagem sobre meu clitóris, minha excitação só aumenta.

— Austin, por favor, eu preciso de mais.

Sua voz soa baixa e tem a intenção de me acalmar, mas a rouquidão dela me deixa à beira de perder o controle:

— Eu sei do que você precisa, Ally.

Quando ele encosta os lábios no meu clitóris e me chupa, meu corpo inteiro fica tenso. Cada músculo está flexionado e estou muito perto. Austin é persistente, ele não para. Repetidamente, ele me leva ao limite e, quando estou tão perto que estou prestes a cambalear, ele se afasta, deixando a excitação diminuir apenas para fazer isso de novo. Repetidamente, ele me leva ao limite até que eu imploro para ele me deixar gozar. Finalmente, quando não aguento mais, ele chupa meu clitóris e mexe a língua ferozmente até que meu corpo começa a se contorcer. O orgasmo dispara através de mim e rola por todo o meu corpo, desde os dedos dos pés até o topo da minha cabeça.

Parece que dura para sempre, mas eventualmente, a sensação começa a diminuir, e estou ofegante enquanto Austin sobe em meu corpo. Sua testa está franzida e ele está passando a mão ao longo da minha barriga.

— Está se sentindo bem? Como está a bebê?

Pisco para ele, quase incoerentemente.

— Uhm, sim, estou bem... ela está bem.

Mas ele não parece acreditar em mim.

— Sem dores, sem pontadas... talvez eu deva verificar sua pressão.

Ele está prestes a se empurrar para fora da cama quando eu agarro sua mão.

— Confie em mim, você não quer verificar minha pressão arterial agora.

Ele franze a testa.

— Ally, baby, precisamos...

Balanço a cabeça e o puxo para mim.

— Preciso segurá-lo. — Eu o alcanço e, pela primeira vez, coloco minha mão entre suas pernas e o seguro por cima de sua cueca. Envolver minha mão em torno de sua circunferência, meio que surpresa com o comprimento impressionante. — E acho que você pode precisar...

Seus quadris empurram minha mão, ele geme e então coloca a mão no meu pulso.

— Porra, Ally, se me tocar eu vou gozar.

Não consigo evitar rir. Sua voz está tensa assim como seu corpo.

— Acho que esse é o ponto.

Ele inclina a cabeça contra meu peito e respira fundo algumas vezes. Posso sentir sua luta interna e não tenho certeza do que dizer para que ele saiba que está tudo bem. Que eu quero fazer isso por ele. Passo a

mão por seu cabelo.

— Austin, me deixe fazer isso... eu quero.

Ele balança a cabeça.

— Não, baby.

Recuo, surpresa. Nada disso faz sentido.

— Se não quer que eu o toque, é só me dizer.

Tento empurrá-lo para longe de mim, mas ele não se move. Ele levanta o rosto para o meu e me beija. Tento me segurar, mas seus lábios me mantêm cativa, e não demora muito para que eu me perca na sensação dele contra mim. Seu corpo está pressionado contra o meu, mas ele está segurando seu peso longe de mim. Eu o sinto em todos os lugares, e meu clitóris está praticamente vibrando com os efeitos colaterais do orgasmo que ele acabou de me proporcionar.

Quando finalmente se afasta, ele segura meu queixo para que eu não tenha escolha a não ser olhar para ele.

— Isso é tudo que eu quero, Ally, ter suas mãos em mim, mas não vou gozar até que eu possa gozar dentro de você.

O quê? Como isso é possível?

— Mas isso pode levar semanas... meses...

Seus lábios se levantam em um sorriso suave.

— Confie em mim. Depois de todos esses anos, alguns meses não vão me matar. Especialmente porque você me deu permissão para beijá-la sempre que eu quiser. Eu terei sua boca... e sua boceta para me segurar até que seu corpo esteja pronto para me receber.

O desconforto me preenche. Não por causa do que ele está me dizendo. Eu o quero assim mais do que qualquer coisa, mas também sei que isso não pode ser real, ou pelo menos, não consigo acreditar que seja. Ainda não.

Gaguejo as palavras porque não quero contar a ele tudo o que estou pensando:

— Não parece muito justo para você. Então eu tenho orgasmos e você não tem... nenhum?

Ele ri e seu peito vibra contra o meu.

— Confie em mim, baby. Quando você se derrete por causa do que estou fazendo com você... Eu ganho muito. O que estamos fazendo parece bom, e mesmo sabendo o que é isso, estou disposto a esperar e deixá-la se recuperar. Mas, eventualmente, teremos que conversar sobre isso, e terá que

pensar sobre o seu futuro comigo como seu marido e pai da sua filha.

Meu coração se afunda. Principalmente porque o que ele está dizendo é tudo o que eu gostaria, mas estou com muito medo de me deixar acreditar que seja possível.

— Tem razão... eventualmente, vamos ter que conversar sobre isso, mas sei que você tem que ir trabalhar hoje.

Seus olhos me examinam e me sinto mal porque é como se eu estivesse empurrando-o porta afora, mas a verdade é que estou. No momento não consigo lidar com isso. Ele abre a boca para dizer algo, mas para e balança a cabeça.

— Tem razão, preciso trabalhar.

Concordo com a cabeça, mas ele não se move.

— Então, se eu sair por algumas horas, posso confiar que você vai ficar na cama?

— Já disse que sim. Além disso, você tem um de seus espiõezinhos vindo.

Ele sorri.

— Eles não são espiões. Você gosta da Elle e eventualmente eles serão sua família.

Levanto a mão.

— Ok, ok. Sim, eu vou ficar na cama.

É nítido que ele quer dizer mais, mas não diz.

— Ok, vou tomar banho.

Coloco minhas mãos espalmadas na cama para que ele possa ir, mas ele não se move. Em vez disso, se inclina e me beija novamente. Estou descobrindo que qualquer beijo com Austin não é apenas um beijo. Toda vez tem sido uma experiência de abalar a terra, de busca de alma e de sacudir o corpo. Agarro o lençol com ambas as mãos, lutando comigo mesma para não segurá-lo contra mim. Eventualmente, ele vai perceber que não sou o que ele quer e, quando chegar a hora, preciso estar pronta para isso.

Capítulo 16



AUSTIN



Entro no estacionamento da Destilaria Blaze. Sei que meus irmãos estão preocupados comigo e com Ally, mas passo direto pelos escritórios e vou direto para as destilarias. Não pretendo ficar por muito tempo e preciso fazer o que precisa ser feito para não ter que ficar o dia todo. Normalmente, trabalho seis dias por semana e, quando estou aqui, é o dia todo e metade da noite.

— Como vai, Mark?

Meu gerente assistente está vindo na minha direção com uma prancheta nas mãos. Ele parece surpreso ao me ver.

— Como a Ally está?

— Tão bem quanto se pode esperar. Não está nada feliz por ter que ficar na cama.

Ele ri.

— Posso imaginar. Leve sorvete e flores para ela quando for para casa. Depois, coloque o programa de TV favorito dela, deite-se e assista com ela. Isso a fará se sentir melhor e você ganhará alguns pontos.

Olho para ele em dúvida.

— Sério? TV, sorvete e flores vão fazer ela se sentir melhor?

Ele levanta a mão esquerda para me mostrar sua aliança.

— Não precisa acreditar em mim, mas estou casado e feliz há mais de vinte anos, então tenho uma ideia do que estou falando.

Dou um tapa no ombro dele.

— Ok, você me convenceu. Não vou para casa sem o sorvete e as flores.

— Ótimo. Pode me agradecer depois.

— Ok, então o que eu perdi? Só vou ficar aqui algumas horas. Me

atualize e me diga o que preciso fazer.

— A lista de tarefas que você me enviou no começo da semana está completa. Estamos trabalhando nos pedidos da próxima semana. O novo duto chegou e foi instalado. Coloquei o antigo no depósito.

Atordoadado, tudo o que posso fazer é encará-lo.

— Você terminou tudo? Está tudo em dia?

Ele ri.

— Sim, está tudo bem. Confie em mim, todos nós sentimos sua falta por aqui, mas sim, está tudo em dia. Foi uma semana lenta, e todo o equipamento permaneceu intacto.

Estamos caminhando lado a lado pela fábrica, e estou olhando ao redor, observando todos e tudo enquanto caminho. Tudo está funcionando perfeitamente, e é bom saber que posso tirar uma folga e que nada desmorona.

— Mark, não precisa tentar esconder o fato de que ninguém sentiu minha falta por aqui. Está fazendo um bom trabalho. — Ele incha o peito todo orgulhoso, e sei que tomei uma boa decisão ao promovê-lo ano passado. — Aprecio tudo o que tem feito aqui e não quero que continue trabalhando como está sem ser compensado por isso.

Mark para de andar e levanta as mãos.

— Austin, você já me paga muito bem. Me paga mais do que a maioria das pessoas nesse cargo ganha nas grandes cidades.

— Podemos ter uma destilaria em uma cidadezinha no leste do Tennessee, mas vendemos para o país todo. Adicionamos novos distribuidores toda semana. Ganhamos mais dinheiro do que as destilarias das grandes cidades. — O fato de ele se sentir valorizado já me faz querer lhe dar um aumento. — Está decidido. Vou falar com o RH e seu aumento já será no seu próximo pagamento.

Pela primeira vez, Mark fica sem palavras. Ele gagueja por um minuto até que finalmente engole em seco e pega minha mão.

— Obrigado, Austin.

Dou-lhe um aperto de mão firme.

— Não precisa me agradecer. Confie em mim quando digo que já estava merecendo isso, mas preciso que saiba que, pelos próximos meses, vou reduzir minhas horas. Terei que ter a certeza de que poderei contar com você.

Mark contrai a mandíbula.

— Você não sabe disso sobre mim, mas quando meu primeiro filho nasceu, Mary teve complicações. Passei meses preocupado com ela e Mark Jr. Juro que envelheci dez anos nesses nove meses. Dizer que entendo o que está passando é pouco. — Ele suspira e balança a cabeça. — Conte isso para que saiba que estou aqui. Estarei aqui e não terá que se preocupar com nada. Vou cuidar de tudo e não vou decepcioná-lo.

O alívio é instantâneo. É como se um peso tivesse sido tirado dos meus ombros.

— Obrigado, Mark.

Mal consigo falar quando ouço meu irmão gritando do outro lado da fábrica.

— Sabia que o encontraria escondido aqui.

Antes de me virar para Ford, asseguro a Mark:

— Ficarei aqui por algumas horas para ler e-mails e outras coisas. Pode ligar para mim a qualquer momento.

Mark olha para meu irmão e depois para mim.

— Claro, chefe.

Antes de me virar para Ford, respiro fundo e solto o ar lentamente. Sei antes de me virar que ele não vai ficar feliz comigo.

— Oi, Ford. Para sua informação, não estou me escondendo. Acabei de chegar.

Sua carranca se aprofunda.

— Podemos conversar no seu escritório?

Em vez de responder, começo a andar pela fábrica. Mentalmente, tento me preparar para o que está prestes a acontecer. Entramos no meu escritório e, quando Ford fecha a porta, começo antes que ele possa dizer qualquer palavra:

— Não estou alheio às coisas por aqui. Tenho entrado em contato com Mark todos os dias, várias vezes ao dia. Estou revisando relatórios todos os dias do nosso estoque, remessas, tudo isso. Não vou deixar passar nada.

Ele coloca as mãos na cintura.

— Acha que é com isso que me importo?

Gaguejo:

— Bem, eu, uhm, sim, é com isso que você se importa. Sempre me encheu o saco sobre como eu administrava a fábrica, então sei que é com isso que está preocupado.

— Não é.

Meu queixo cai, e tudo o que consigo fazer é encará-lo.

Ele aponta para a porta fechada.

— Se acha que me importo mais com isso do que com você... ou com Ally e a bebê... ou com sua felicidade, então está redondamente enganado. Você desapareceu completamente. E não estou falando de trabalho nem nada. Estou falando de como se afastou completamente dos seus irmãos. Você não atende o telefone, não nos conta o que está acontecendo...

Dou de ombros.

— Eu só pensei...

Ele me interrompe novamente:

— Não, você não pensou. Só pensou que lidaria com tudo sozinho. Somos seus irmãos. Queremos estar do seu lado.

Levanto as mãos para impedi-lo, mas a verdade é que ele está certo. Ele está absolutamente certo. Tentei lidar com tudo isso sozinho. Cruzo os braços sobre o peito.

— Olha, sei bem o que está dizendo. A única coisa que importa para mim agora é a Ally e a bebê. Sei que discorda disso, e que eu deveria estar aqui, mas...

— Não, porra, eu não discordo! Pare de colocar palavras na minha boca — ele diz em um tom duro.

Meus olhos quase saltam das órbitas. Ele se parece com Ford, mas com certeza não soa como ele.

— Mas...

Ele balança a cabeça.

— Por muito tempo, a Blaze tem sido toda a nossa vida. Trabalhamos duro para torná-la o que é hoje, mas a coisa mais importante é a nossa família. — Ele levanta a mão. — E sim, isso inclui a Ally. Você sempre a amou e ela sempre fez parte desta família.

Ainda inseguro, endireito os ombros.

— Mas pensei que...

Ele se inclina em minha direção.

— Você pensou que eu ficaria chateado por você estar tirando um tempo para cuidar da sua família. Sei que ao longo dos anos, coloquei todo o meu foco na destilaria, mas sei o que é importante, Austin. Quando um de nós está passando por algo, os outros se apresentam. Nós nos apresentamos

quando Lucas se ausentou quando a Bella teve o bebê. Nós intervimos quando Huddy precisou de ajuda com o perseguidor de Elle. Vocês todos intervieram quando eu passei o verão viajando com Lilian e Ollie. É isso que fazemos. Agora é a sua vez. Deixe-nos ajudá-lo.

Pisco para ele.

— Eu só pensei que você pensaria que eu estava relaxando.

— Porra, Austin! Você trabalhou incansavelmente para fazer isso funcionar. As receitas e a administração da destilaria foram tudo fruto do seu trabalho. Ninguém pensaria isso de você.

Emoções me invadem. Meus irmãos e eu sempre fomos próximos, mas a maior parte de nossas vidas foi envolvida na administração desta empresa. O fato de que não preciso me sentir culpado por faltar ao trabalho ou trabalhar em casa tira um peso de mim que eu não sabia que estava carregando.

— Obrigado.

Ele assente e então vai até o sofá do meu escritório e se senta.

— Ok, agora que já falamos sobre isso, converse comigo. Como a Ally e a bebê estão? Como você está? O que eu posso fazer?

Inclino-me contra a borda da minha mesa e conto tudo o que estamos vivenciando. Todas as preocupações que tenho e que não conto a Ally porque não quero deixá-la ainda mais estressada. Destrincho tudo e, quando termino, estou caído na cadeira, me sentindo impotente.

— Eu simplesmente não sei o que fazer. Eu sei a resposta. Se ela simplesmente se casasse comigo, seus problemas desapareceriam. Ela poderia deixar seu bairro cheio de ex-presidiários e viciados em drogas. E poderia trabalhar quando quisesse, em vez de se estressar por não consegue trabalhar o suficiente.

Quando paro, Ford se inclina para frente.

— E?

Confuso, pergunto:

— E, o quê?

— E ela seria casada com um homem que a ama e ama sua bebê como se fosse dele.

— Isso é óbvio.

Ele ri:

— Ok, então ela sabe que você a ama?

Reviro os olhos para meu irmão mais velho.

— Como não saberia? — Olho para ele com um olhar aborrecido.
— Ah, por favor, Ford, é da Ally que estamos falando. Ela não é estúpida.

Ele assente, concordando comigo.

— Nisso você tem razão, a Ally não é estúpida, mas ela tem sido sua melhor amiga por mais da metade de suas vidas. Claro que o melhor amigo ficara ao lado dela e tentará ajudá-la.

Inclino meu queixo para ele.

— Está dizendo que ela acha que estou fazendo isso... que estou pedindo para ela se casar comigo e passar o resto da vida comigo porque nós somos... porque ela é minha melhor amiga?

Uma explosão de risadas escapa de seus lábios.

— É exatamente isso que estou dizendo. Talvez se fosse sincero e dissesse a ela como se sentia... dissesse por que esperou tanto tempo para lhe dizer como realmente se sente sobre ela, então ela poderia ser capaz de tomar decisões baseadas na verdade em vez de alguma ideia idiota que você colocou na cabeça dela de que está fazendo isso para o próprio bem dela.

Estou na ponta da cadeira, pronto para discutir cada ponto que ele acabou de levantar quando me ocorre que ele tem razão. Porra, é óbvio. A única maneira de conseguir o que quero — o que nós dois queremos — é se eu for sincero com ela e dizer como me sinto. Olho feio para meu irmão mais velho.

— Você fica feliz por estar sempre certo?

Ele pega o telefone.

— Uhm, sim. Poderia dizer isso de novo para eu poder gravar essa merda?

Apoio meus antebraços nos joelhos.

— Vá se foder. Não vou gravar isso. Se alguém perguntar, vou negar tudo.

Ele dá de ombros e coloca o telefone no bolso.

— Tudo bem, então você tem um plano?

Concordo com a cabeça.

— Sim, vou comprar flores e sorvete antes de ir para casa. Está na hora de Ally e eu conversarmos sobre isso.

Ford pula do sofá, vai até a porta e abre-a bruscamente.

— Claro que sim.

Não consigo deixar de rir. Meu irmão definitivamente ficou mais leve desde que ele e Lilian ficaram juntos.

— Obrigado, irmão.

Ele me dá um tapa nas costas e me segue pela fábrica.

— De nada.

Capítulo 17



ALLY



Ele olha para mim com esperança e empolgação no rosto.

— Está pronta agora?

Olho para o outro lado do quarto, mas não para Elle. Não, olho para a pilha de sacolas que estão guardadas no canto.

— Ele não deveria estar comprando tudo isso para mim.

Ele vai até o canto para pegar as sacolas. Ela as traz e as coloca na beirada da cama. Ela vai e volta entre o canto do quarto e a cama, carregando sacola após sacola. Ele chegou aqui logo depois que Austin saiu. Ela e Huddy carregaram todas essas sacolas para o quarto, mas disse a ela que não queria abri-las ainda. Principalmente porque me sentia culpada por aceitar tantos presentes dele. É demais. É realmente demais.

Ele e eu almoçamos, conversamos e assistimos a uma nova comédia romântica que nós duas estávamos esperando para ver, e agora estamos aqui. Ele segura a última sacola e a joga na cama.

— Tudo bem, vamos falar sobre o elefante na sala.

Forço uma risada.

— Você quer dizer a montanha de sacolas que você colocou na minha cama?

Ela dá de ombros.

— Não, quero saber o motivo de você não quer aceitar estes presentes de Austin.

Não estou pronta para entrar em tudo isso.

— Ok, me convenceu. Vamos dar uma olhada. — E então balanço a cabeça. — Na verdade, sei que você já viu tudo, então posso dar uma olhada depois se quiser.

Ela traz uma sacola para mais perto de mim.

— Ah, não, eu não vi nada disto. Tudo o que sei é que Austin pediu para Huddy encontrá-lo no centro da cidade esta manhã antes de irmos para cá. Ele e Huddy levaram tudo isso para a nossa caminhonete. Foi Austin quem escolheu tudo.

Meus olhos quase saltam das órbitas e minha boca cai.

— Não acredito.

Ela ri.

— É verdade. Por que mais acha que a infernizei o dia todo? Quero ver o que ele comprou também.

Não posso deixar de rir. Não conheço Elle há muito tempo. Ela é meio que nova em Whiskey Run, mas assim que Huddy a conheceu, ele praticamente a reivindicou. Desde então, ela tem participado de todas as festividades dos Blaze e, como sou a melhor amiga de Austin, fiquei bem próxima dela.

— Ok, bem, veja, você deveria ter começado com isso. Vamos abri-los.

Ela se senta na parte inferior da cama e me observa. Sacolas e mais sacolas de roupas. Todas são roupas fofas de maternidade. A próxima sacola contém sutiãs e calcinhas. Algumas são práticas, e algumas delas fazem meu sangue correr quando imagino usá-las na cama ao lado de Austin. Com o rosto vermelho, rapidamente as coloco de volta na sacola, mas não antes de Elle me lançar um olhar que diz que ela sabe exatamente o que estou pensando.

Quando penso que já passei por todas elas, Elle levanta a última.

— Mais uma.

Pego-a das mãos dela, abro-a e olho dentro antes de puxar o conteúdo para fora, achando que poderia ser mais uma roupa íntima. Ofego quando olho para dentro e Elle pergunta:

— O que é?

Abro a sacola e tiro o bicho de pelúcia, ofegando enquanto absorvo tudo. É um urso de pelúcia rosa enorme. Provavelmente o maior que já vi. Elle junta as mãos sob o queixo.

— Ahhh!

Eu apenas fico olhando para o urso com admiração. É perfeito.

— Toc, toc! — Huddy grita do fim do corredor. Ele deixou Elle e as sacolas esta manhã, e voltou só agora. Assim que ele entra no quarto, seus olhos vão para Elle. Ambos sorriem um para o outro e é lindo ver o amor

brilhando entre eles. — Podemos ir?

Ela salta do final da cama e vai até ele. Ela o beija suavemente e então se afasta quando ele tenta segurá-la.

— Daqui a pouco. Vou guardar todas estas roupas. Sente-se, grandão.

Ele atravessa o quarto e se senta na cadeira onde todas as sacolas estavam há alguns momentos. Ele começa a recolher os itens da cama. Ela pega a sacola de roupas íntimas e sussurra:

— Vou colocar estas peças na prateleira do closet. Você pode experimentá-las mais tarde. — Ela pisca e eu corro novamente.

Quando Elle entra no closet, olho para Huddy. Ele está me encarando, e me mexo na cama.

— Como você está, Huddy? Sei que Austin está feliz por ter voltado para casa. Todos os irmãos estão.

Ele resmunga, e não ficaria surpresa se isso fosse tudo o que ele me dissesse, mas ele me surpreende quando acrescenta:

— Estou feliz por estar em casa. Não teria conhecido Elle se não tivesse vindo.

Um sorriso se forma em meus lábios. Desde sempre, mesmo quando éramos mais jovens, Huddy era o distante e rabugento. O fato de ele não apenas demonstrar emoção, mas também falar sobre isso me deixa feliz.

Mas Huddy não está realmente sorrindo. Na verdade, ele aprofunda sua carranca para mim.

Sem perceber, Elle entra no quarto, pega algumas roupas e desaparece de volta no closet. Eu poderia simplesmente deixar isso pra lá, mas quanto mais tempo fico sentada aqui com Huddy me encarando, sei que preciso dizer algo.

— Sei que não parece, mas depois que o médico me der o sinal verde, vou voltar para casa.

Huddy desliza para o final da cadeira.

— Espero que não.

Recuo.

— Você espera que eu não volte para casa?

Ele se levanta e cruza os braços sobre o peito.

— Não, não espero.

Inclino a cabeça para o lado, tentando ler sua expressão fechada.

— Só não quero que você pense que planejo tirar vantagem de Austin ou algo parecido, só isso.

Com uma expressão séria, dá um passo em direção à cama, mas seu rosto se suaviza quando começa a sorrir para mim.

— Você o ama.

Coloco a mão na minha barriga grande.

— A bebê não é dele.

Não sei por que falei tão diretamente. Não é da conta de ninguém, mas por algum motivo sinto necessidade de lhe dizer isso.

Não parece surpreso com meus pequenos acessos de raiva.

— Tenho certeza de que Austin discordaria de você.

Reviro os olhos.

— Ele é louco.

— Ele a ama — ele diz isso com naturalidade. — Ele a ama desde que éramos crianças.

Não importa o quanto eu queira que isso seja verdade, nego:

— Ele gosta de mim, disso eu sei.

Ele volta para o quarto e olha entre Huddy e eu. Ela dá um tapinha na barriga de Huddy, e instantaneamente ele se amolece com seu toque.

— Seja gentil, Huddy.

Ele se inclina e beija a testa dela.

— Estou sendo, meu bem.

Ela assente e pega mais algumas roupas antes de voltar para o closet. Assim que ela desaparece, ele se vira para mim.

— Ele a ama, Ally. Se parar para pensar, vai saber que ele a ama. O que precisa se perguntar é por que ele nunca lhe disse isso antes.

Isso eu posso responder. Passei a maior parte da minha vida me perguntando por que Austin e eu não podíamos ficar juntos, e tenho todas as respostas na ponta da língua:

— Porque sou pobre e moro em um bairro perigoso...

Huddy me interrompe:

— Bobagem. Você sabe que ele não se importa com quanto dinheiro você tem. Ele tem dinheiro suficiente para vocês dois.

Eu me mexo na cama.

— Porque não tenho família, e família é importante para ele.

Desta vez ele solta uma risada.

— Ok, então está me dizendo que desde o primeiro dia você não faz

parte da nossa família? Posso afirmar que meus irmãos e eu sempre a consideramos uma de nós... você é nossa família.

Emoções me invadem e sinto meus olhos lacrimejarem. Esses malditos hormônios da gravidez estão atacando novamente, mas antes que eu possa perguntar o porquê, ouço a porta da frente bater.

Meros segundos se passam antes que Austin entre no quarto com os braços cheios de flores. Seus olhos encontram os meus e ele sorri enquanto vem na minha direção. Ele se inclina para me beijar e sussurra em meu ouvido:

— Senti saudade. — Então se vira para o irmão. — O que você está fazendo aqui?

Ele escolhe esse momento para sair do closet.

— Oi, Austin. Agora podemos ir, Huddy. — Ela se aproxima e se inclina para me abraçar. Quando se afasta, explica: — Pendurei todas as roupas. Até mais, mas ligue se quiser companhia de novo. Me diverti muito hoje.

Eu me inclino e a abraço novamente.

— Eu também. Obrigada, Elle. — Ela se aproxima de Huddy e se viram para ir embora. — Tchau, Huddy. Obrigada.

Ele assente.

— Pense no que eu disse.

Concordo com a cabeça e, quando saem, Austin se vira para mim.

— O que meu irmão rabugento te disse?

— Nada. Está tudo bem. Vamos falar sobre você.

Ele se senta na cama e se inclina.

— Ok, mas primeiro preciso dizer oi para minha filha. Ela provavelmente está se sentindo negligenciada.

Antes que eu possa reagir, ele está encostando os lábios na minha barriga e então passa a mão nela.

— Senti saudade de você também, bebezinha.

Passo a mão pelo cabelo dele.

— Austin.

Ele vira seus olhos cheios de sentimento para mim.

— Sim, baby?

Gaguejo por causa do apelido que ele me deu:

— Uhm, é que eu provavelmente deveria estar brava. Você comprou coisas demais para mim, principalmente porque não vou conseguir usá-las

em lugar nenhum, mas obrigada. Significa muito que tenha pensado em mim.

Ele pressiona sua bochecha na minha mão aberta.

— Estou sempre pensando em você.

— Obrigada pelo ursinho de pelúcia também.

Ele sorri e olha para o urso que está na cômoda.

— Ela vai amar, não vai?

Concordo com a cabeça, fungando.

— Sim, ela vai amar.

— Tenho uma surpresa para você.

Estou rindo e balançando a cabeça ao mesmo tempo.

— Austin, você já fez muita coisa.

Ele pega as flores na mesa de cabeceira.

— Não, isso foi ideia do Mark, e a achei ótima. Conteí a ele que você não estava muito feliz em estar na cama, então ele sugeriu que eu trouxesse flores e sorvete para casa e que assistíssemos ao seu programa favorito na cama. Aqui estão as flores. Tem um pouco de sorvete de menta com gotas de chocolate no congelador. Falei com Brandon e ele disse que uma porção pequena não tem problema, e nós podemos assistir o que você quiser.

Inclino a cabeça.

— Você ligou para o médico para ver se eu poderia tomar sorvete?

Ele age como se não fosse grande coisa.

— Sim, não estava na lista nutricional, então eu tinha que ter certeza.

— E eu posso escolher...

Ele assente.

— Sim, pode. Isso não importa para mim, contanto que eu possa ficar deitado ao seu lado, eu até assisto a um daqueles filmes de romance que você tanto gosta.

Prendo a respiração. Estou acostumada a sair à noite no Whistler ou sair com minhas amigas, mas o que ele acabou de sugerir parece a noite absolutamente perfeita para mim.

— Acho que Mark parece ser bem inteligente.

Austin ri.

— Ele concordaria com você. Acho que devo ouvi-lo, já que ele está casado há mais de vinte anos.

Meu coração está batendo forte no peito. Não apenas por causa do sorvete, das flores e de tudo o mais que ele tem feito por mim, mas por causa de como ele me faz sentir. Com ele, me sinto amada e cuidada, e isso me assusta pra caramba.

Quero perguntar se o que o irmão dele me disse é verdade. Estou começando a pensar que é possível. Neste momento. Prometo a mim mesma que vou ver onde isso vai dar. Não vou fazer nenhuma promessa ou mesmo ceder à pressão dele de casamento, mas vou aproveitar isso... pelo tempo que durar.

Capítulo 18



AUSTIN



Acordo de repente com um gemido. Eu estava tendo o sonho mais ilícito de todos e agora que estou bem acordado, percebo que não foi um sonho. Abro os olhos no momento em que Ally coloca os lábios em volta do meu pau duro.

Meus quadris estremecem e mergulho ainda mais fundo em sua boca.

— Porra, Ally!

Ela sorri com a boca cheia e coloca a mão em volta da base da minha circunferência. Então me leva mais fundo e é quando volto aos meus sentidos. Ela está grávida e deveria estar descansando. Não deveria estar de joelhos, me servindo.

Eu a agarro pelos ombros e a puxo para cima do meu corpo. Eu a deito de lado e enrosco meu corpo em volta dela.

— Ally, baby, você deveria estar descansando.

Ela arqueia as costas, pressionando a parte inferior do corpo em mim. Sua camiseta subiu e sua calcinha não me bloqueia em nada. Continua se movendo até que minha masculinidade esteja posicionada entre suas coxas. Meu gemido enche o quarto e me afasto da cama, caindo de joelhos no chão. A única maneira de conseguir me conter é colocando alguma distância entre nós.

— Não podemos. Você ouviu o que o médico disse, e eu não vou correr o risco de machucá-la.

Ela se apoia no cotovelo e tento desviar os olhos do corpo dela, mas é quase impossível. Mesmo agora com seu cabelo desgrehado e camiseta grande demais, ela é a mulher mais linda que já vi.

Ally se senta, agarra a bainha da blusa e a puxa sobre a cabeça. Ela

começa a divagar:

— Comprou para mim tudo que eu poderia precisar ontem, mas sabe o que você ainda não me deu?

Minha boca está seca enquanto olho para seus seios arredondados implorando para serem tocados.

— O quê? — resmungo a pergunta.

— Pijamas. Você se esqueceu deles, e sabe o que eu acho?

Minhas mãos vão para seus quadris cobertos pela calcinha e respiro fundo.

— O quê? O que você acha?

Ela se inclina para mim.

— Acho que você não quer que eu durma de pijama. Quer dizer, você dorme de cueca. Talvez eu devesse dormir de calcinha.

— Porra! — Eu me levanto de joelhos e levo minhas mãos até suas bochechas. — Eu sou totalmente a favor de você dormir nua ao meu lado... mas só depois que o médico der o sinal verde para fazer sexo. Não vou conseguir resistir.

— Austin — ela choraminga.

Olho para ela surpreso e ela joga as mãos para cima.

— O quê? Acha que pareço uma criança? Sei que pareço, mas preciso disso... preciso de você.

Eu me sento na cama. É doloroso me mover com meu pau tão duro quanto está, mas não estou preocupado comigo neste momento. Estou preocupado com Ally.

— Nossa consulta é hoje. Vamos ver o que o médico vai nos dizer porque não importa o quanto eu queira estar dentro de você, não farei isso, não vou colocar você e a bebê em risco.

Ela solta um suspiro estrangulado.

— Ok.

Levanto seu queixo.

— Não pense demais. Não estou dizendo não porque não a quero ou que não quero que isso aconteça entre nós. Estou dizendo não até que saibamos que está tudo bem e que seja seguro.

Ela coloca a mão no meu peito nu.

— Tudo bem, mas e você? Eu posso cuidar de...

Franzo a testa e cerro os punhos.

— Não, levante-se, vamos.

Eu me levanto e atravesso o quarto. Quando me viro para olhar para ela, ela está sentada olhando para o relógio na mesa de cabeceira.

— Austin, são oito da manhã. Nosso compromisso é só às onze e meia.

Coloco minha mão na porta para me impedir de voltar para ela. Em todos esses anos, ela nunca me tocou e, poucos minutos atrás, estava iniciando o sexo. Precisei de todas as minhas forças para pará-la e, mesmo agora, estou no meu limite.

— Vou preparar seu café da manhã e vou ligar para o médico para adiantar a consulta.

— Austin, você não pode fazer isso.

Eu rio porque ela já deveria saber que posso fazer o que eu quiser.

— Posso sim. Arrume-se, baby. Vou trazer o café da manhã e depois iremos.

Saio do quarto antes que eu mude de ideia.

Faço uma refeição rápida de ovos, torrada integral e aveia com maçãs e passas. Quando ela termina de comer e nós dois nos arrumamos, chegamos ao consultório médico às dez.

Mal nos sentamos na sala de espera e uma enfermeira já nos chama.

A enfermeira a pesa, verifica seus sinais vitais e a manda para o banheiro com um copo.

Estou sentado na sala quando ela se junta a mim.

— Está tudo bem?

Ela assente.

— Sim, disseram que o Dr. Parks chegará em breve.

Ela mal consegue dizer as palavras quando um médico mais velho entra na sala. Olho para o homem de cabelos brancos, medindo-o à primeira vista. Se for ele quem fará o parto, preciso saber se ele é capaz. Estendo a mão.

— Olá, sou Austin Blaze.

Ele levanta a cabeça e olha para mim através das lentes inferiores dos óculos.

— Blaze, hein? Foi por isso que fui notificado de que o Dr. Reynolds se juntaria a nós hoje?

— Austin! — Ally protesta.

Aperto a mão dela de forma tranquilizadora.

— Espero que esteja tudo bem para o senhor, Dr. Parks. Como ele

tem um consultório em Whiskey Run e aqui em Jasper, teremos uma opção próxima se precisarmos. Ally quer que o senhor faça o parto da nossa bebê, mas só quero garantir que estejamos cobertos, não importa o que aconteça.

O médico me mede com um olhar.

— Por mim tudo bem. Quer dizer, se estiver disposto a pagar dois médicos para sua, uhm...

Eu o interrompo:

— Esposa. Ally e eu vamos nos casar.

Pela primeira vez desde que me viu, ele me lança um olhar de aprovação.

— Ok, como eu estava dizendo, se está disposto a pagar dois médicos para cuidar de sua esposa, então quem sou eu para impedi-lo?

Aperto a mão dele.

— Obrigado, Dr. Parks, a Ally fala muito bem do senhor.

Nesse momento, há uma breve batida, e Brandon enfia a cabeça dentro da sala.

— Me desculpem pelo atraso. Bem, é claro que não estou realmente atrasado. Estou uma hora e meia adiantado desde que a consulta foi adiantada; com pouco aviso, devo acrescentar.

Apenas balanço a cabeça e rio. Brandon é um ótimo médico, mas posso dizer que também é um pé no saco.

— Ora, por outro lado, estou pagando pelo seu tempo. Obrigado por ter vindo.

Apertamos as mãos e finalmente os dois médicos voltam sua atenção para Ally. Eles fazem todas as perguntas. Como ela está se sentindo. Como tem sido a dieta. Se sentiu alguma dor. E por aí vai.

Eles a examinam e verificam a bebê, e uma calma toma conta de mim quando a pequena sala se enche com o *tum, tum, tum* do batimento cardíaco do bebê.

Após o exame, o Dr. Parks entrega lenços de papel a Ally.

— Por que não se limpa e uma enfermeira vem buscá-la? Nós nos encontraremos no meu consultório para repassar tudo.

Assim que o Dr. Parks e o Dr. Reynolds saem, pego os lenços dela e limpo sua barriga.

— Você está bem?

Ela se esforça para se sentar e a envolvo com meu braço para ajudá-la.

Ela bufa e diz:

— Queria que parasse de me perguntar isso.

— Desculpe — digo imediatamente.

Tenho lido sobre gravidez e a maneira como o livro descreve como uma futura mamãe se sente me faz querer me desculpar com ela e fazer o que for preciso para tornar a vida dela mais fácil.

Ela me olha com um olhar de culpa.

— Não tem porque me pedir desculpa. Você tem sido ótimo, Austin. Isso é só sobre mim.

Torço o nariz dela.

— Você está apenas sexualmente frustrada. Eu também estou. Eu a entendo.

Ela não nega. Quando a enfermeira vem nos buscar, andamos pelo corredor de mãos dadas. Quando chegamos ao consultório e nos sentamos, é óbvio que os dois médicos estavam revisando os resultados e conversando sobre o plano.

— Como a Ally e a nossa filha estão?

Vou direto ao ponto. Ally aperta minha mão, mas não estou interessado em esperar mais.

O Dr. Parks assente.

— Ok. Bem, Ally, sua pressão melhorou. Os remédios estão ajudando. Seu exame de urina melhorou muito em relação a duas semanas atrás. No geral, seus números parecem bons.

Posso dizer pela maneira como eles estão olhando que há mais.

— Mas? — pergunto, temendo a resposta.

— Bem, o Dr. Reynolds e eu conversamos e ambos concordamos que é melhor para a bebê e para você, Ally, se tirar o restante da gravidez de férias. Se tivesse um trabalho de escritório ou mesmo um trabalho em que não ficasse de pé o tempo todo, então não teria problema, mas com sua ocupação, isso não é uma possibilidade.

Olho para Ally, esperando que ela negue para que eu possa intervir, mas ela me surpreende quando assente.

— Se acham que é o melhor a ser feito, então não volto a trabalhar.

Ela não está feliz com isso, o que eu já sabia. É muito independente, e sei que isso está matando-a agora. Seu rosto se contorce em uma carranca.

— Vou ter que ficar na cama o tempo todo?

Ambos estão balançando a cabeça, mas é o Dr. Reynolds quem

responde:

— Não, não vai precisar. Terá que monitorar sua pressão. Se houver picos ou qualquer alteração, vai precisar vir ao nosso consultório e ser atendida imediatamente. Se ela subir novamente, terá que ficar de repouso na cama até a bebê nascer.

Ela engole em seco.

— Ok.

Mas o Dr. Reynolds não terminou:

— Não quero assustá-la, mas isso não significa que poderá simplesmente voltar ao nível de atividade que tinha antes. Poderá sair de casa, mas precisará descansar bastante. Eu realmente quero que entenda que no ponto em que você está na sua gravidez, descanso e nenhum estresse é a coisa mais importante.

Ela assente.

— Entendi. Prometo que vou cuidar de mim e da bebê.

Aperto a mão dela.

— Ok. — Dr. Parker se levanta. — Têm alguma outra pergunta ou preocupação?

Ally assente e nem pisca quando pergunta:

— Sim, eu tenho uma. Posso transar?

Dr. Parks assente.

— Sim, sexo é realmente uma boa maneira de aliviar o estresse. Nada muito agitado, mas sim, sexo é bom.

Ele continua respondendo a pergunta dela em detalhes, mas tudo é um borrão para mim. Tudo o que sei é que recebemos o sinal verde. Finalmente terei Ally como sempre a quis. Ela será minha em todos os sentidos da palavra.

Capítulo 19



ALLY



Austin e eu ficamos quietos o caminho todo para casa. No começo, me pergunto se exagerei ao perguntar ao médico se podíamos transar. Claro, eu estava pensando em Austin, e por apenas um breve segundo, me pergunto se ele mudou de ideia. Mas então me lembro do jeito que ele me segurou e do jeito que ele me fez sentir, e sei que não estou errada sobre isso. Austin me quer, e se eu conseguir o que quero, ele vai me ter.

Ele entra na garagem e saio do carro. Austin está me esperando na frente dele. Evito seu olhar porque sei que ele verá o rubor nas minhas bochechas.

Passo por ele, tirando meus sapatos na porta da frente.

Dou dois passos e Austin pega minha mão, me puxando para parar. Ele me vira e me puxa contra seu peito. Aterrisso com um baque e ele passa seus braços em volta de mim.

— Quer falar sobre a consulta médica?

Pisco para ele.

— O que tem ela?

Ele sorri enquanto coloca meu cabelo atrás da orelha.

— Sobre você ter perguntado se poderia transar.

Minha boca se abre.

— Ah, sim, sobre isso.

Ele inclina a cabeça contra a minha.

— Sim, sobre isso. Você não pode dizer algo assim e esperar que eu esqueça.

Não digo nada e ele me avalia.

— A menos que tenha mudado de ideia.

Endureço as costas e percorro as mãos pela barriga de Austin, seu

abdômen duro e seu peito. Apalpo seus músculos sentindo seus mamilos endurecerem através de sua camisa sob minhas mãos.

— Não mudei de ideia. Eu quero você, Austin.

Ele geme, passa as mãos pelas minhas costas até minha bunda e me puxa contra ele.

— Bom saber, porque estou duro desde aquela hora.

Ignoro a maneira como minha barriga grande pressiona seu abdome dura. Passo as mãos em volta de seu pescoço, enfiando meus dedos em seu cabelo.

— Tem certeza? Este corpo aqui é...

Ele me interrompe:

— Perfeito. Seu corpo é perfeito.

Olho para ele em dúvida e ele rapidamente me tranquiliza:

— Confie em mim, eu saberia. Acordo duro ao seu lado todas as manhãs. Por que acha que acordo assim?

Dou de ombros, mas ele não me deixa escapar. Ele se inclina e me olha nos olhos.

— Fico duro porque acordo com seu corpo pressionado contra o meu. Você sempre está com sua perna sobre a minha, alinhando sua boceta contra mim. — Solto um assobio lento. — Não faz ideia de quantas vezes pensei em deslizar sua calcinha para o lado e empurrar para dentro de você, fazendo-a ser minha.

Não consigo evitar. Com admiração na voz, pergunto a ele:

— Você realmente me quer, não é mesmo?

Ele ri.

— Porra, sim, eu quero.

Ele se inclina, envolvendo um braço atrás das minhas costas e o outro atrás dos meus joelhos. Eu o impeço de me pegar.

— Austin, estou muito pesada... Eu posso...

Ele me interrompe enquanto me balança em seus braços.

— Como já disse, você é perfeita. Quantas vezes mais vou ter que repetir isso para que acredite em mim?

Inclino minha cabeça contra seu peito.

— Bem, saiba que não vou me cansar nunca de ouvir isso.

Ele sobe as escadas e nem perde o fôlego.

Quando chegamos ao quarto, ele me desce até meus pés pousarem suavemente no chão. Ele fica na minha frente.

— Posso despi-la, Ally?

Sorrio para ele.

— Pensei que nunca me diria essas palavras.

— Eu quero te foder.

Arregalo os olhos.

— Ou essas.

Poderia ficar tímida. Poderia lhe dizer que eu mesma vou me despir e me esconder debaixo da coberta, mas não quero fazer isso. A maneira como me sinto quando estou com ele me faz querer ser desinibida. Eu o empurro até a parte de trás dos joelhos dele baterem na cama e ele se sentar.

Alcanço a bainha da minha camisa e começo a puxá-la para cima. Chego na metade da minha barriga e paro.

— Tem certeza disso, Austin? Podemos apagar as luzes, e você ainda pode fazer o que quiser comigo.

Ele está olhando para a pele nua da minha barriga.

— Ah, não, eu quero ver tudo.

Tranquilizada, puxo a camisa pela cabeça e a deixo cair no chão.

Meu peito está praticamente vibrando enquanto estendo a mão para trás e abro meu sutiã, deixando as alças caírem dos meus ombros e depois no chão.

Austin lambe os lábios e exige:

— Continue.

Abro o botão da minha calça e a puxo para baixo dos meus quadris. Quando ela chega abaixo dos meus joelhos e não consigo mais me abaixar, eu a chuto para longe das minhas pernas.

Com nada além da minha calcinha, coloco as mãos em Austin, mas ele está balançando a cabeça.

— Não, continue.

Fico na frente dele.

— Se quer tirá-la, tire-a.

Ele não hesita. Coloca as mãos nos meus quadris e puxa minha calcinha para baixo. Ele a deixa cair nos meus pés e a chuto para longe.

Seu olhar viaja por todo o comprimento do meu corpo, para cima e para baixo.

Ele aperta minha cintura com ambas as mãos, e me puxa para frente até que eu esteja montada em suas pernas com meus joelhos na cama.

Suas mãos estão em todos os lugares, e quando sua boca se abre

sobre meu peito, meu corpo inteiro ganha vida.

Passo os braços em volta de seu pescoço, segurando-o contra mim enquanto giro meus quadris nele. A sensação de sua calça jeans áspera contra minha pele é boa, mas sei o que seria melhor.

Puxo sua camisa e ele solta meu seio só para que eu possa tirá-la e então ele se move para meu outro seio.

— Austin, sua calça. Preciso que tire a calça.

Ele geme e levanta os quadris.

Saio de cima dele, me sento ao seu lado e alcanço o botão de sua calça jeans. Austin empurra minha mão para longe e se levanta para tirar a calça e a cueca em um movimento rápido.

Seria quase cômico o quão rápido ele fez isso se eu não estivesse atordoada pela masculinidade extremamente grossa e muito ereta que está apontando diretamente para mim.

Capítulo 20



AUSTIN



Ela está encarando meu pau e juro que meu eixo se contrai sob seu olhar.

Ela coloca a mão em volta da minha circunferência e eu descaradamente empurro meus quadris para frente, deixando-a me masturbar da cabeça à raiz.

Ela está me encarando com a boca aberta.

— Austin, ele é...

Eu a interrompo:

— Por que está surpresa? Você literalmente estava com ele na boca esta manhã.

Ela balança a cabeça

— Estava, mas era de manhã cedo, e havia coberta envolvida. Agora é diferente. Ele é grande!

Aperto a mão dela.

— Vai caber perfeitamente nessa sua boceta linda.

Seus olhos se voltam para os meus e forço um sorriso.

— Confia em mim?

Ela revira os olhos.

— Sabe que confio.

Nós acariciamos meu comprimento novamente.

— Eu sei, mas senti que precisava ouvir. Não vou machucá-la. Não importa o quanto eu a queira, eu nunca a machucaria.

Ela assente e me acaricia novamente.

Empurro o cabelo dela para trás do rosto, querendo vê-la.

— Estou pensando em você ficar no controle. Vou me deitar e você fica no controle total. Você decide o quão fundo quer me levar.

Ela olha para o meu comprimento e de volta para mim.

— Ok.

Eu me arrasto para a cama e me deito de costas. Ela se levanta ao lado da cama, olhando para minhas coxas. Pego sua mão, e mesmo que seja a última coisa que eu queira dizer, dou a ela outra chance de mudar de ideia.

— Tem certeza, Ally? Não há como voltar atrás.

Ela respira fundo e balança a cabeça.

— Tenho, não quero voltar.

Ela levanta a perna para montar em mim e bato em seu quadril.

— Isso mesmo, menina linda. Não há como voltar atrás para nós.

Ela se senta em cima de mim, rolando suavemente seus quadris para frente e para trás. Não estou dentro dela onde estou morrendo de vontade de estar, mas isso também é bom. Ela está molhada, e as dobras escorregadias de sua boceta estão embalando meu pau enquanto se move.

A cada movimento suave, a cabeça do meu pau atinge seu clitóris e ela treme com o contato.

— Está gostando, não está?

Ela assente com a cabeça e faz de novo.

Sua respiração está ofegante e sei que está se esforçando mais do que deveria.

— Devagar. Não há pressa. Temos todo o tempo do mundo.

Ally se inclina para frente e seguro seu rosto, pressionando meus lábios nos dela. Nosso beijo é elétrico, e eu a puxo para o lado para que ela possa deitar em meus braços enquanto eu a amo.

Minhas mãos seguram seu seio, pressionando um polegar em seus mamilos doloridos. Então deslizo a mão por sua barriga até a parte interna das coxas. Ela abre as pernas e passo os dedos por sua fenda. Ela balança os quadris para frente e para trás enquanto circulo seu clitóris.

— Preciso de você, Austin.

— Sou seu — respondo.

Levanto sua perna, trazendo-a sobre minhas coxas e empurrando meus quadris em sua direção. Quero que ela tenha o controle, mas sei que por cima estava exaustivo para ela.

— O que acha assim? É bom?

Ela coloca a mão entre nós, envolvendo-a em volta do meu pau e então movendo seu corpo até que ela possa me posicionar em seu núcleo.

Preciso de todas as minhas forças para ficar parado, mas consigo

ficar. É só quando estou dentro dela e sua boceta está em volta de mim que solto a respiração com dificuldade.

— Isso — digo a ela.

Ela se move novamente, me puxando mais fundo e gemo, deixando minha cabeça cair até que nossas testas estejam pressionadas.

— Mais fundo, Austin. Preciso de você mais fundo.

Coloco minha mão em sua coxa e puxo-a para mais perto de mim enquanto inclino meus quadris. Estou fundo agora e o calor dela ao meu redor me faz querer ir mais fundo.

— Você está bem?

Ela assente.

— Sim, ah, estou bem sim. Nunca estive melhor. Por favor, não pare, Austin. Preciso de tudo. Isso é muito bom.

Vou mais fundo e a observo de perto. Continuo indo centímetro por centímetro até que estou enterrado dentro dela.

— Vou me mover, ok?

Ela geme e me vence enquanto puxa os quadris para trás e os joga para frente. Com minhas mãos em seus quadris, empurro para dentro e para fora dela. Ela está indomável enquanto gira os quadris e depois os move para frente e para trás, mas estou firme enquanto espero que ela encontre o que funciona para ela.

Quando sua boceta começa a me apertar e meu pau parece estar em um tornó, pressiono meu dedo em seu clitóris inchado e o dedilho para frente e para trás repetidamente.

Seus gemidos ficam mais altos. Sua boceta fica ainda mais molhada e suas estocadas ficam erráticas. É quase demais.

— Isso, isso, não pare. Isso — ela implora, enquanto seu clímax a leva ao limite.

Vou junto, atirando minha liberação dentro dela, reivindicando-a como minha.

Nós dois estamos sem fôlego, mas não posso soltá-la. Rolo de costas e puxo-a para o meu corpo. Ainda estamos unidos e eu queria poder ficar neste momento para sempre.

Tiro o cabelo úmido do rosto dela e a olho nos olhos. Estou procurando por qualquer tipo de arrependimento, mas não vejo nenhum.

— Você está bem?

Ela assente com um grande sorriso no rosto.

— Podemos fazer isso de novo?

Não consigo evitar. Por essa eu não esperava. Rio alto.

— Baby, podemos fazer isso quando você quiser.

Ela descansa a cabeça no meu peito e deito a minha no travesseiro. Apenas alguns minutos se passam e a ouço resmungar algo. Tenho quase certeza de que ela diz “para sempre”, mas me convenço de que estou ouvindo coisas.

Beijo sua testa e me deixo imaginar um futuro onde tenho a única coisa que sempre quis. E é quase bom demais.

Capítulo 21



ALLY



Meu telefone toca e um sorriso se forma em meu rosto. Claro, acho que é Austin. Ele teve que ir à fábrica esta manhã, mas ele já ligou algumas vezes. Sempre tem alguma desculpa para ligar, mas nós dois sabemos que é só porque ele quer ter certeza de que estou descansando.

— Alô.

— *Ally.*

Tiro o telefone do ouvido e olho para ele. Não é o Austin e meu estômago revira sabendo quem está do outro lado da linha.

Pergunto em um tom duro:

— O que você quer?

— *Achei que devíamos conversar.*

Coloco uma mão no balcão da cozinha e me apoio nele. A felicidade e a alegria que senti há poucos momentos somem imediatamente.

— Nós já conversamos e você disse tudo o que tinha que dizer. Na verdade, acho que não temos mais nada para conversar.

Ele levanta a voz e diz apressadamente:

— *Quero falar sobre o bebê. O meu bebê. Eu tenho direitos, Alison.*

Cada músculo do meu corpo reage e meu coração dispara.

— Já conversamos e você disse que não quer nada com o bebê. Você... você disse que nem tinha certeza se o bebê era seu.

— *Então não é meu.*

Cerro os dentes.

— Você é o pai biológico.

— *Ok então, estou na cidade. Vamos nos encontrar. Onde você está? Eu vou até você.*

— Não! — exclamo rapidamente. — Eu o encontro no centro, no

Whistler.

Nós nos despedimos e começo a andar de um lado para o outro na sala de estar. Meu primeiro pensamento é ligar para Austin. Ele iria gostar de saber e também quero falar com ele sobre isso. Mas ele mal foi trabalhar desde que cheguei aqui, e sei que se eu ligar, ele vai vir direto para casa.

Pego minha bolsa, entro no carro e vou até o centro da cidade. Minha mente está a mil por hora. Sei que nada de bom vai sair disso, mas tenho que pelo menos tentar. Desde a primeira vez que disse que estava grávida e ele se recusou a assumir qualquer responsabilidade, pensei em pedir para ele abrir mão dos seus direitos sobre meu filho. É isso que está me levando a dirigir pela cidade.

Como é meio-dia, consigo estacionar bem em frente ao Whiskey Whistler. Respiro fundo, abro a porta do meu carro, coloco a mão na minha barriga em um gesto protetor e entro. Olho em volta e avisto Gregory imediatamente tomando uma caneca de cerveja.

Quando chego à mesa, ele olha para minha barriga e arregala os olhos.

— Uhm, você engordou um pouco...

Eu o interrompo:

— É, estar grávida de sete meses faz isso com a gente. Então, o que você quer, Gregory?

Ele inclina a cabeça e me mexo no assento por causa do jeito que ele está me olhando. Ele aponta para minha barriga que está se projetando sobre o topo da mesa. Depois de cruzar os braços sobre a mesa, ele se inclina para frente e apenas me encara.

Não desvio o olhar, embora quanto mais tempo fico sentada aqui, mais desejo não ter vindo. Quando não responde à minha pergunta, continuo:

— Esqueça, não preciso saber sobre o que quer falar. Tenho algumas coisas que gostaria de discutir com você.

Seus lábios se levantam em um sorriso.

— Ah, é? O quê?

Endireito as costas e junto as mãos na mesa à minha frente.

— Gostaria que você assinasse seus direitos parentais.

Ele arregala os olhos e fica óbvio que o surpreendi. Ele levanta a mão para me parar quando faço menção de falar novamente:

— Espere. Então você quer que eu abra mão dos meus direitos...

sobre meu filho?

Eu nem hesito. Quero isso mais do que tudo.

— O que quer dizer com *seu* filho? Você mesmo disse que não era seu. Disse que não havia como isso acontecer, mesmo que nós dois soubéssemos que a camisinha estourou. Mas, independentemente disso, sim, é exatamente isso que eu quero. Quero que você assine seus direitos.

Ele franze a testa.

— Você me procurou meses atrás, querendo que eu me envolvesse — ele acena com a mão em direção à minha barriga — nisso, e agora decide que não me quer mais envolvido.

Cruzo os braços sobre o peito e concordo com a cabeça.

— Isso mesmo. — Eu poderia discutir com ele e dizer que nunca pedi para ele se envolver em nada disso, que eu só queria que ele soubesse que ele seria pai, mas não faz sentido. Tudo o que me importa agora é conseguir o que é melhor para minha filha. Pode ter levado alguns meses para descobrir, mas é mais do que óbvio que minha filha e eu ficaremos melhores sem ele.

Ele se recosta na cadeira.

— Sabia que seu amigo Austin está dizendo a todos que vocês vão se casar e que o bebê é dele?

Cerro os dentes. Eu deveria saber que a fofoca chegaria até ele. Ele pode morar na cidade vizinha, mas se ele passar algum tempo em Whiskey Run, diabos aqui no Whistler, tudo o que ele precisa fazer é perguntar sobre mim que qualquer um ficaria feliz em lhe contar sobre Austin e nossa pequena família.

— Sim, sei.

Ele bate o dedo na mesa, olhando para mim. Há um novo brilho em seus olhos e movo minha mão de volta para minha barriga em um gesto de proteção. Não estou confortável com a maneira como ele está me olhando agora.

— Ei, o que vocês vão... querer?

A mesma garçonete da noite do clube do livro para na mesa e posso dizer que ela está surpresa em me ver sentada aqui com alguém que não seja Austin. Forço um sorriso no meu rosto.

— Obrigada, Megan, mas estou bem. Já estou indo embora.

Ela assente e olha para Gregory.

— Quer outra cerveja?

Gregory assente.

— Seria ótimo.

Megan me dá um último olhar penetrante.

— Me avise se mudar de ideia... se precisar de alguma coisa, é só me chamar.

— Obrigada.

Espero até que ela se afaste da mesa antes de me virar para Gregory.

— Então posso lhe entregar os papéis mais tarde hoje. Tudo o que precisa fazer é assiná-los. Às quatro está bom para você?

Seu sorriso se alarga e, pela primeira vez, percebo que o olhar em seu rosto está vazio. É como se não houvesse vida em seus olhos.

— Não, às quatro não está bom para mim. Na verdade, não vou assinar papel nenhum. Mudei de ideia.

Juro que meu coração para de bater por alguns segundos e respiro fundo.

— Como assim não vai assinar seus direitos? Você nem quer esse bebê.

Ele contrai o maxilar e não consigo desviar o olhar dele. Estou me perguntando novamente o que vi nele. Até o dia em que lhe contei que estava grávida, ele era um cara decente. Parece que a partir desse dia, uma chave foi girada.

Megan se aproxima, coloca a cerveja na mesa e me lança um olhar. Forço um sorriso, embora seja a última coisa que eu queira fazer. Ela se afasta e pressiono:

— Então?

Ele se inclina e abaixa a voz:

— Alison, você é cabeleireira. Mora em um bairro cheio de traficantes de drogas e vive de salário em salário.

Um brilho de lágrimas não derramadas se forma em meus olhos. Respiro fundo, me recusando a deixá-las cair.

— Está me dizendo que pessoas pobres não devem ter filhos?

Ele sorri para mim e preciso de todas as minhas forças para não dar um tapa em seu rosto.

Ele dá de ombros.

— Estou dizendo que se um juiz olhar para mim... — Ele aponta para si mesmo e olho para sua camisa social, gravata e paletó antes de retornar para seu rosto. Ele agora está gesticulando para mim. — E então

para você, tenho certeza de que ele não terá problemas em tomar a decisão de que uma criança ficaria melhor comigo.

Minha boca cai.

— Você nem queria o bebê.

Ele dá de ombros.

— Agora eu quero.

Cruzo os braços sobre o peito.

— E o que o fez mudar de ideia? Quanto você bebeu mesmo?

Ele nem fica ofendido. Toma um grande gole, terminando a cerveja que Megan tinha acabado de trazer.

— O bebê vai ficar comigo, Alison. Talvez eu deva levar alguns papéis para você assinar.

Eu o encaro com um olhar letal. Respiro fundo e luto para sair do meu assento. Quando estou de pé, não me preocupo com o quão alta minha voz soa:

— Você não vai tirar meu bebê de mim.

Ele apenas ri e o som me atravessa.

Giro nos calcanhares e saio do Whistler. Entro no meu carro, dirijo ao redor do quarteirão e entro em um beco. Queria estar em casa. Caramba, queria ter ficado em casa. Bato meus punhos no volante e, quando isso não me faz sentir melhor, deito minha cabeça nele e deixo as lágrimas caírem. Não posso perder minha filha. Eu já a amo tanto que não consigo imaginá-la com outra pessoa. Caramba, não consigo nem imaginar dividir a custódia dela com alguém e ter que abrir mão de parte do meu tempo com ela.

Tento conter as lágrimas, mas não importa o que eu tente dizer a mim mesma, elas não param. Pego minha bolsa e, depois de alguns minutos tentando encontrar meu telefone, eu a viro, despejando o conteúdo no banco do passageiro.

Ligo a tela e faço a única coisa que deveria ter feito quando Gregory ligou para mim mais cedo. Respiro fundo, toco no número de Austin e, quando ele atende, apenas ouvir sua voz faz as lágrimas fluírem mais intensamente.

— Austin... preciso de você.

Capítulo 22



AUSTIN



— Já estou indo para casa.

Já estou correndo da fábrica. Toda e qualquer coisa ruim que poderia ter acontecido passa pela minha mente, mas a única coisa que importa é que eu chegue até Ally.

— Ally, baby, por favor, acalme-se — imploro, embora eu esteja tudo menos calmo.

Quando ela respira fundo, continuo tentando acalmá-la.

— Ally, baby, respire fundo e tente se acalmar. Estou voltando para casa. Você só precisa...

— *Não estou em casa.*

Eu estava prestes a sair do estacionamento em direção à nossa casa, mas, em vez disso, piso no freio e contenho um palavrão porque não tenho ideia de onde ela está.

— Ally, baby, onde você está?

Ela soluça.

— *Estou no beco... atrás do Whistler.*

Não faço perguntas, embora eu queira.

— Ok, baby. Ótimo, ótimo, você está perto. Estarei aí em cinco minutos, mas preciso que você se acalme e respire fundo algumas vezes, ok?

— Ok — ela diz com um suspiro.

— Devo pedir a Brandon para nos encontrar no hospital?

— *Não!* — ela exclama. — *Não, está tudo bem. Estou bem... Eu só preciso de você.*

Passo no sinal vermelho e, quando estou a apenas dois quarteirões de distância, digo:

— Ok, baby. Estou quase chegando, ok?

— Ok.

Porra, bato a mão no volante, querendo ouvir algo dela além de “ok”.

Viro a esquina e piso no freio. Ela está estacionada no meio do beco. Estaciono bruscamente meu SUV, saio correndo pela porta e corro para o carro dela. Conforme me aproximo, vejo sua cabeça deitada no volante.

— Estou abrindo a porta, baby. Estou aqui — digo, porque não quero assustá-la.

Guardo meu telefone no bolso e ela levanta a cabeça enquanto abro a porta. Quando a vejo, duas coisas acontecem. Eu me sinto mal e completamente aliviado ao mesmo tempo. Eu me agacho até estar ao lado dela e seguro seu rosto com ambas as mãos.

— Ally, baby, fale comigo.

Ela assente.

— Vou falar, mas poderia me levar para casa, por favor? Eu só quero ir para casa.

Coloco uma mão em suas costas e a outra sob suas pernas. Ela não resiste quando a levanto. Chuto sua porta para fechá-la e a carrego para o meu SUV. Quando a coloco no banco, eu me inclino e puxo o cinto de segurança sobre sua barriga.

— Ally, deixe-me ligar para o Dr. Reynolds para ter certeza de que você e a bebê estejam bem.

Ela inclina a cabeça para trás no banco.

— Estou bem, por favor, Austin, eu vou te contar tudo, mas agora eu só quero ir para casa.

Beijo sua testa e fecho a porta. Meus pensamentos estão a mil, mas corro para o lado do motorista e entro no carro. Nenhum de nós fala durante todo o caminho até em casa. Entro na garagem e a ajudo a entrar em casa.

Eu a ajudo a se sentar no sofá, me sento na mesa de centro e coloco seu pé no meu colo. Tiro um sapato e depois o outro.

Eu a ajudo a se deitar, a cubro, volto a me sentar na mesa de centro e me inclino sobre ela.

Quando ela abre os olhos e vira a cabeça para mim, vejo tanta tristeza que isso me destrói. Minha voz soa como um coaxar e cheia de emoção:

— Converse comigo, baby.

Ela respira fundo.

— Gregory ligou e perguntou se eu poderia encontrá-lo.

Não consigo evitar a sensação de traição que me atravessa.

— Você foi se encontrar com ele?

Ela assente e coloca o braço sobre os olhos. Quero perguntar mais, mas a necessidade de ter certeza de que ela está bem supera todas as perguntas que tenho:

— Está com dor de cabeça?

Ela assente e me levanto para procurar o monitor de pressão. Estou correndo para o quarto, dizendo a ela o que estou fazendo o tempo todo. Volto para ela em um minuto e coloco a braçadeira em seu braço.

Ansiosamente, espero pela leitura e dou um suspiro de alívio quando está no lado mais alto do normal, mas pelo menos está normal.

— Está normal. Quer um Tylenol?

Ela balança a cabeça de um lado para o outro, e fico nervoso quando ela fica quieta novamente.

Eu a deixo ficar em silêncio, tentando ser paciente, mesmo que seja a última coisa que eu queira ser. Quando ela não diz nada, não consigo me conter:

— Você o ama?

Ela tira o braço do rosto.

— Do que você está falando?

Sinto um aperto no peito.

— Só estou perguntando, Ally. Ele obviamente a aborreceu e...

Ela me interrompe:

— Ele disse que não vai abrir mão dos direitos.

Sibilo.

— Você quer que ele desista de seus direitos?

Ela olha para mim como se eu fosse louco.

— Claro que quero. — Ela se esforça para se sentar e agarro seu braço para ajudá-la. — O quê? Achou que eu queria voltar com ele?

Fico de joelhos para chegar mais perto dela.

— Não, quero dizer, eu esperava que não, mas Ally, baby, eu só estou tentando entender o que está acontecendo, só isso. É por isso que está tão chateada? Ele não vai assinar os papéis?

Ela me encara com um olhar bravo.

— Não, quero dizer, é claro que eu quero que ele assine, mas ele não vai fazer isso. A razão pela qual estou tão aborrecida... — Ela respira fundo e a maneira como ela solta o ar, de forma lenta e controlada, me diz que, não importa o que ela diga a seguir, eu vou querer matar o babaca. — Gregory disse que ele vai falar com um juiz... que, uhm, ele quer a custódia, a custódia total da minha filha.

— Porra, isso não vai acontecer!

Ela arregala os olhos e a maneira como ela olha para mim me diz que quer acreditar no que estou dizendo, e não vou decepcioná-la.

— Me escute, Ally, prometo que não há nenhuma maneira de ele obter a custódia da nossa filha.

— Não pode me prometer isso.

Coloco as mãos na barriga dela.

— Ally, me escute, sei que já falamos sobre isso várias vezes, mas preciso que você se case comigo. Não importa o que aconteça, eu vou proteger você e a nossa filha, mas seria muito mais fácil se você tivesse meu sobrenome.

Ela se estica para mim, colocando sua mão ao longo do meu queixo.

— Austin... — Ela olha nos meus olhos, franze a testa e então cerra a mandíbula. — Você realmente acha que se formos casados, isso o impediria de obter a custódia?

Cubro a mão dela com a minha.

— O que estou dizendo é que não importa o que aconteça, ele não vai ficar com a nossa bebê. Eu não vou deixar isso acontecer, quer você e eu estejamos casados ou não. Mas eu quero que você seja minha esposa. Eu quero ser o verdadeiro pai desta bebê.

Ela soluça e balança a cabeça.

— Ok, eu me caso com você. — Ela levanta a mão. — Mas se você quiser seguir em frente, quiser que isso acabe, eu vou entender. Não vou esperar pelo para sempre.

Não vou discutir com ela. Tudo o que importa agora é o fato de que ela concordou em se casar comigo. Inclino a cabeça em seu colo e a abraço.

— Você não vai se arrepender, Ally. Prometo que não vai se arrepender de ter concordado em se casar comigo, nunca.

Eu me afasto e me levanto.

— Vamos, vou preparar um banho para você e então vamos nos deitar na cama e descansar.

Ela me puxa pela gola da minha camisa.

— Eu preciso de você, Austin. Não quero descansar. Eu quero esquecer o meu dia de hoje, e eu quero que você me ajude com isso.

Eu a ergo em meus braços.

— Baby, quando eu terminar, você não vai se lembrar de nada do dia de hoje. Só vai se lembrar de como eu a faço se sentir.

Ela encosta a bochecha no meu peito e a carrego escada acima. Ela finalmente cedeu. Vou garantir que ela e a bebê fiquem seguras. E eu vou conseguir o que eu quero. Ignoro a pontada de culpa que sinto. Sei que há coisas que preciso contar a ela, mas vou fazer isso em outra hora.

Capítulo 23



ALLY



Austin se ofereceu para fazer um casamento enorme. Queria comprar um vestido para mim e fazer uma festa grande, mas eu o convenci a não fazer nada disso. Eu só queria que fosse feito.

Isso foi há um mês. Sei que ser oficialmente uma Blaze vai oferecer um nível de proteção para mim e para a bebê, e é por isso que me casei com ele, mas há uma parte de mim que sabe que tenho mais motivos por querer me casar com Austin.

Mas assim que começo a pensar nesses motivos, eu os ignoro. Tenho dito a mim mesma inúmeras vezes que não vou me envolver em tudo isso, mas não consigo evitar. O jeito que ele me faz sentir. O jeito que ele faz questão de cuidar de mim e da bebê... droga... como eu poderia não me apaixonar completamente por ele?

Então agora aqui estou eu, completamente apaixonada pelo meu melhor amigo, que agora é meu marido, e preciso agir como se não estivesse. Austin nunca foi de compromissos. Eu o vi namorar ao longo dos anos, e assim que uma mulher queria mais, ele ia embora. Não, vou fazer o meu melhor para ir com calma.

Estou olhando para o anel no meu dedo quando Austin me cutuca.

— Arrependida?

Ignoro os olhares que recebemos das outras pessoas na sala de espera. Levanto meu dedo. O anel é enorme. Eu disse a ele várias vezes que ele poderia me dar algo pequeno, mas foi isso que ele me deu. Desde aquele dia, há um mês, me peguei olhando para ele várias vezes, sonhando acordada. Certamente não parece um anel que se dá a alguém que você sabe que planeja se divorciar algum dia. Esse é o pensamento que sempre entra na minha mente.

— Não, não estou arrependida de ter me casado com você. Como poderia? Você tem sido o marido perfeito.

Isso parece apaziguá-lo porque ele se derrete ao meu lado. Está com um braço em volta das minhas costas e o outro no meu joelho. Estou cercada por ele, mas aprecio a sensação de proteção que isso me dá.

— Sabe o sexo? — A mulher na minha frente gesticula para minha barriga.

Sorriso.

— Uma menina. Vamos ter uma menina.

O sorriso dela se ilumina.

— Eu também.

Olho para o assento vago ao lado da mulher e me preocupo que ela esteja aqui sozinha. Como se estivesse lendo minha mente, ela dá de ombros.

— Meu marido teve que trabalhar.

Balanço a cabeça.

— Já escolheu um nome?

Isso parece animar a mulher. Ela começa a falar fico em silêncio, ouvindo-a falar sobre nomes de bebês, quando a bebê deve nascer e como ela está um pouco assustada porque este é seu primeiro filho.

Faço perguntas e a encorajo a falar, sentindo que ela precisa disso. Quando a enfermeira chama meu nome, eu impulsivamente abraço a mulher. Eu sabia que era a coisa certa a fazer quando me afasto e ela está sorrindo para mim, mas enxugando uma lágrima do olho.

— Obrigada — ela me agradece. — Me desculpe por ter falado demais com você e seu marido.

Balanço a cabeça.

— Não falou não. Gostei de conhecê-la.

Depois de algumas breves trocas, Austin e eu passamos pelas portas para nossa consulta. Ele está me observando atentamente, e tento me concentrar nas perguntas que a enfermeira está me fazendo. Vou até o banheiro para coletar uma amostra e então me vejo na sala com Austin enquanto esperamos pelos médicos.

Assim que entro, Austin me entrega um cobertor fino como um lenço de papel.

— Você sabe o que fazer.

Pego-o das mãos dele e o coloco na cama. Nas últimas visitas, eles

me fizeram despir da cintura para baixo para me examinar. Austin me ajuda com meus sapatos e então tira minha calça e calcinha. Pega na minha mão e me ajuda a subir na maca. Posiciona o cobertor fino ao meu redor e então coloca as mãos na cama, ao lado dos meus quadris.

— Foi legal da sua parte lá fora. Aquela mulher precisava disso.

Dou de ombros, agindo como se não me incomodasse, mas incomodava. A verdade é que consigo me ver naquela mulher. Se não fosse por Austin, eu estaria aqui sozinha e provavelmente me agarraria à primeira pessoa que estivesse disposta a me ouvir falar também.

Austin coloca a mão sobre a minha.

— Você escolheu um nome?

Mordo meu lábio inferior.

— Sim, mas eu gostaria de ter certeza de que você iria ficar bem com isso.

Ele franze a testa, confuso

— Ficar bem?

— Kennedy — solto, e prendo a respiração.

Ele aponta o polegar para si mesmo.

— Você quer dar a ela meu nome do meio?

Levanto as mãos, incapaz de dizer o que ele está pensando.

— Não preciso. Sempre gostei do seu nome do meio. É um nome bonito. E você é meu melhor amigo... Então pensei que...

Minha voz some e ele segura meu rosto com ambas as mãos.

— É perfeito. Você é perfeita. Estou honrado que tenha escolhido meu nome, Ally.

Ele parece tão inseguro. Quase como se ele não achasse que merece ou algo assim. Pressiono a mão em seu peito, bem sobre seu coração. O baque constante contra minha palma me acalma.

— Austin, você sempre foi uma grande parte da minha vida. Sempre cuidou de mim. — Pego sua mão e a coloco sobre minha barriga.
— E da minha filha. Não importa o que aconteça no futuro, quero que ela sempre tenha um pedaço de você.

Ele respira fundo e abre a boca para dizer algo, mas a fecha quando alguém bate à porta. Austin se endireita e se move para o meu lado, envolvendo sua mão na minha novamente.

— Entre — ele responde com a voz rouca.

A porta se abre, e tanto o Dr. Parks quanto o Dr. Reynolds entram.

Temos vindo toda semana, e tinha presumido que esta consulta seria como as outras, mas ambos estão com expressões preocupadas.

— Como está se sentindo? — o Dr. Parks pergunta.

Ao mesmo tempo, vejo o Dr. Reynolds lançar a Austin um olhar de desculpas. Sento-me mais ereta.

— O que houve? O que está acontecendo?

Dr. Parks não me faz esperar:

— Há proteína na sua urina e a pressão está alta.

Abro a boca, mas ele me interrompe:

— Vai ficar tudo bem. A última coisa que precisamos é que você fique estressada. Vamos fazer o seguinte: vamos examiná-la e verificar a bebê, e então tomaremos uma decisão sobre o que acontece a seguir. Ok?

O médico mais velho é paciente e me dá um tapinha no ombro.

Austin me ajuda a deitar e coloco meus pés nos estribos. Com os olhos fechados, tento não me preocupar, mas é perda de tempo porque todos os cenários estão passando pela minha mente.

— Sentiu alguma contração?

— Não — Austin responde ao mesmo tempo em que eu digo:

— Sim, mas eu tinha certeza de que eram Braxton Hicks.

Austin olha para mim e agarro sua camisa, só querendo tocá-lo.

— Eu não queria incomodá-lo...

Ele se inclina e beija meus lábios, e então pressiona sua testa na minha.

— O que eu vou fazer com você?

O médico termina o exame e então pega o transdutor. Austin e eu olhamos para a tela, esperando para ver a pequena Kennedy.

Quando a bebê aparece e seus batimentos cardíacos preenchem a sala, suspiro aliviada. Ela está se movendo e parece que está chupando o polegar.

O Dr. Reynolds tira algumas fotos e então me entrega alguns lenços. Austin me ajuda a me limpar e então me ajuda a sentar.

Dr. Parks diz:

— Vamos deixá-la se vestir e nos encontraremos no meu consultório, ok?

— Ok... — gaguejo.

Austin é minha rocha. Ele me ajuda a me vestir, até mesmo a calçar minhas meias e tênis. Ele me ajuda a sair da mesa e passo o braço em volta

de mim, me aconchegando contra seu lado enquanto seguimos para o consultório do Dr. Parks. Antes de passarmos pelas portas, Austin beija minha testa novamente.

— Vai ficar tudo bem.

Concordo com a cabeça enquanto ele abre a porta e entramos. Nós nos sentamos e o Dr. Parks está sentado atrás de sua mesa, enquanto o Dr. Reynolds está encostado em outra. O Dr. Reynolds é o primeiro a falar:

— Primeiro de tudo, quero que saibam que está tudo bem. As coisas vão acontecer rápido, mas só quero que saiba que você e a bebê estão bem.

Engulo em seco e aperto a mão de Austin.

— O-ok — gaguejo.

O Dr. Parks se recosta na cadeira e junta as mãos.

— Então, sua pressão está alta e você já está dilatada em três centímetros. Além disso, como há proteína na sua urina, gostaríamos de induzir o parto.

Minha boca se abre.

— Agora?

Ele assente.

— Sim.

Balanço a cabeça.

— Mas ainda falta um mês.

— A bebê está com trinta e cinco semanas e já está com quase três quilos.

Olho para Austin, que olha para o Dr. Reynolds.

— E vocês dois concordam que isso...

Brandon o interrompe:

— Sim, é o melhor para a Ally e a bebê. — Ele sorri. — Vocês serão mamãe e papai até o fim do dia.

Ao ouvi-lo dizer isso, sinto um arrepio. Entendo que isso tem que ser feito, mas tudo o que consigo pensar e rezar é para que minha bebê fique bem. Ela tem que ficar.

— Ok, vamos fazer o que acharem melhor.

Assim que falo isso, as coisas acontecem bem rápido. Eles trazem uma cadeira de rodas e Austin me empurra pelos corredores que levam ao hospital. Pegamos o elevador até o andar da maternidade e estou de camisola e na cama do hospital em um piscar de olhos.

Austin está de pé ao meu lado.

— Tenho que contar aos meus irmãos. Eles nunca vão me perdoar se eu não fizer isso.

Concordo com a cabeça.

— Acha que eles vão querer vir?

Ele ri.

— Se acho que eles vão querer vir conhecer a sobrinha? Claro. — Ele levanta a mão. — Mas prometo que vou fazê-los esperar no saguão até ela nascer. Até lá, somos só eu e você, mas depois disso, não há promessas. Kennedy vai ter quatro tias e tios e um primo que vai disputar a atenção dela.

Ele está tentando me avisar, mas tudo o que faz é encher meu peito com uma sensação calorosa e aconchegante. Os Blazes são minha família agora, e as lágrimas que começam a encher meus olhos são porque sei que não importa o que aconteça, Kennedy terá uma família que a aceitará e a amará como se fosse deles.

— Obrigada, Austin. Não apenas por tudo que você faz por mim e pela Kennedy, mas também por como você me faz sentir. O fato de ter transformado um dos seus quartos de hóspedes em um quarto de bebê antes mesmo de eu me mudar já diz muito. Obrigada por... — Respiro fundo, sabendo que as palavras não são suficientes. — Por tudo.

Então ele me beija. Coloco a mão na parte de trás da cabeça dele porque não quero que isso acabe. Em seus braços, sinto que tudo vai ficar bem. Ele é minha calma e nunca vou querer deixá-lo.

Capítulo 24



AUSTIN



Foram alguns dias turbulentos. Meus irmãos apareceram como eu sabia que fariam. Eles levaram nossas malas para o hospital e concordaram em ficar na sala de espera até a pequena Kennedy nascer. Ally foi incrível. Ela deu à luz ao meio-dia e ficou acordada andando já naquela noite. Os médicos mantiveram Ally e Kennedy por alguns dias em observação. Queriam ter certeza de que Ally estava completamente saudável antes de liberá-la, e mesmo que eu tivesse que dormir em uma poltrona irregular, não me importei. Eu ficaria o tempo que precisássemos se isso significasse manter Ally saudável.

No terceiro dia, quando ambas receberam um atestado de saúde, arrumei nossa pequena família e nos levei para casa.

Ally está dormindo em nosso quarto e estou sentado no quarto de Kennedy, segurando-a no meu peito. Ela começou a arrulhar alguns minutos atrás, então pensei em pegá-la e deixar Ally descansar um pouco mais, mas do jeito que ela está se contorcendo, é óbvio que ela não quer esperar mais.

Eu a carreguei para o quarto ao lado e Ally levanta a cabeça.

— Desculpe, eu deveria tê-la pegado.

Eu rio.

— Por que você faria isso? Kennedy e eu tivemos um tempo de pai e filha, e já decidimos que ela não vai namorar até os vinte anos. Não é um alívio?

Ally ri. Seu cabelo ruivo está emaranhado e ela sorri para mim.

— Ah, sim, que alívio. Nem acredito que ela concordou com isso.

Coloco a bebê no peito de Ally. Ela perdeu toda a modéstia desde que se tornou mãe, e tudo o que posso fazer é me sentar e observá-las

enquanto Kennedy mama em seu peito.

A necessidade de tocar Ally é avassaladora, e eu me aproximo, levantando-a para poder me sentar atrás dela e então deixá-la se inclinar para trás em meu peito. Ela suspira enquanto descansa contra mim. Esta é a vida que eu sempre esperei e pensei que nunca teria. Estou determinado a absorver tudo isso.

A vibração do telefone na mesa de cabeceira nos assusta.

— É o seu — sussurro para ela.

Ela geme, mas é óbvio que ela está sorrindo.

— Provavelmente é a Natalie ou Elle, e se eu não atender, elas vão fazer seus irmãos ligarem para você para saber como estamos.

Pego o telefone, pronto para atender uma das minhas cunhadas, mas fico surpreso quando vejo o nome no identificador de chamadas.

— Quem é? — Ally pergunta.

— Gregory — respondo, e me odeio por fazer isso porque posso sentir todo o meu corpo tenso.

Atendo o telefone, mantendo minha voz agradável e suave, embora eu não sinta nada.

— Oi?

Há silêncio do outro lado da linha.

— *Uhm, posso falar com a Alison?*

Cerro os dentes e mantenho minha voz baixa. Odeio até mesmo ouvi-lo dizer o nome dela.

— Ela não pode atender o telefone. Nem agora, nem nunca.

— *Uhm, tenho alguns assuntos legais para falar com ela. Ou eu poderia simplesmente enviar um policial aí.*

— Espere — resmungo para ele.

Coloco o telefone no mudo. Forçando-me a relaxar, beijo a lateral do pescoço de Ally.

— Vai ficar tudo bem. Vou sair. Vou pedir para Elle e Huddy virem, ok?

Eu me levanto da cama com o telefone firmemente na mão. Eu me inclino, beijo o topo da cabeça de Kennedy e então beijo Ally.

— Prometo que vai ficar tudo bem.

Ally me agarra.

— Austin, por favor, não faça nada.

Forço um sorriso.

— Vai ficar tudo bem. Volto em algumas horas.

Espero até sair do quarto e então tiro o telefone do mudo.

— Você sabe com quem está falando?

Ele ri.

— *Austin, eu sei exatamente com quem estou falando, e não tenho medo de você. O fato é que essa criança é minha e eu tenho direitos.*

Cerro a mandíbula.

— Quer falar sobre seus direitos? Me encontre na 1201 Main Street em uma hora. Não se atrase. Falaremos sobre seus direitos.

Desligo e então começo a fazer algumas ligações. Primeiro para Huddy, que me promete que ele e Elle estão a caminho.

Então mando uma mensagem para meu advogado e digo para ele preparar os papéis de “rendição” que estarei lá em uma hora.

Então ligo para Ford porque não quero irritá-lo novamente. Sei que ele não pode fazer nada nessa situação, mas pelo menos preciso deixá-lo a par do que está acontecendo.

— *E aí, papaizinho?*

Deixo escapar um gemido enojado.

— Por favor, nunca mais me chame assim. Isso é tão estranho saindo da sua boca.

Ele ri.

— *Tá bom, papai, o que houve?*

Gemo.

— Ei, eu só queria te contar o que está acontecendo. O pai biológico de Kennedy ligou e quer estabelecer seus direitos paternos.

— *Porra!* — Ford exclama, e compartilho do mesmo sentimento.

— É, pois é. De qualquer forma, vou encontrá-lo no Brian em uma hora para tentar convencê-lo a abrir mão de seus direitos.

— *E o que eu posso fazer?*

Espio pela porta da frente, me perguntando onde Huddy está.

— Nada. Só não queria deixá-lo de fora de nada. Ele ameaçou mandar a polícia para cá, então pedi a Elle e Huddy para ficarem aqui com Ally e Kennedy. Eu só queria...

Ele me interrompe:

— *Já entendi, irmão. Encontro você lá.*

Estou prestes a dizer que ele não precisa ir, que eu mesmo posso lidar com isso, mas há uma parte de mim que se sente melhor sabendo que

meu irmão mais velho também estará lá. Suspiro.

— Obrigado, Ford, de verdade.

Encerro a ligação e Huddy está entrando à toda velocidade na minha garagem. Assim que estaciona, sai da caminhonete e vai até a porta do passageiro para ajudar Elle a sair. Ela se aproxima de mim e coloca a mão no meu ombro.

— Onde a Ally está?

— Lá em cima no quarto.

Ela assente e entra pela porta da frente. Huddy se aproxima de mim com um olhar intenso.

— Ok, pronto?

Coloco a mão em seu ombro.

— Preciso que fique aqui, Huddy.

Ele balança a cabeça.

— Eu vou com você, porra!

Coloco as mãos na cintura.

— Huddy, o Gregory disse que ia enviar a polícia para cá. Não sei se acredito nele ou não, mas não vou correr esse risco. Preciso que fique aqui e garanta que ninguém chegue perto de Ally ou Kennedy. Preciso ter certeza de que as duas estão bem para que eu possa fazer isso.

Ele suspira e estala os dedos. Huddy, depois de anos no Exército, é mais um cara de ação, e sei que ele odiará ficar sentado na minha casa, mas também sei que ele não deixará ninguém entrar que não deva.

Ele finalmente assente.

— Ok, tudo bem, eu fico.

Eu o abraço e ele me envolve com força antes de me soltar.

— Cuide disso, Austin. Ally e aquela garotinha são Blazes, e ninguém mexe com um Blaze.

Concordo com a cabeça.

— Pode deixar.

Dirijo até a cidade e estaciono em frente ao prédio do advogado. Sou o primeiro a chegar, passo pela secretária e vou direto para o escritório.

— Conseguiu? Está tudo pronto?

Ele ajeita os óculos no nariz e olha para mim.

— Você duvidou de mim?

Balanço a cabeça.

— Não, me desculpe. Estou apenas nervoso, só isso.

— É compreensível. Mas sim, todos os papéis estão prontos. Posso fazer as alterações que você julgar necessárias.

Pego a papelada e leio tudo rapidamente. Quando vejo o parágrafo sobre Gregory abrir mão de todos os direitos sem reivindicações futuras, paro de ler porque sei que Brian tem todo o resto correto. Ele é o advogado da nossa família há muito tempo e confio completamente nele.

O interfone toca e a voz da secretária de Brian enche a sala:

— *Gregory Harper está aqui para vê-lo.*

Brian aperta o botão do telefone.

— Mande-o entrar. — Ele se levanta em sua altura máxima e começa a ajeitar sua gravata. — Está pronto para isso?

Concordo com a cabeça enquanto Gregory entra pela porta.

Ele olha ao redor da sala.

— Cadê a Alison?

Cruzo os braços sobre o peito.

— Alison está em casa. A reunião é comigo.

Ele está com uma mão na porta, e temo que ele esteja prestes a sair quando vejo Ford atrás dele. Ford, Lucas e Beau entram, efetivamente empurrando Gregory para o centro da sala.

Gregory olha ao redor e juro que ele encolhe meio metro de tamanho. Ele começa a gaguejar.

— O que... eu queria... uhm, falar com a...

Eu o interrompo:

— Não diga o nome dela. Nem pense nela. Estamos casados agora. Ela é minha esposa.

Seu rosto se contrai.

— Não estão não, isso é uma grande mentira.

Eu rio.

— Acredite no que quiser, mas saiba que você nunca mais vai aborrecê-la. Não quero que diga o nome dela. Inferno, não quero que pense nela. Não vai entrar em contato com a minha esposa, ligar ou tentar falar com ela de forma alguma. Ela não quer vê-lo.

Ele está bravo, mas tenta se controlar.

— E minha filha... se eu não puder entrar em contato com a Ali...

Dou um passo em sua direção e ele reformula a frase:

— Como vou poder ver minha filha se não posso entrar em contato com a mãe dela?

— Você também não verá a minha filha.

Ele cerra os punhos ao lado do corpo.

— Ela não é sua... ela é...

— Não diga isso — digo a ele. Não tem como eu ficar aqui enquanto ele reivindica minha filha como sua. — É assim que vai ser. Brian está com os papéis para você assinar.

Ele balança a cabeça.

— Não vou assinar nada.

Eu apenas rio.

— Ah, acredite em mim, você vai assinar sim.

O maxilar dele está tenso e estou surpreso que ele esteja brigando comigo sobre isso. Já superei essa conversa, e quero que ela acabe.

— Quanto?

As sobrancelhas dele quase desaparecem na linha do cabelo.

— Quanto?

Concordo com a cabeça.

— Sim, quanto, e não aja como se quisesse fazer parte da vida da bebê. Nós dois sabemos que você não quer.

Ele olha para mim e depois para meus irmãos. Eles estão de pé, com os pés afastados na altura dos ombros e os braços cruzados sobre o peito. Sei exatamente o que ele vê quando olha para nós. É quase como se os cifrões estivessem brilhando em seus olhos.

Ele inclina a cabeça para o lado.

— Está disposto a me pagar para ficar fora da vida da bebê?

— Fora da vida de Ally e Kennedy — eu o corrijo.

A voz dele sai estrangulada, e é óbvio que ele está animado.

— Quanto?

— Duzentos mil.

Ele revira os olhos.

— Por favor, não me insulte.

Eu apenas rio.

— Sério, se você me perguntar, esse é o jeito mais fácil. Podemos sair daqui e, nas próximas semanas, podemos providenciar uma auditoria. Tenho certeza de que descobrirão que tudo no seu negócio de marketing está em ordem, certo?

Ele ergue o queixo para mim.

— Duzentos e cinquenta mil.

— Feito. Assine os papéis e passe os dados da sua conta ao Brian. O dinheiro estará na sua conta até o fim do dia. Certifique-se de ler tudo. Você não deve ter nenhuma interação com Ally ou Kennedy.

Ele dá uma olhada rápida nos papéis e os assina.

— Eu sabia que conseguiria tirar dinheiro de você. Eu não queria nenhuma relação com elas.

Eu o alcanço, mas Ford me impede.

— Ele não vale a pena, Austin. Ele já assinou e agora nunca mais vai pisar em Whiskey Run. Se ele fizer isso, terá que lidar com todos nós.

Gregory olha para cada um dos meus irmãos e sei que somos um bando intimidador.

— Feito.

Assim que Brian lhe entrega as cópias do que ele acabou de assinar, Gregory sai pela porta.

Cada um dos meus irmãos me parabeniza e aceito seus abraços, mas estou pronto para sair daqui. Quero abraçar minha esposa e minha filha.

Capítulo 25



ALLY



Aprecio o que Elle e Huddy estão tentando fazer. Eles me mantiveram ocupada e fizeram o melhor para manter minha mente longe das coisas, mas tudo o que consigo pensar é em Austin. Não ficaria nem um pouco surpresa se ele chegasse em casa e dissesse que estava cansado e que sou mais problema do que valho. Mas mesmo pensando assim, sei que isso não vai acontecer.

Finalmente, cerca de três horas depois que Austin saiu, eu o ouço entrando pela porta da garagem. Saio do meu assento e corro em direção a ele sem nem pensar. Kennedy está segura nos braços de Elle, me libertando para agir por impulso.

Assim que ele se afasta da porta, mergulho em sua direção. Ele me pega facilmente, me puxando para cima em seus braços.

— Ei, ei, estou bem. Está tudo bem.

Suspiro aliviada.

— Estou tão feliz que você chegou. Estava tão preocupada.

Ele me pega e me carrega até a poltrona reclinável. Ele se senta, me embalando em seu colo. Eu deveria estar envergonhada, mas não estou nem um pouco. Na verdade, eu me acomodo nele e me deleito da sensação de seus braços ao meu redor.

Austin olha para o irmão e cunhada e de volta para mim.

— Ele assinou os papéis. Nós nunca mais teremos que vê-lo.

— Mas e quanto a...?

Ele me interrompe:

— Não, não há nenhum mas. Ele abriu mão de todos os direitos. Ele nunca poderá ter nenhuma reivindicação sobre Kennedy. O advogado incluiu você. Ele também não pode falar com você.

Deito minha cabeça em seu peito. Elle, Huddy e Austin conversam ao meu redor, mas me desligo de todos. Tudo o que importa para mim é que Kennedy é minha, e Gregory nunca poderá tirá-la de mim.

Elle se aproxima de mim e coloca Kennedy em meu peito. Agradeço a ela e a Huddy, e eles vão embora depois de nos dizer para ligar se precisarmos de alguma coisa.

— Me diga a verdade, Austin, você pediu para ele assinar os papéis e ele simplesmente assinou? Foi tão fácil assim?

— Dei dinheiro a ele.

Levanto a cabeça.

— Espera, o quê? Você deu dinheiro a ele?

Ele balança a cabeça.

— Ally, ele não sairia de lá sem assinar aqueles papéis.

— Quanto você teve que para dar a ele?

Ele tira meu cabelo do rosto.

— Não importa.

Eu me sento em seus braços, segurando um Kennedy adormecida contra meu peito.

— Importa sim. Quanto?

— Duzentos e cinquenta mil.

Minha boca se abre e murmuro as palavras. Duzentos e cinquenta mil. Bato em seu peito com minha mão livre.

— Austin, eu sinto muito. Eu não posso...

Ele se inclina para frente e pressiona seus lábios na minha testa.

— Se está prestes a dizer algo sobre me devolver esse dinheiro, é melhor guardar isso para si. Eu disse que protegeria você e Kennedy, e falei sério.

Sem palavras, não sei o que dizer ou fazer. Mil pensamentos correm pela minha mente, mas não dou voz a nenhum deles.

Austin passa os dedos suavemente contra a bochecha de Kennedy.

— Você poderia deitá-la? Acho que precisamos conversar.

Engulo um soluço, tendo uma ideia do que se trata. É como se meus pensamentos estivessem se tornando realidade, e ele fosse me dizer que isso é demais para ele. Eu me esforço para sair de seu colo e carrego Kennedy até o berço perto do sofá. Eu me inclino, respirando seu cheiro doce e inocente antes de voltar para o sofá e me sentar na beirada dele.

— Sobre o que você quer falar?

Austin está andando de um lado para o outro na minha frente e, quanto mais ele faz isso, mais nervosa fico.

— Austin, pare. O que foi? Está me assustando.

Ele para na minha frente e olha para mim antes de se sentar ao meu lado. Ele passa a mão pelo meu cabelo.

— Você é tão linda, Ally.

Eu sorrio e rio.

— Ok, isso não parece tão ruim.

Coloco a mão em seu antebraço e sinto o inchaço de seus músculos com meu toque. Ele cobre minha mão com a sua e a aperta.

— Como eu disse, preciso te dizer uma coisa.

— Ok, estou pronta.

Ele pigarreja.

— Eu te amo, Ally.

Sinto o calor de um rubor cruzar minhas bochechas.

— Eu também te amo, Austin.

Ele balança a cabeça e se aproxima de mim.

— Não, eu realmente te amo. Eu sempre te amei. Desde que éramos mais jovens, eu queria ser seu homem.

Eu me afasto dele.

— Não minta para mim, Austin.

Ele deixa sua mão cair da minha enquanto expira.

— Não estou mentindo para você. Durante todos esses anos, desejei que pudéssemos ser mais que amigos.

Cerro o punho no meu colo.

— Mas por que nunca me disse nada? Por que não me contou?

Seu sorriso tem um toque de tristeza.

— Porque eu não poderia te dar a única coisa que você sempre quis.

Examino seu rosto e começo a gaguejar:

— O que... mas... Do que você está falando? O que acha que não poderia me dar?

Ele olha para Kennedy e seu rosto se suaviza, mas suas palavras saem duras e arrependidas.

— Eu não poderia te dar um filho, Ally.

— O quê? Como assim?

Ele balança a cabeça e olha para as mãos no colo.

— Você se lembra de quando estávamos no ensino médio e me

machuquei no segundo ano?

Tento me lembrar de tantos anos atrás.

— No jogo de baseball?

Ele assente.

— Isso, foi pior do que deixei transparecer. Não posso...

Ele deixa a voz sumir, mas entendo o que ele está me dizendo.

— Mas eu não entendo... o que isso tem a ver com você e eu?

Ele ergue os olhos para os meus.

— Ally, você sempre falou sobre querer ter uma família. Falava sobre engravidar e ter filhos, e eu sabia que não poderia fazer isso por você, embora eu quisesse mais do que tudo. Achei que estava fazendo a coisa certa, e fiz, porque não há como negar que ter Kennedy vale a pena.

Balanço a cabeça, sem entender.

— Mas eu não entendo. Não faz sentido. Se isso fosse verdade, Austin, então você não teria me pedido em casamento. Você não teria insistido para que nos casássemos.

Seu corpo inteiro estremece quando ele começa a falar:

— Pensei que estava sendo um bom amigo ao ficar de lado enquanto você namorava outros homens. Queria que fosse feliz, mas porra, Ally, sabendo que você estava com outro homem, sabendo que eu poderia perdê-la para sempre, eu não poderia fazer isso. Fui egoísta, e sei que deveria ter lhe contado tudo isso antes de praticamente lhe forçar a se casar comigo, mas não fiz.

Estou quieta, tentando organizar meus pensamentos, sabendo que o que estou prestes a dizer pode mudar tudo e qualquer coisa entre nós.

Capítulo 26



AUSTIN



Ela vai pôr um fim em tudo. Ela vai embora e não sobreviverei. Eu me ajoelho no chão na frente dela.

— Me escute, Ally, eu te amo, e sei que não sente o mesmo por mim. Sei que fiz tudo errado, mas quero que seja feliz. Acho que você tem duas opções.

Ela ergue o queixo para mim.

— Ah, é? Duas opções, hein? Bem, já que parece que você tem toda a minha vida planejada, então por favor, me diga quais são essas minhas duas opções.

Ela está brava. Sabia que ficaria. Ally e eu sempre fomos honestos um com o outro, e eu sabia que ela não iria aceitar bem que eu tivesse mentido para ela todos esses anos.

Há uma dor no meu peito e sei que é do meu coração partido em dois.

— Então, não importa qual das duas você escolha, saiba que você e Ally serão cuidadas. Gregory está fora de cena e não vai te causar problemas.

Ela cruza os braços sobre o peito. Quero puxá-la para os meus, mas resisto.

— A primeira: você se divorcia de mim. Poderá morar em uma casa na rua de baixo e eu ainda estarei aqui para você e Kennedy.

Ela rosna e ergue o nariz para mim, e continuo:

— A segunda: você continua casada comigo, permitindo que eu te prove pelo resto de nossas vidas o quanto eu te amo e o quão importante sua felicidade é para mim. Você me deixa ser o pai de Kennedy de verdade. E quando quiser mais filhos no futuro, podemos adotar ou o que você quiser

fazer.

Ela se inclina para frente.

— Então você está me dando uma opção.

Concordo com a cabeça, mas então a balanço negativamente. Eu queria ser o melhor homem de todos. Quero colocar as escolhas dela antes das minhas, mas o medo de ela me deixar é demais para mim.

— Porra, eu quero, Ally, eu quero que você tenha o que quer, mas a verdade é que não consigo deixar você e Kennedy irem embora. Você tem uma opção e essa opção sou eu. Se precisar de tempo, eu te dou isso, mas eu não posso deixá-la ir embora. Por favor, não me peça isso.

Ela se levanta e fica de pé sobre mim. Eu me levanto da minha posição agachada e o medo de que ela esteja prestes a se afastar de mim me faz agarrar seus braços para mantê-la parada. O olhar que ela está me dando torna impossível saber o que ela está pensando.

— Ally, fale comigo, por favor.

Ela ergue os olhos e me examina.

— Quero ficar brava com você por ter mentido para mim, por pensar que você não era o suficiente para me fazer feliz. Quero ficar brava por todo o tempo que desperdiçamos, mas não consigo.

— Não consegue?

Ela balança a cabeça e aponta para o berço.

— Se as coisas tivessem sido diferentes, não teríamos a Kennedy, e nós dois sabemos que, mesmo que isso tenha nos levado por caminhos diferentes, chegamos até aqui. Temos um ao outro, temos nossa filha. Não consigo ficar brava com você porque tenho que acreditar que tudo isso aconteceu por um motivo.

Eu a alcanço, puxando a bainha de sua blusa na minha direção.

— E os futuros bebês? E quanto a eles? Você vai ficar ressentida comigo, Ally?

Ela segura meu queixo.

— Seu idiota. Eu nunca poderia ficar ressentida com você por isso. Eu amo nossa pequena família, e se for para termos mais filhos, isso vai acontecer. Como, não importa para mim. Tudo o que importa é que estou com você agora e não quero te perder. — Ela respira fundo e solta o ar lentamente. — A segunda. Eu teria escolhido a segunda opção.

Ela mal consegue dizer as palavras e já estou puxando-a para mim, envolvendo meus braços em volta de seu corpo exuberante. Ela se enterra

em mim e beijo o topo de sua cabeça.

— Porra, eu te amo, Ally. Sempre amei e sempre a amarei.

Ela ergue os olhos para olhar nos meus.

— Eu te amo, Austin. Sempre amei e sempre o amarei.

Nossos lábios se encontram e devasto sua boca, colocando todas as emoções que senti hoje neste beijo. Ela inclina a cabeça para o lado, e aprofundo o beijo, querendo consumi-la. Poderia me perder em nós até ouvir o gemido suave de Kennedy.

Ally levanta a cabeça para olhar para mim. Seus lábios estão inchados e seu cabelo desgrenhado. Ela olha para a bebê e depois para mim.

— Me desculpe, tenho que amamentá-la.

Concordo com a cabeça.

— Nunca se desculpe comigo, Ally. Nós temos toda a eternidade. Sente-se que eu a pego.

Ela se senta e vou pegar Kennedy. Sentimentos explodem dentro de mim enquanto a seguro em meus braços. Com ela e Ally na minha vida, eu quero ser um homem melhor... o melhor de todos.

Beijo a cabeça de Kennedy e a coloco nos braços da mãe, que estava esperando por ela, e a segura contra o peito. Kennedy imediatamente a pega, e me sento e puxo Ally contra mim. Não levo levianamente o fato de ter todo o meu coração em meus braços.

Epílogo



ALLY



Chego em casa do salão e passo correndo pela porta. Esperava chegar em casa antes que Kennedy fosse dormir, mas sei que não consegui.

Depois de tirar os sapatos na porta da frente, largo minha bolsa no balcão da cozinha e subo as escadas, praticamente correndo em direção ao quarto dela, mas assim que chega à porta, eu paro.

Austin está sentado na cadeira de balanço com ela adormecida contra seu peito nu. Eu poderia vê-los juntos por horas. Já fiz isso muitas vezes.

Eu me inclino na porta com meus braços cruzados sobre o peito.

Austin abre os olhos lentamente e sorri para mim. Com um sussurro, ele diz:

— Você chegou. Tentei mantê-la acordada, mas ela não aguentou.

Concordo com a cabeça.

— Está tudo bem. Foi o único dia em que trabalhei esta semana. Estou bem — eu o tranquilizo.

Austin me disse inúmeras vezes que me apoiaria em qualquer decisão que eu tomasse. Não se importava se eu nunca mais trabalhasse um dia sequer na minha vida, ou se eu escolhesse voltar para minha rotina normal, ele sempre me apoiaria. A decisão foi minha. No final, eu sabia que não queria ficar longe de Kennedy — ou dele — o tempo todo, então tomei a decisão de trabalhar apenas um dia por semana. No entanto, nesse dia, eu trabalharia literalmente o dia todo.

— Como foi passar o dia todo com um bebê? Você está bem? — sussurro para ele.

Ele dá de ombros e tenho que admitir que ele parece completamente revigorado e feliz.

— Estou bem. Meus irmãos se revezaram para vir aqui hoje, então eu e Kennedy ficamos bem ocupados. — Ele olha para mim timidamente. — Além disso, Natalie, Elle e Isabella vieram, então sim, eu praticamente fiquei sentado aqui o dia todo. — Ele gesticula para Kennedy em seus braços. — E ela, essa pequena traidora, comeu tudo. Eu tinha certeza de que ela odiaria ter meus irmãos ou as garotas segurando-a, mas nãããão, ela gostou de cada minuto.

Entro no quarto e me sento no braço da cadeira.

— Você está com ciúme.

Ele dá de ombros.

— Sim, estou, mas é uma sensação boa também. Essa garotinha tem muitas pessoas que a amam.

Coloco minha mão no peito.

— Sim, ela tem.

Austin inclina a cabeça contra mim.

— Além disso, só para você saber, Natalie entrou em trabalho de parto.

Pulo do braço da cadeira e olho para ele.

— O quê? Austin, precisamos estar lá, certo? Deveríamos ir. Ou você deveria ir.

Ele balança a cabeça e se levanta. Ele beija o topo da cabeça de Kennedy antes de colocá-la no berço. Ele se endireita e me alcança.

— Deveríamos ir, mas já disse a eles que estaríamos lá amanhã. Nós vamos quando levantarmos de manhã.

Não me parece certo.

— Austin, sua família está...

— Minha família está bem aqui — ele me interrompe.

Coloco a mão em seu peito, deixando suas palavras passarem por mim. É sempre incrível para mim que ele consiga me acalmar com suas palavras.

Ele envolve sua mão na minha e entrelaça nossos dedos. Puxo sua mão para meu colo e passo meu outro dedo nas costas de sua mão.

— Então, é assim que pensou que passaria suas noites de sexta-feira?

Ele solta minha mão e então leva seus dedos até meu rosto. Inclino a cabeça em suas mãos.

— Você está me perguntando se eu achava que passaria minhas

noites de sexta-feira com minha filha contra meu peito? Ou que eu ficaria esperando em casa, contando os minutos até que minha linda esposa e melhor amiga chegasse e olhasse para mim como se eu tivesse acabado de pendurar a lua? — Ele sorri e balança a cabeça. — Não, Ally, eu sonhei com isso. Eu queria isso mais do que qualquer coisa que eu já quis na minha vida, mas não, eu nunca me deixei acreditar que teria isso. Você fez minha vida ser o que ela é, e ela é perfeita.

Passo as mãos pelo cabelo dele.

— Meu Deus, como eu te amo, Austin. Não tenho certeza do que fiz para merecê-lo, mas nunca vou lhe dar por garantido.

Ele assente.

— Eu também te amo, baby. — Ele gesticula para a bebê. — E você? Achou que passaria suas noites de sexta-feira assim?

Dou de ombros.

— Bem, o clube do livro está combinando a próxima excursão, e elas vão à uma casa de swing.

Tento conter um sorriso, esperando por sua resposta, e ele não me decepçiona:

— Você não vai à uma casa de swing sem mim.

Eu rio e balanço a cabeça.

— Tenho tudo que quero aqui, Austin. — Puxo sua mão. — Vou para a cama. Vem comigo?

Balanço as sobrancelhas para ele e suas narinas dilatam.

— Claro, baby, já estou indo.

Beijo Kennedy na cabeça e saio do quarto. Uma das minhas partes favoritas de cada dia é quando estou deitada nos braços de Austin. Sei que demorou muito para chegar aqui, mas valeu a pena. Nós valemos a pena.

FIM!

Não esqueça de avaliar este livro!

Sobre a autora



A autora best-seller do USA Today, Hope Ford, é conhecida por seus romances quentes, doces e satisfatórios.

As histórias de Ford apresentam homens alfa e histórias de amor instantâneas, garantindo que cada jornada termine com um inabalável final feliz. Você está preparado para embarcar em uma aventura inesquecível? É hora de transformar a luxúria em amor com Hope Ford.

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/authorhopeford

www.facebook.com/authorhopeford

www.tiktok.com/@authorhopeford

www.x.com/AuthorHopeFord

www.authorhopeford.com



<https://www.grupoeditorialfive.com>

<https://www.instagram.com/editorafive>

<https://x.com/EditoraFive>

<https://tiktok.com/@editorafive>

SÉRIE
WHISKEY MEN



Sempre
SEU

AUTORA BEST-SELLER DO *USA TODAY*

HOPE FORD

